

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

**«AMEI-TE
COM UM AMOR ETERNO,
TIVE PIEDADE
DO TEU NADA»**



RIMINI 2016

«AMEI-TE
COM UM AMOR ETERNO,
TIVE PIEDADE
DO TEU NADA»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2016

Texto original em italiano.
Tradução: Cláudio Cruz
Revisão: Maria Ramos Ascensão

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título: “Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jr 31,3), Sua Santidade o Papa Francisco, enviando o seu cordial pensamento e os seus votos, relembra que o Jubileu da Misericórdia é ocasião propícia para redescobrir a beleza da fê que coloca no seu centro o amor misericordioso do Pai tornado visível no rosto de Cristo e sustentado pelo Espírito que conduz os passos dos crentes nas vicissitudes da história.

A misericórdia é a via que une Deus e o homem, abrindo o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar do limite do nosso pecado. O Santo Padre deseja que todos os que seguem o carisma do saudoso monsenhor Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia, professando-a e encarnando-a na vida através das obras de misericórdia corporais e espirituais, e sejam sinal da proximidade e da ternura de Deus, para que a sociedade hodierna redescubra a urgência da solidariedade, do amor e do perdão.

Ele invoca a proteção celeste da Virgem Maria e, enquanto pede que rezem pelo seu ministério petrino, confere-lhe de coração, e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a a todos os que estão ligados via satélite e a toda a Fraternidade.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
29 de abril de 2016

Sexta-feira, 29 de abril, noite

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Requiem in ré menor, KV 626

Herbert von Karajan – Filarmónica de Viena

“Spirto Gentil” n. 5, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Não há ato verdadeiro da nossa vida consciente que não parta da consciência de sermos pecadores. «Estamos aqui porque reconhecemos antes de tudo esta verdade: que somos pecadores. Se vocês acham que são honestos, não é este o lugar para onde deviam vir: seria de todo inútil», dizia-nos Dom Giussani, porque «a consciência de sermos pecadores é a primeira verdade do homem que age na vida e na história».¹ Pecadores, ou seja, necessitados. É desta necessidade que surge o grito, a pergunta, como acabamos de ouvir no *Requiem* de Mozart: «*Salva me, fons pietatis*».² Como dizia o publicano, do fundo do templo: «Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!».³

Peçamos ao Espírito que nos dê a consciência desta necessidade da Sua misericórdia.

Vinde Espírito Santo

Começamos estes nossos dias com a leitura da mensagem que nos enviou o Papa Francisco:

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título: “Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jr 31,3), Sua Santidade o Papa Francisco, enviando o seu cordial

¹ “*Questa cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda*”, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Apontamentos das meditações [de Luigi Giussani], Rimini 1993, supl. a *Litterae communionis-CL*, n. 6, 1993, p. 5.

² W. A. Mozart, *Requiem in ré menor*, KV 626, III. *Sequentia*, n. 3 *Rex Tremendae*, CD “Spirto Gentil”, n. 5.

³ Lc 18,13.

pensamento e os seus votos, relembra que o Jubileu da Misericórdia é ocasião propícia para redescobrir a beleza da fé que coloca no seu centro o amor misericordioso do Pai tornado visível no rosto de Cristo e sustentado pelo Espírito que conduz os passos dos crentes nas vicissitudes da história.

A misericórdia é a via que une Deus e o homem, abrindo o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar do limite do nosso pecado. O Santo Padre deseja que todos os que seguem o carisma do saudoso monsenhor Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia, professando-a e encarnando-a na vida através das obras de misericórdia corporais e espirituais, e sejam sinal da proximidade e da ternura de Deus, para que a sociedade hodierna redescubra a urgência da solidariedade, do amor e do perdão.

Ele invoca a proteção celeste da Virgem Maria e, enquanto pede que rezem pelo seu ministério petrino, confere-lhe de coração, e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a a todos os que estão ligados via satélite e a toda a Fraternidade. Cardeal Pietro Pappalardo, Secretário de Estado de Sua Santidade».

«Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor!” Simão Pedro, ao ouvir dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava nu, e lançou-se à água». Estando com ele, «nenhum dos discípulos ousava perguntar-Lhe: “Quem és tu?”, sabendo que era o Senhor». ⁴

«Estando com eles à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lho deu. Abriram-se os seus olhos e reconheceram-n’O; mas Ele desapareceu da vista deles. Disseram então um para o outro: “Não é verdade que nós sentíamos abraçar-se-nos o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”». ⁵

Os relatos das aparições de Cristo ressuscitado registam constantemente o espanto dos discípulos ao vê-Lo vivo diante deles. É a Sua presença viva que domina, determinando o seu ser e o seu agir.

É comovente ver como Jesus se debruça sobre a necessidade deles, sobre a desorientação que neles deixou a Sua paixão e morte: Ele responde ao medo, ao choro, à solidão, às dúvidas, à saudade dos discípulos com a Sua presença. De onde nasce esta urgência deles? Depois de tudo o que tinham visto e vivido durante anos, por que razão é tão premente a necessidade deles? Porque toda a história vivida com Jesus, os três anos

⁴ Jo 21,7-12.

⁵ Lc 24,30-32.

passados com Ele, os factos vistos, as palavras ouvidas não são suficientes para responder à necessidade presente deles.

A lembrança de um passado, por mais fascinante que seja, não basta para enfrentar o agora presente. E, com efeito, os discípulos de Emaús diziam entre si: «Nós esperávamos que Ele fosse o que havia de libertar Israel; depois de tudo isto, é já hoje o terceiro dia, depois que as coisas sucederam!».⁶ Todos os sinais vistos, a convivência deles e o ter comido e bebido com Ele não conseguiram vencer o desconcerto, o medo e a solidão. Isso ficará sempre ilustrado pelo choro de Maria Madalena. Só a Sua presença viva constitui uma resposta à altura da necessidade deles. E assim é revelada aos discípulos, através da experiência deles, a própria natureza do cristianismo. O cristianismo não é uma doutrina, uma ética, um sentimento, mas o facto de uma Presença presente, que domina o olhar de quem a intercepta, uma Presença cuja única preocupação é mostrar-se, invadir a vida dos Seus amigos, a ponto de fazê-los experimentar uma vida sem medo, sem tristeza, apesar de Ele não estar com eles como estava antes de morrer.

Aquela Presença viva é o que eles têm em comum. Aquela Presença constitui o único fundamento verdadeiro da sua comunhão. E é justamente esta experiência que os torna mais conscientes da sua diferença.

1. O estilo de Deus

Esta forma de agir de Deus, este facto de Se revelar a eles depois da ressurreição, que os fazia ser tão diferentes de todos os outros homens, torna ainda mais premente a pergunta feita por Judas Tadeu durante a Última Ceia: «Porque te hás de manifestar a nós e não te manifestarás ao mundo?».⁷ Retomando esta pergunta no seu livro sobre Jesus, Bento XVI acrescenta: «Porque é que não Te opuseste com força aos teus inimigos que Te levaram à cruz? Porque não lhes demonstraste, com vigor irrecusável, que Tu és o Vivente, o Senhor da vida e da morte? Porque é que Te mostraste apenas a um pequeno grupo de discípulos, em cujo testemunho temos agora de nos fiar? A pergunta, porém, diz respeito não só à ressurreição, mas a todo o modo como Deus se revela ao mundo. Porquê só a Abraão e porque não aos poderosos do mundo? Porquê só a Israel e não, de modo indiscutível, a todos os povos da terra?».⁸

⁶ Lc 24,21.

⁷ Jo 14,22.

⁸ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Lisboa, Principia, 2011, p. 224.

E eis a sua resposta: «É próprio do mistério de Deus agir deste modo suave. Só pouco a pouco é que Ele constrói na grande história da humanidade a *sua* história. Torna-se homem, mas de modo a poder ser ignorado pelos contemporâneos, pelas forças respeitáveis da história. Padece e morre e, como Ressuscitado, quer chegar à humanidade apenas através da fé dos Seus, aos quais se manifesta. Sem cessar, Ele bate suavemente às portas dos nossos corações e, se Lhas abirmos, lentamente vai-nos tornando capazes de “ver”»⁹ e, então, de entender.

Neste ponto, Bento XVI observa: «Contudo, não é este precisamente o estilo divino? Não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor. E, pensando bem, o aparentemente mais pequenino não é o realmente grande? Porventura não irradia de Jesus um raio de luz que cresce ao longo dos séculos, um raio que não podia provir de nenhum simples ser humano, um raio mediante o qual entra verdadeiramente no mundo o esplendor da luz de Deus? Teria o anúncio dos apóstolos podido encontrar fé e edificar uma comunidade universal se não operasse neles a força da verdade [a força do Alto]? Se ouvirmos as testemunhas com coração atento e nos abirmos aos sinais com que o Senhor não cessa de autenticar as Suas testemunhas e de Se atestar a si mesmo, então saberemos que Ele verdadeiramente ressuscitou; Ele é o Vivente. A Ele nos entregamos e sabemos que assim caminhamos pela estrada justa. Com Tomé, metamos a nossa mão no lado trespassado de Jesus e professemos: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,18)».¹⁰ É isto o que é perturbador, naquele tempo como hoje.

O ponto de partida dos discípulos era este facto indelével. A consciência deles era definida pela manifestação de Cristo, pelo encontro vivo com o Vivente. Mas precisamente este facto suscitava neles a pergunta: porque nos escolheste a nós? E esta pergunta escancarava-os para a consciência do método de Deus: escolher alguns (eleição, preferência) para chegar a todos, e do Seu modo de agir: um estilo suave. O estilo divino não é o de intervir com o poder da força, mas o de suscitar a liberdade sem forçar de modo algum. Péguy lembra-nos isso de forma assombrosa: «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente».¹¹

Este método de Deus – a consciência deste método – é particularmente importante neste momento, porque «hoje não vivemos uma época de

⁹ *Ivi.*

¹⁰ *Ivi.*

¹¹ C. Péguy, “II mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 343.

mudança, mas uma mudança de época»,¹² como diz o Papa Francisco; nos últimos anos, temos frequentemente regressado a este tema da mudança. A nova situação, caracterizada pelo colapso de muitas seguranças antigas, provoca em nós também, como nos discípulos, o desconcerto, o medo, as dúvidas sobre como encará-la.

Numa recente e surpreendente entrevista, Bento XVI pôs em evidência a chave – a dimensão crucial – desta mudança de época: «Para o homem de hoje, em relação ao tempo de Lutero e à perspectiva clássica da fé cristã [dominada pela preocupação com a salvação eterna], as coisas em certo sentido, viraram-se de cabeça para baixo [...]. Já não é o homem que acredita ter necessidade de justificação perante Deus, mas acha, isso sim, que é Deus que tem de se justificar [perante o homem] por causa de todas as coisas horríveis presentes no mundo e, diante da miséria do ser humano, por todas as coisas que em última análise dependeriam d'Ele».¹³

Estamos diante de uma autêntica inversão do ónus da prova. Agora é Deus quem tem de algum modo de justificar-se, já não é o homem: esta é a situação em que nos encontramos, esta é a «tendência de fundo do nosso tempo».¹⁴ Em certo sentido, é Deus quem deve justificar-se perante o homem, e não vice-versa; é Deus que, paradoxalmente – dito em termos positivos – tem de mostrar que está à altura do homem, do seu pedido, do seu grito. «As coisas em certo sentido, viraram-se de cabeça para baixo», inverteu-se o ónus da prova: esse ónus agora está a cargo de Deus. É Ele que tem de demonstrar que está ali para o homem, que lhe é indispensável para viver.

É impressionante como Dom Giussani identificou com antecedência os sinais e o alcance desta mudança epocal e fez dessa mudança a pedra angular do seu método. É como se Deus, Deus feito homem, e a Sua presença histórica, a Igreja, tivessem de se justificar perante os homens ou – com palavras que nos são mais familiares – é como se Deus, a Igreja, «tivessem de comparecer no tribunal onde tu és juiz através da tua experiência».¹⁵

Foi precisamente isto que caracterizou o começo do nosso movimento. Ao contrário de muitos outros, logo nos anos cinquenta Dom

¹² Francisco, *Discurso aos participantes do V Congresso da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015.

¹³ “Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede”. In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*. Cisinello Balsamo (MI): San Paolo, 2016, p. 127. Ver também: *L'Osservatore Romano e Avvenire*, 16 de março de 2016.

¹⁴ *Ibidem*, p. 128.

¹⁵ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 300.

Giussani constatou que o cristianismo, embora sendo o pano de fundo tradicional de toda a gente, já não exercia atração sobre os jovens com quem lidava em Milão e na escola. Era evidente para ele que Deus feito homem, Cristo, tinha novamente de «se justificar» perante aqueles jovens homens que não queriam saber de Deus, que consideravam, aliás, que deviam finalmente livrar-se d’Ele. O cristianismo, portanto, tinha que ser repropsto de acordo com a sua natureza: um acontecimento que reveste a vida agora e a muda.

Sem querer impor nada de fora, desde o primeiro dia de escola que Dom Giussani se submeteu ao tribunal dos seus alunos, que confiou a sua proposta ao juízo deles: «Não estou aqui para que vocês adotem como vossas as ideias que vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgarem as coisas que vos direi».¹⁶

Os elementos caraterísticos deste método resumem-se ao anúncio do cristianismo como acontecimento que se propõe à verificação da nossa experiência. Por isso, desde o início, como atesta o primeiro capítulo d’*O sentido religioso*, Dom Giussani torna os seus jovens interlocutores conscientes de que têm em si mesmos o critério para julgar a proposta que lhes fará: o coração.

E no terceiro volume do PerCurso (*Porquê a Igreja*) volta a afirmar que a proposta de Cristo, que chega hoje aos homens através da Igreja, «pretende medir-se» justamente com aquele critério de juízo, «pondo-se a si mesma à mercê da experiência humana autêntica. Ela submete a sua mensagem à aplicação dos critérios originários do nosso coração. Não requer cláusulas que se cumprem mecanicamente, entrega-se ao juízo da nossa experiência, ou melhor, exorta-a continuamente a percorrer o seu caminho na totalidade [...] A Igreja repete, com Jesus, que pode ser reconhecida como credível em nome da correspondência às exigências elementares do homem na sua expressão mais autêntica. É o que Jesus queria dizer com a frase, já citada, em que promete aos Seus discípulos “o cêntuplo” neste mundo». Continua Dom Giussani: «Portanto, é como se a Igreja dissesse ao homem: “Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarias em nenhum outro lugar”. A Igreja põe-se a si mesma à prova no fio da navalha desta promessa, propondo-se a todos os homens como prolongamento de Cristo».¹⁷

Qual é, então, a justificação de Deus perante o homem, perante nós? A justificação de Deus chama-se «correspondência», uma correspondên-

¹⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 20.

¹⁷ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Lisboa, Verbo, 2015, p. 249-250.

cia de outra forma impossível às exigências profundas e inextirpáveis do coração do homem, de todo o homem, do homem real, aquelas exigências pelas quais ele é perseguido, a despeito de si mesmo, por uma inquietude insanável depois de qualquer conquista. Deus justifica-se perante o homem por aquele «melhor», por aquele florescimento que Ele gera na vida, por aquela plenitude de humanidade que introduz na existência e que não é possível de obter pelo homem apenas com as suas próprias forças.

A Igreja, em suma, não faz batota, insiste Dom Giussani, porque «tudo o que diz e faz está totalmente à disposição da verificação de quem quer que seja. A sua fórmula é: experimenta tu, experimenta tu! Abandona totalmente a sua proposta ao conteúdo da tua experiência: és tu quem julga». E acrescenta: «Mais aberta do que isto, *morre-se!* [...] A Igreja não faz batota, no sentido de que não impõe nada que tu, se não estiveres convencido, sejas ainda assim obrigado a ter em conta».¹⁸

2. «Sinal dos tempos»

Como se pode então justificar a Igreja perante nós e perante os homens? É preciso identificar bem a questão, como Dom Giussani nos repetiu muitas vezes citando Niebuhr: «Nada é tão absurdo quanto a resposta a uma pergunta que não foi feita».¹⁹ É preciso identificar qual é o problema de hoje, para que a resposta seja entendida por cada um de nós como credível.

Qual é a pergunta de hoje, do homem de hoje? O Papa Bento XVI, na entrevista citada, identifica-a deste modo: «A percepção de que nós precisamos da graça e do perdão».²⁰ Por conseguinte, a Igreja poderá justificar-se perante o homem de hoje se responder a esta sua necessidade de graça e de perdão.

Esta é a razão que leva Bento XVI a afirmar: «Para mim é um “sinal dos tempos” o facto de a ideia da misericórdia de Deus se tornar cada vez mais central e dominante». Já «o Papa João Paulo II estava profundamente impregnado de tal impulso. [...] A partir das experiências em que, desde os primeiros anos de vida, ele veio a constatar toda a crueldade dos homens, ele afirma que a misericórdia é a única verdadeira e última reação eficaz contra o poder do Mal. Só onde há misericórdia é que termina a crueldade,

¹⁸ L. Giussani, *Una presenza che cambia*, Milão: Bur, 2004, p. 294.

¹⁹ R. Niebuhr, *Il destino e la storia*, Milão: Bur, 1999, p. 66.

²⁰ “*Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede*”, op. cit., p. 128.

terminam o mal e a violência». ²¹ João Paulo II não fez mais do que propor a misericórdia como única resposta verdadeira ao mal e à violência. «O Papa Francisco está totalmente de acordo com esta linha. A sua prática pastoral exprime-se justamente no facto de ele nos falar continuamente da misericórdia de Deus. É a misericórdia o que nos move para Deus [é a misericórdia o que nos atrai], ao passo que a justiça nos assusta [...]. A meu ver», continua este perspicaz observador que é Bento XVI, «isto deixa em evidência que sob o verniz da segurança de si e da própria justiça o homem de hoje esconde uma profunda consciência das suas feridas e da sua indignidade diante de Deus. Ele está à espera da misericórdia. Certamente não é por acaso que a parábola do bom samaritano é particularmente atraente para os contemporâneos. E não só por nela estar ela fortemente sublinhada a componente social da existência cristã», mas também porque, observa Bento, ela diz como «os homens, no seu íntimo, esperam que o samaritano venha em seu auxílio, que ele se debruce sobre eles, derrame óleo nas suas feridas, cuide deles e os leve para local abrigado. Em última instância, eles sabem que precisam da misericórdia de Deus e da sua delicadeza. Na dureza do mundo tecnicizado, no qual os sentimentos já não contam nada, aumenta porém a espera por um amor salvífico que seja dado gratuitamente. Parece-me que no tema da misericórdia divina se expressa de maneira nova aquilo que significa a justificação pela fé. A partir da misericórdia de Deus, que todos procuram, é possível também hoje interpretar desde o início o núcleo fundamental da doutrina da justificação e fazê-lo aparecer de novo em toda a sua relevância». ²²

Esta descrição de Bento XVI foi plenamente acolhida pelo seu sucessor. Identificando profundamente esta necessidade que todos temos da misericórdia de Deus, a genialidade do Papa Francisco foi ter proclamado um Ano Santo da Misericórdia. Há no Papa (assim como em João Paulo II e em Bento XVI, como acabámos de ver) uma profunda sensibilidade pelo homem contemporâneo, uma inteligência da sua condição, uma apreensão com as suas inquietudes e com as suas feridas, que com frequência surpreende e desconcerta, fora e dentro da Igreja, porque quebra as medidas do costume, os esquemas consolidados, de um lado e de outro.

À pergunta do entrevistador: «*Por que razão, segundo o Santo Padre, este nosso tempo e a nossa humanidade precisam tanto de misericórdia?*», o Papa Francisco responde: «Porque é uma humanidade ferida, uma humanidade que tem feridas profundas. Não sabe como as curar ou acredi-

²¹ *Ibidem*, p. 128-129.

²² *Ibidem*, p. 129.

ta que não é possível curá-las». É este, então, o drama que hoje se acrescenta: «Considerar o nosso mal, o nosso pecado, como incurável, como algo que não pode ser curado e perdoado. Falta a experiência concreta da misericórdia. A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de redenção, uma mão que te levanta, um abraço que te salva, te perdoa, te anima, que te inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que te volta a pôr no caminho certo».²³ Vê-se no Papa uma inteligência do problema e do caminho: de quais são as feridas e do que as pode curar, de como se podem curar.

O homem contemporâneo tem necessidade da «experiência concreta da misericórdia». Mesmo diante da desorientação do pensamento, que também fere muitas pessoas, o Papa sabe que não se pode recuperar a ontologia – ou seja, a verdade do ser humano, a consciência clara de si – simplesmente com um discurso correto sobre o homem ou com uma repetição do conteúdo da doutrina moral, mas só através da experiência da misericórdia, que pode escancarar a entender também a doutrina.

Por isso, para responder às feridas profundas do homem contemporâneo, o Papa não organizou um congresso sobre a misericórdia, não se limitou a propor uma reflexão sobre o tema, mas promoveu um gesto que nos permitisse, antes de mais, a nós, fazer a experiência da misericórdia durante um ano inteiro, acompanhando-nos na sua vivência com o seu chamamento contínuo.

Para intervir realmente nas aflições humanas, para responder ao homem concreto, com a sua carga de fragilidade, a Igreja – portanto cada um de nós – precisa, antes de tudo, de experimentar o abraço da misericórdia de Deus, de modo a poder comunicá-lo a todos os irmãos homens que encontramos ao longo do caminho.

É esta a finalidade do Jubileu da Misericórdia, em continuidade com o método «suave» de Deus: chegar a todos através dos Seus, ou seja, através da Igreja, a companhia daqueles que Ele escolhe e que O reconhecem. Propondo o Jubileu à Igreja, o Santo Padre mostra que não sucumbiu ao erro de dar por óbvio o sujeito que tem de testemunhar a misericórdia e o «lugar» em que ele é gerado.²⁴

²³ Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*. Lisboa, Planeta, 2016, p. 31-32.

²⁴ «A fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade» (Francisco, *Carta encíclica Lumen fidei*, §40).

Vê-se esta consciência da finalidade e do método em ação no próprio facto de fazer a pergunta: «*Porquê um Jubileu da Misericórdia? O que significa isto?*», e no modo de responder: «A Igreja» – ou seja, cada um de nós – «tem necessidade deste momento extraordinário. Não digo: é bom para a Igreja este momento extraordinário. Digo: a Igreja tem necessidade deste momento extraordinário. Na nossa época de profundas mudanças, a Igreja é chamada a oferecer a sua contribuição peculiar, tornando visíveis os sinais da presença e da proximidade de Deus. E o Jubileu é um tempo favorável para todos nós a fim de que, contemplando a Misericórdia Divina que supera todos os limites humanos [...] possamos tornar-nos testemunhas mais convictas e eficazes».²⁵ A finalidade é testemunhar. O método é a contemplação, quer dizer, a imersão na experiência da misericórdia, porque o primeiro a ser necessitado é o povo cristão, ou seja, nós, cada um de nós.

O que significa, em última instância, tudo isto para nós? «Dirigir o olhar para Deus, Pai misericordioso, e para os irmãos necessitados de misericórdia, significa prestar atenção ao *conteúdo essencial do Evangelho*: Jesus, Misericórdia que se fez carne, que torna visível aos nossos olhos o grande mistério do Amor trinitário de Deus». Portanto, «celebrar um Jubileu da Misericórdia equivale a pôr de novo no centro da nossa vida pessoal e das nossas comunidades o específico da fé cristã, ou seja Jesus Cristo, o Deus misericordioso».²⁶ Sim, insiste o Papa na *Bula de proclamação do Jubileu*, «Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré».²⁷ O Ano Santo, então é «para *viver a misericórdia*. Sim, caros irmãos e irmãs, este Ano Santo é-nos oferecido para experimentar na nossa vida o toque dócil e suave do perdão de Deus, a sua presença ao nosso lado e a sua proximidade sobretudo nos momentos de maior privação».²⁸ É Jesus resuscitado que se debruça sobre as nossas feridas hoje.

«Em síntese, este Jubileu é um momento privilegiado para que a Igreja aprenda a escolher unicamente “*o que mais agrada a Deus*”. E, o que “*mais agrada a Deus?*”, pergunta-se o Papa Francisco. «Perdoar os seus filhos, ter misericórdia deles a fim de que, por sua vez, também eles pos-

²⁵ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

²⁶ *Ivi*.

²⁷ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §1.

²⁸ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

sam perdoar os irmãos, resplandecendo como tochas da misericórdia de Deus no mundo. [...] O Jubileu será um “tempo favorável” para a Igreja, se aprendermos a escolher “*o que mais agrada a Deus*”, sem ceder à tentação de pensar que existe algo mais importante ou prioritário. Nada é mais importante do que escolher “*o que mais agrada a Deus*”, ou seja, a sua misericórdia, o seu amor, a sua ternura, o seu abraço, as suas carícias!».²⁹

E antecipando uma possível objeção, como que lendo o nosso pensamento, o Papa acrescenta: «Sem dúvida, alguém poderia objetar: “Mas Padre, neste Ano a Igreja não deveria fazer algo mais? É bom contemplar a misericórdia de Deus, mas há muitas necessidades urgentes!”. É verdade, há muito para fazer, e eu sou o primeiro que não me canso de o recordar. Mas é preciso ter em consideração que, na raiz do esquecimento da misericórdia, está sempre *o amor-próprio*. No mundo, ele assume a forma da busca exclusiva dos próprios interesses, de prazeres e honras unidas ao desejo de acumular riquezas, enquanto na vida dos cristãos se disfarça muitas vezes de hipocrisia e mundanidade. Tudo isto é contrário à misericórdia. Os impulsos do amor-próprio, que tornam alheia a misericórdia no mundo, são tantos e tão numerosos que muitas vezes nem sequer somos capazes de os reconhecer como limites e como pecado. Eis porque é necessário reconhecer que somos pecadores, para revigorar em nós a certeza da misericórdia divina. “Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!”. É uma oração muito bonita. É uma prece fácil de recitar todos os dias: “Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!”».³⁰

3. «Esperei-te dia e noite»

Cada um de nós tem agora a possibilidade de se comparar com esta palavra de autoridade do Papa Francisco, que coincide com a de João Paulo II e a de Bento XVI, como afirmou este último. A «raiz do esquecimento

²⁹ «Inclusive a necessária obra de renovação das instituições e das estruturas da Igreja é um meio que deve levar-nos a fazer a experiência viva e vivificante da misericórdia de Deus, a única que pode garantir que a Igreja seja aquela cidade posta sobre um monte que não pode permanecer escondida (cf. Mt 5, 14). Só resplandece uma Igreja misericordiosa! Se, por um só momento, nos esquecêssemos de que a misericórdia é “*o que mais agrada a Deus*”, todos os nossos esforços seriam vão, porque nos tornaríamos escravos das nossas instituições e das nossas estruturas, por mais renovadas que possam ser. Mas seríamos sempre escravos!» (Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015).

³⁰ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

da misericórdia» é a prevalência de outros interesses. Os profetas deslocam-nos sempre da posição em que estamos. Mas a nossa esperança é justamente estarmos disponíveis para nos deslocarmos.

Relendo estes textos, não pude deixar de pensar em como, numa situação particularmente desafiadora – que foi o início do 68, logo após a ocupação da Universidade Católica (da qual participaram muitos membros da GS) –, Dom Giussani identificou a essência da questão no facto de que nós não esperávamos o Senhor «dia e noite»; tínhamos outros interesses e coisas mais importantes para fazer além de «esperá-Lo dia e noite». Referindo-se àquela situação, Dom Giussani afirmava sem meias-palavras: «A inteligência da situação e das coisas para fazer [...] faltou-nos [...] porque não O esperamos dia e noite». Porquê? O que quer dizer que não O esperávamos? Significa que esperávamos outra coisa, que esperamos algo diferente disto, ou seja, que o nosso centro não era Cristo. «Assim – a meu ver – se O tivéssemos esperado dia e noite, até a postura dos nossos na convivência deles na Universidade Católica teria sido diferente; foi tão generoso, mas quão verdadeiro?». Para Dom Giussani, com efeito, «a verdade do gesto não nasce de uma astúcia política», mas «de esperá-Lo dia e noite; de outra forma o nosso discurso confunde-se com o dos outros e torna-se instrumento do discurso dos outros. Podemos fazer as nossas coisas e adotar como paradigma, sem o percebermos, o de todos, o paradigma oferecido por todos os outros. É por esperá-Lo dia e noite que se distingue o nosso discurso, [que se distinguem] as nossas ações».³¹

Não é uma questão de coerência ou de se ter já tudo claro. Porque se pode «esperá-Lo dia e noite» até na aproximação de todas as tentativas que são feitas, até descontando a própria pequenez. É uma questão de desejo, de espera. Alguma coisa, com efeito, é sempre esperada, desejada, afirmada como «última» em cada momento, «pelo simples facto de alguém viver cinco minutos»: ³² se não é Cristo o desejado, o esperado, é forçosamente outra coisa. Mas isto significa que é dessa outra coisa, não de Cristo e do encontro vivo com Ele, não da comunhão com Ele e da edificação da Sua presença no mundo, que esperamos uma mudança das coisas, da situação – pessoal ou social. O problema não é a imaturidade das tentativas que fazemos, mas se o desejo e a espera pela Sua presença são a fonte das nossas ações.

³¹ ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL MEMORES DOMINI (ASAEMD), *Documentação audiovisual*, Retiro de Advento do Grupo adulto, Milão, 19 de novembro de 1967; ver também A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Bur, Milão 2014, p. 391ss.

³² L. Giussani, *O sentido religioso*, Lisboa, Verbo, 2008, p. 83.

«Talvez [dizia novamente Dom Giussani, naquela mesma ocasião, em novembro de 1967] isto não seja dito explicitamente, mas desejamos algo além disto. Este não é um princípio – atenção –, não pode ser afirmado somente como princípio uma vez, deve ser um princípio recuperado todos os dias. Deve ser um *habitus* mental, deve ser uma mentalidade. Deve implicar tudo, o justo e o injusto, o mérito e o erro, o dia e a noite: “Esperei-te dia e noite”. Neste sentido, pensem, por favor, como a origem, no fundo, de tudo – quer a origem de uma possível deserção ou a diminuição dessa espera, ou o facto de esse desejo não criar um *habitus* mental, uma mentalidade –, como tudo depende do facto de se taparem os ouvidos diante da profecia que foi feita. Porque Deus manda o profeta para nos alertar. A vocação é sempre por meio da profecia, por meio da voz de um profeta, sempre. Entendem como na raiz está – e assim se concretiza, sem ser banalizado o desejo, o “Vem” de que falávamos antes – o não ouvirmos a nossa comunhão? Porque o grupo é a profecia, é o ponto de alerta, é o lugar de chamamento. Aqui está a raiz amarga, podre. E estranhamente, é justamente uma posição tão equívoca a que podemos ter também a respeito disto; porque valorizar o grupo não é valorizá-lo sentimentalmente, não é valorizá-lo como ombro a ombro, como calor perto de calor, mas como discurso»,³³ ou seja como juízo.

Dom Giussani não fez mais nada a não ser este apelo constante a esperá-Lo dia e noite, que é essencial para viver. Quantas vezes, diante das contínuas faltas de cada um de nós, da traição, nos chamou a atenção, sem escândalo: «Para percebermos o que é a traição, temos de nos lembrar da nossa distração, porque é uma traição passar os dias, as semanas, os meses... Vejam ontem à noite, quando é que pensámos n’Ele? Quando é que pensámos n’Ele seriamente, com o coração, no último mês, nos últimos três meses, desde outubro até agora? Nunca. Nunca pensámos n’Ele como João e André pensavam, ao vê-lo falar. Se nos perguntámos sobre Ele, foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de pesquisa, de clarificação, de esclarecimento. Mas pensar n’Ele como alguém que, verdadeiramente apaixonado, pensa na pessoa pela qual está apaixonado (mesmo isso raras vezes acontece, porque é tudo calculado na base do proveito que se tira), puramente, de maneira absoluta e totalmente desprendida, como puro desejo de bem...».³⁴ Como é raro que pensemos n’Ele como uma Presença presente, amada! Bastaria fazer a comparação

³³ ASAEMD, *Documentação audiovisual*, Retiro de Advento do Grupo adulto, Milão, 19 de novembro de 1967.

³⁴ L. Giussani, *É possível viver assim?*, vol. III, Coimbra, Tenacitas, 2007 p. 21-22.

com os discípulos nos dias seguintes à Páscoa, depois de O terem visto ressuscitado: o que dominava o seu pensamento, o que prevalecia no seu olhar? Estavam todos tomados por uma Presença que lhes tirava o medo e a tristeza. Uma pessoa escreveu-me: «Li por acaso esta carta simples de Emily Dickinson a uma amiga. Tocou-me, porque a senti descrever muito sucintamente a saudade de Cristo: “*Morning without you is a dwindled Dawn*” [A manhã sem ti é uma aurora diminuída]. Dentro de toda a confusão, só o afeto por Ele muda a vida, e sem Ele a vida tem menos graça – *a dwindled Dawn*».³⁵

Em 1982, aos participantes dos primeiros Exercícios da Fraternidade, olhando para os rostos de muitos presentes, pensando na frescura do encontro que os tinha conquistado e levado até ali, dizia: «Quem sabe se nos comovemos ainda, como nos comovíamos em Varigotti», ou seja, no início da GS. E continuava: «Vocês cresceram, mas enquanto asseguraram uma capacidade humana na vossa profissão, foi também possível um distanciamento de Cristo (relativamente à emoção de há tantos anos, de certas circunstâncias de há tantos anos, sobretudo). [...] É como se Cristo estivesse longe do coração».³⁶

E nós? Percebemos a urgência de sermos perdoados, voltados a abraçar, por todas as nossas quedas, pela nossa distração, pelo esquecimento conivente que invade os nossos dias, pela nossa traição, a nossa miséria? O que domina na nossa vida – no nosso pensamento e no nosso olhar – neste período de confusão, de desorientação? Sentimos a necessidade da Sua Misericórdia? São Bernardo expressa-o bem com esta frase: «O homem começa a sua verdade no reconhecimento da sua miséria».³⁷

Mas o reconhecimento da nossa miséria não é suficiente; assinala o começo da verdade sobre nós, mas não basta. Em muitas ocasiões, de facto, damo-nos conta do quão insuficiente é. É preciso alguém que suscite em nós a necessidade de sermos perdoados.

É a isto que nos chama o Ano da Misericórdia, como ocasião para nos tornarmos conscientes do quanto precisamos que Ele se debruce sobre as nossas distrações, sobre as nossas feridas, para nos atrair de novo, como aos discípulos depois do desconcerto da Sua paixão e morte. É

³⁵ Cf. “April 1885, (L 981)”. In: *The letters of Emily Dickinson*, Edited by Thomas H. Johnson, Associated Editor: Theodora Ward, Cambridge MA, The Belknap Press of Harvard University Press, 1958.

³⁶ Cf. L. Giussani, *A familiaridade com Cristo, Passos-Litterae Communionis*, n. 2, mar. 2007, p. 2.

³⁷ “*Primus veritatis gradus est, primum seipsum attendere, seu propriam miseriam agnoscere*” (São Bernardo de Claraval, *De gradibus humilitatis et superbiae*, PL 182, col. 948).

como se precisássemos daquilo que dizia Dostoiévski: «Não quererão antes castigá-lo de modo terrível, com o mais terrível castigo que se possa imaginar, mas que salve e ressuscite a alma dele para sempre? Se o quiserem, esmaguem-no com a misericórdia! Verão, ouvirão a alma dele a estremecer e a aterrorizar-se: “Como posso suportar esta misericórdia, como posso ser digno de tanto amor?”».³⁸ É o que Deus faz conosco: «esmaga-nos» durante um ano com a Sua misericórdia, para podermos chegar ao fim do ano com mais certeza desta misericórdia e assim podermos testemunhá-Lo.

Temos que crescer na «convicção da misericórdia». Por isso convém-nos ouvir a voz do Papa, o profeta que Deus nos deu para guiar o Seu povo neste tempo de reviravoltas epocais: «Também este Ano Extraordinário é dom de graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um. É Ele que nos procura, é Ele que nos vem ao encontro. Neste Ano, devemos *crescer na convicção da misericórdia*. Que grande injustiça fazemos a Deus e à sua graça, quando afirmamos, em primeiro lugar, que os pecados são punidos pelo seu julgamento, sem antepor, pelo contrário, que são perdoados pela sua misericórdia (cf. Santo Agostinho, *De praedestinatione sanctorum* 12,24)! E assim é verdadeiramente. Devemos antepor a misericórdia ao julgamento e, em todo o caso, o julgamento de Deus será sempre feito à luz da sua misericórdia. Por isso, oxalá o cruzamento da Porta Santa nos faça sentir *participantes deste mistério de amor, de ternura*. Ponhamos de lado qualquer forma de medo e temor, porque não se coaduna em quem é amado; vivamos, antes, *a alegria do encontro com a graça que tudo transforma*».³⁹

Tem de crescer em nós a certeza de que a misericórdia é a única resposta verdadeira à situação do homem de hoje, às violências, às feridas, às dificuldades e às contradições que estamos a atravessar.

O Papa sublinha, assim, a urgência da misericórdia: «Sentirmos intensamente em nós a alegria de ter sido reencontrados por Jesus, que veio, como Bom Pastor, à nossa procura, porque nos tínhamos extraviado».⁴⁰ E esclarece que esta é «a finalidade a que a Igreja se propõe neste Ano Santo. Assim fortaleceremos em nós a certeza de que a misericórdia pode

³⁸ Cf. F. M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*; Lisboa, Presença, 2014, vol. 2, p. 493.

³⁹ Francisco, *Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Homilia na Santa Missa e abertura da Porta Santa*, 8 de dezembro de 2015.

⁴⁰ Francisco, *Homilia nas Primeiras Vésperas do Domingo da Divina Misericórdia*, 11 de abril de 2015.

contribuir realmente para a edificação de um mundo mais humano. Especialmente nesta nossa época, em que o perdão é um hóspede raro nos âmbitos da vida humana, a exortação à misericórdia faz-se mais urgente, e isto em todos os lugares: na sociedade, nas instituições, no trabalho e também na família».⁴¹

Só alcançando esta certeza, que nos faz atravessar todo e qualquer medo, solidão, dúvida, é que poderemos enfrentar os enormes desafios desta mudança epocal com a única arma eficaz: o testemunho, finalidade última do Ano Santo: «Foi por isso que proclamei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* [...], a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes»,⁴² como fez Jesus com os discípulos.

«É ingênuo crer que isto possa mudar o mundo?»; é como se o Papa se antecipasse ele próprio às nossas perguntas! «Sim, humanamente falando é uma loucura, mas “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,25)».⁴³ É esta convicção de São Paulo, o que levou o Papa Francisco a dizer aos bispos do México: «A única força capaz de conquistar o coração dos homens é a ternura de Deus. Aquilo que encanta e atrai, aquilo que abranda e vence, aquilo que abre e liberta das cadeias não é a força dos meios nem a dureza da lei, mas a fragilidade onipotente do amor divino, que é a força irresistível da sua doçura e a promessa irreversível da sua misericórdia». Mas «se o nosso olhar não dá testemunho de ter visto Jesus, então as palavras que recordamos d’Ele não passam de figuras retóricas vazias. Talvez expressem a nostalgia daqueles que não podem esquecer o Senhor, mas, em todo o caso, são apenas o balbuciar de órfãos junto do sepulcro. No fim de contas, são palavras incapazes de impedir que o mundo fique abandonado e reduzido ao próprio poder desesperado».⁴⁴

Deixemos que nestes dias o nosso coração se abra a esta misericórdia, ouvindo, respeitando o silêncio, para que o que vamos ouvir nos mude e a presença d’Ele possa dominar em nós, como dominou na vida dos discípulos depois da ressurreição. Se estamos juntos, é para nos apoiarmos nisto.

⁴¹ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

⁴² Francisco, *Misericordiae Vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §3.

⁴³ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

⁴⁴ Francisco, *Discurso no encontro com os bispos do México*, Cidade do México, México, 13 de fevereiro de 2016.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: 1Jo 1,5-2,2; Sl 102(103); Mt 11,25-30

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Enquanto confiamos a nossa pessoa, os nossos entes queridos, todo o nosso querido país, a Itália, à sua padroeira, à nossa padroeira, a Santa Catarina, perguntamo-nos por que razão *uma*, uma jovem se revelou instrumento para a unidade da Igreja, levando o Papa de volta para Roma, um instrumento de paz no meio das lutas fratricidas, tanto naquela época como hoje. Giussani responde com outras palavras que acabámos de ouvir, mas a substância é esta: «Eu esperei-te dia e noite», procurei-Te, ó Cristo. Esta é a possibilidade para cada um de nós neste momento objetivamente de graça: continuarmos doutos, ou seja, cheios daquilo que já sabemos, ou pedirmos para voltar a ser pequenos, para voltarmos a ser crianças na escuta e no silêncio, e sobretudo no entusiasmo, qualquer que seja a nossa história, o nosso presente, no entusiasmo diante deste convite: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós».

Sábado, 30 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Franz Schubert, Sonata para violoncelo e piano, D 821

Mstislav Rostropovich, violoncelo - Benjamin Britten, piano

“Spirto Gentil” n. 18, Decca

Padre Pino. Vendo o anjo levar o anúncio a esta jovem mulher, olhando para o «sim» de Maria, não relembramos um facto do passado, mas introduzimo-nos no presente, nesta hora, na possibilidade de aprender, como nos foi dito ontem citando o Papa Francisco, «a escolher “*o que mais agrada a Deus*”, sem cair na tentação de pensar que haja alguma coisa que seja mais importante ou prioritária. Nada é mais importante do que escolher “*o que mais agrada a Deus*”, ou seja, a sua misericórdia, o seu amor, a sua ternura, o seu abraço, as suas carícias!».

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«O palpitar do coração [de Deus] é a piedade do teu nada»

«Sob o verniz da segurança de si [...] o homem de hoje esconde um profundo conhecimento das suas feridas».⁴⁵ Por isso ele – ou seja, cada um de nós – está à espera da misericórdia. Daqui nasce a urgência de mergulharmos na história desta misericórdia, que é a única que pode permitir que olhemos para as nossas feridas, que nos abracemos a nós mesmos. Rever esta história não é só relembrar um passado: percorrê-la significa entrar cada vez mais no conhecimento daquela Presença sem a qual seria impossível olharmos para a nossa vida.

⁴⁵ “*Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede*”. In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*, op. cit., p. 129.

1. A misericórdia de Deus

«Não aprouve a Deus obrar a salvação de seu povo com a dialética»,⁴⁶ afirma Santo Ambrósio. A dialética não adianta para curar as nossas feridas. Deus, que nos criou, sabe bem disso. E, com efeito, o início da salvação obrada por Deus é um gesto de piedade. O ponto de partida é um movimento de comoção, de amor, de compaixão. Deus entra na história por uma piedade para com o Seu povo.

«O Senhor disse [a Moisés]: “Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa dos seus opressores. Sim: eu conheço os seus sofrimentos. E desci para o livrar [...]. Os clamores dos israelitas chegaram até mim, e vi a opressão que lhes fazem os egípcios. Vai, eu te envio ao Faraó para tirar do Egito os isarelitás, meu povo”. Moisés disse a Deus: “Quem sou eu para ir ter com o Faraó e tirar do Egito os israelitas?”. “Eu estarei contigo” respondeu Deus, “e eis aqui um sinal de que sou eu que te envio: quando tiveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha”».⁴⁷

Esta é a «experiência fundamental do povo eleito», escreve João Paulo II na *Dives in misericordia*. «O Senhor observou a aflição do seu povo, reduzido à escravidão, ouviu os seus clamores, deu-se conta dos seus sofrimentos e decidiu libertá-lo (Cf. Ex 3,7s.). Neste ato de salvação realizado pelo Senhor, o Profeta quis ver o seu amor e a sua compaixão (Cf. Is 63,9). A segurança de todo o povo e de cada um dos seus membros radica na misericórdia divina que pode ser invocada em todas as circunstâncias dramáticas».⁴⁸

Peço-lhes que não deixem escapar nenhuma destas expressões, pois sem esta misericórdia não há salvação, não há ponto de apoio real, tamanha é a nossa fragilidade: como os nossos dias comprovam, depois de um instante, de um momento de euforia, tudo desaba em nós. Então, observar a história do povo de Israel, considerar a trajetória de sua história, é crucial para nós, não é um mero acessório da vida. Nos relatos da Bíblia, vemos o povo viver da memória daquilo que plasmou a sua história.

O povo de Israel vive a memória do ato de libertação, de salvação, realizado por Deus, como atestam as palavras do profeta Isaías: «Quero celebrar os benefícios do Senhor e seus gloriosos feitos, por tudo o que fez em nosso favor», diz o profeta Isaías. «Por sua grande bondade com a

⁴⁶ Santo Ambrósio, *De Fide*, I,42: “*Sed non in dialectica conplacuit deo saluum facere populum*”.

⁴⁷ Ex 3,7-12.

⁴⁸ João Paulo II, Carta encíclica *Dives in Misericordia*, 4.

qual nos cumulou na sua ternura e na riqueza de seu amor»⁴⁹ ou seja, na grandeza ilimitada da Sua graça.

Qual é a origem de semelhante agir de Deus? «O frémito das tuas entranhas»,⁵⁰ diz ainda Isaías. Deus, no profundo de Si, é este frémito pelo nosso destino. O gesto de Deus não é uma reação momentânea ante a miséria de Seu povo. A Sua iniciativa inscreve-se numa história de preferência, que é descrita com o termo «Aliança». Por isso não podia permanecer indiferente ao lamento dos israelitas. «Ouvi o clamor dos israelitas oprimidos pelos egípcios, e lembrei-me da minha aliança».⁵¹

A Aliança que havia estabelecido com Abraão continha uma promessa: «Agora, pois, se obedecerdes à minha voz, e guardardes minha aliança», que é o vínculo estabelecido com os judeus, «sereis meu povo particular», ou seja, uma preferência única, «entre todos os povos».⁵²

Dados os sinais desta preferência inaudita, que resposta esperaríamos da parte de quem a havia recebido e experimentado? «Viver a própria vida», diz Dom Giussani, «ao sabor dos sinais de Deus».⁵³ Isto é claramente expresso pelo primeiro mandamento do Decálogo, que não é em primeiro lugar um dever para cumprir, mas um convite dirigido a suscitar a adesão. O primeiro mandamento ganha toda a sua luz no acontecimento de libertação e de salvação que Deus realizou em relação ao Seu povo. Depois de Deus o fazer sair do Egito com braço forte, entre sinais clamorosos, que coisa mais inteligente podia o povo de Israel fazer senão reconhecê-Lo? «Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de minha face».⁵⁴ O que pode haver de mais razoável do que corresponder ao Seu amor? «Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças. Os mandamentos que hoje te dou serão gravados no teu coração. Tu os inculcarás a teus filhos e deles falarás seja sentado em tua casa, seja andando pelo caminho, ao te deitares e ao te levantares». O que há de mais interessante para fazer? «Atá-los-ás à tua mão como sinal, e os levarás como uma faixa frontal diante dos teus olhos. Tu os escreverás nos umbrais e nas portas de tua casa».⁵⁵

⁴⁹ Is 63, 7.

⁵⁰ Is 63, 15.

⁵¹ Ex 6, 5.

⁵² Ex 19, 5.

⁵³ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, p. 39.

⁵⁴ Es 20, 2-3.

⁵⁵ Dt 6, 4-9.

A memória é a condição da vida nova que jorra deste acontecimento de libertação. É disto que precisamos: mergulhar nesta memória, que não é a mera lembrança de um passado. A libertação, com efeito, verificou-se no passado, mas Aquele que se revelou no passado é o Senhor, que permanece para sempre.

Quase imediatamente, porém, o povo assim preferido – sem comparação com nenhum outro – mostra o seu verdadeiro rosto. É preciso olhá-lo de frente. «O Senhor disse a Moisés: “Vejo que este povo tem a cabeça dura”». ⁵⁶ Isto está documentado pelo facto de que «Desviaram-se depressa do caminho que lhes prescrevi; fizeram para si um bezerro de metal fundido, prostraram-se diante dele e ofereceram-lhe sacrifícios, dizendo: “Eis ó Israel, o teu Deus que te tirou do Egito”» ⁵⁷, substituindo o Deus vivo por um pormenor. É esta a dinâmica do ídolo, aqui descrita de modo luminoso: o bezerro é identificado com Deus, diante dele o homem prostra-se e oferece-lhe sacrifícios, dizendo: «Israel, aí tens o teu Deus, que te fez sair do Egito».

É comovente o desconcerto de Deus diante deste comportamento do povo: «Que injustiça em mim encontraram vossos pais para que de mim se afastassem correndo após o que é nada, e tornando-se a si mesmos vãos?». ⁵⁸ É como se Deus quisesse, de alguma forma, justificar-se perante o povo que traiu a Aliança.

Diante da traição, Deus poderia ter deixado cair Israel, abandonando-o ao seu vazio, aos seus caprichos, como dá a entender o Salmo 81: «Sou eu, o Senhor, o teu Deus, / Eu, que te retirei do Egito; / Basta abrires boca e te satisfarei / No entanto, meu povo não ouviu a minha voz, / Israel não me quis obedecer. / Por isso, os abandonei à dureza de seus corações, / Deixei-os que seguissem seus caprichos». ⁵⁹

Mas logo a seguir a ter pronunciado estas palavras, em vez de se abandonar à Sua ira, Deus volta a mendigar o amor do seu povo, não consegue evitá-lo: «Oh! Se meu povo me tivesse ouvido, / Se Israel andasse em meus caminhos! / Eu teria logo [!] derrotado seus inimigos / E desceria minha mão contra seus adversários. / Os inimigos do Senhor lhes renderiam homenagens, / Estaria assegurado, para sempre, o destino do meu povo, / Eu o teria alimentado com a flor do trigo, / E com o mel do roche-

⁵⁶ Es 32, 9.

⁵⁷ Es, 32, 8.

⁵⁸ Jer 2, 5.

⁵⁹ Sal 81, 11-13.

do o fartaria».⁶⁰ Imediatamente! Assim que acenamos, Ele acorre, prodigaliza-se, o que quer que tenha acontecido. Por isso, é preciso repercorrer toda a história de Israel: porque é a história de cada um de nós; se não a percorrermos de fio a pavio, se não a atravessarmos, qualquer coisa nos assustará, e acabaremos por dizer «Não é possível!». O Papa Francisco está coberto de razão quando afirma que nós achamos que é impossível um resgate do nosso erro, um abraço que nos perdoe.

Mas sem a misericórdia não há possibilidade de caminho para o povo, não há possibilidade de relação entre Deus e o homem. Assim entrou na história a luta entre o amor de Deus, que nunca deixa de procurar o homem, e a relutância do homem; é uma luta entre a preferência e a resistência, entre a preferência de Deus e a resistência do homem; é uma luta entre o homem e a medida misteriosa que se fez evidente na história do povo. «O critério adequado do seu agir de homem é Deus [...]. Ao invés disso, o homem tenta desde o início desnaturar a sua imagem de criatura feita “à semelhança” de Deus, tende a estruturar a vida a partir de sua própria medida, que em formas mais ou menos refinadas e complexas não é outra coisa senão a reatividade do instante, quer se apresente como estado de espírito, como instinto, quer se apresente como opinião. [...] A mentira geral a nível de consciência é a tentação até mesmo naquele pequeno povo que Deus escolheu, mas ela ali se manifesta de maneira mais dramática, como luta entre *si próprio* e a medida misteriosa: é como se o homem tivesse de caminhar totalmente entregue a algo que não corresponde a nenhuma medida humana, e encontrasse alegria após ter-se abandonado; [que paz quando nos abandonamos!] mas, normalmente, [não é assim:] há dureza, resistência e rebeldia».⁶¹

Diante desta feroz obstinação do homem, Deus é «obrigado» a mostrar suas entranhas cheias de amor e de misericórdia. Exatamente como vocês, pais, como uma mãe diante da teimosia do filho: ou o atira contra a parede, ou tem que expor todas as suas entranhas de mãe. Apesar de o povo persistir na sua resistência, Deus não consegue abandoná-lo: «Israel era ainda criança, e já eu o amava, e do Egito chamei meu filho. Mas, quanto mais os chamei, mais se afastaram; ofereceram sacrifícios aos Baales e queimaram ofertas aos ídolos. Eu, entretanto, ensinava Efraim a andar, tomava-os nos meus braços, *mas não compreenderam* que eu cuidava deles. Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como o que tira da boca uma rédea e lhes dei alimento. [...] Meu

⁶⁰ Sal 81, 14-17.

⁶¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., pp. 39-40.

povo é inclinado a separar-se de mim, convidam-no a subir para o Altíssimo, mas ninguém procura elevar-se. Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim? Ou trair-te, ó Israel? [...] Meu coração se revolve dentro de mim, eu me comovo de dó e compaixão».⁶²

Mas a passagem em que se expressa mais dramaticamente esta luta entre a preferência de Deus e a resistência do homem talvez seja o capítulo 16 de Ezequiel, que tanto toca o Papa Francisco e Dom Giussani.

«A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: “Filho do homem, descobre a Jerusalém os seus crimes abomináveis. Dir-lhe-ás: Eis o que diz o Senhor Javé a respeito de Jerusalém: Por tua origem e nascimento, pertences à terra de Canaã; teu pai foi um amorreu e tua mãe uma hitita. No dia do teu nascimento, teu cordão umbilical não foi cortado; não te banharam com água para te purificar, não te untaram com sal, nem te enfaixaram. Ninguém se inclinou sobre ti para te prestar algum piedoso cuidado. No dia em que nasceste foste exposta no meio das campinas; só havia infortúnio para ti. Passei junto de ti e te percebi, banhada em teu sangue. Eu te gritei: Vive (mau grado o teu sangue), vive (mau grado o teu sangue) e eu te fiz multiplicar como a erva dos prados. Cresceste. Ficaste moça. Teus seios se formaram, veio-te o pelo. Mas estavas nua, inteiramente nua. Passando junto de ti, verifiquei que já havia chegado o teu tempo, o tempo dos amores. Estendi sobre ti o pano do meu manto, cobri tua nudez; depois fiz contigo uma aliança ligando-me a ti pelo juramento – oráculo do Senhor Javé – e tu me pertenceste [com a conquista de Jerusalém pelas mãos de David]. Então eu te mergulhei na água para limpar o sangue de que estavas coberta, e te ungi com o óleo. Eu te vesti de tecidos bordados, calcei-te com sapatos de pele de golfinho, cingi-te com um cinto de fino linho e um véu de seda». Os versículos seguintes são a descrição de como Deus veste Jerusalém como a uma esposa: «Ornei-te de adornos: braceletes nos teus pulsos, colares em teu pescoço, um anel para o teu nariz, brincos para tuas orelhas, uma coroa magnífica para tua cabeça [São todos detalhes que descrevem o zelo de Deus para com o Seu povo]. Teus ornatos eram de ouro, prata, com vestimentas de linho fino, de seda e panos bordados; teu alimento era trigo, mel e óleo. Cada vez mais bela, chegaste à dignidade real. A reputação da tua beleza correu entre as nações, pois essa beleza era perfeita, graças ao esplendor que te havia eu preparado – oráculo do Senhor Javé». Mas eis que algo muda na relação com Deus, a mulher amada atira-se a si mesma para o lixo: «Tu, porém, te fiaste na beleza, aproveitaste da tua fama para te prostituíres e ofereceste a tua sensualidade a todo o transeunte, a quem

⁶² Os 11,1-4.7-8. Itálico nosso.

te entregaste [para dizer como Jerusalém – ou seja, a esposa – caiu na idolatria, o profeta utiliza a figura da prostituta]. Tomaste tuas vestimentas para delas fazeres lugares altos para ti, ornados de panos de variegadas cores, e te deste à depravação, o que jamais deveria ter sucedido, e que te não sucederá jamais. Tomaste as esplêndidas jóias feitas com o meu ouro e minha prata, jóias que eu te havia doado, e fabricaste com elas imagens humanas, com que te prostituíste, [aquilo que Deus deu à sua esposa, Jerusalém, como sinal de seu amor sem fim, ela o reduz a ídolo, pedindo ao ídolo o que o ídolo não pode dar] cobriste-as com as tuas próprias vestes bordadas, e lhes ofereceste o meu óleo e os meus aromas. O pão que eu te havia dado, a flor da farinha, o óleo e o mel com que te nutrias, deste-os em oferenda de agradável odor. Eis o que tens feito – oráculo do Senhor Javé». ⁶³

Ouçamos o que o Papa Francisco diz sobre esta passagem: «Sempre me impressionou ler a história de Israel como é contada na Bíblia, no capítulo 16 do Livro de Ezequiel. [...] Posso ler a minha vida através do capítulo 16 do Livro do profeta Ezequiel. Leio aquelas páginas e digo: mas tudo isto parece escrito por mim!». ⁶⁴

Para Dom Giussani, neste texto tão intensamente dramático, «a trajetória da tomada de posse de Deus sobre o homem e da resposta humana é representada de maneira crua e apaixonada. É Deus, que fala ao seu povo. [...] Torna-se claro aqui que a posição do homem é de rebeldia para poder afirmar a sua reatividade, a sua instintividade». ⁶⁵

Recusando a Aliança com Deus, como diz Jeremias, os filhos de Israel puseram-se a «ir atrás do vazio, tornando-se vazios também eles». O profeta evidencia a falta de razoabilidade do povo utilizando uma imagem: «Abandonou-me a mim, fonte de água viva, e para si preferiu cavar cisternas, cisternas defeituosas que não retêm a água». ⁶⁶ Podemos dizer, com as palavras de Dom Giussani: «Isto é o desaparecimento do bom senso e da inteligência», ⁶⁷ que todos já experimentámos na vida.

Mas dar-se conta da própria recusa e dos seus efeitos destrutivos sobre a vida é a primeira demonstração de abertura a Deus: «Ter, então, a percepção desta resistência à verdade sobre nós mesmos como homens, ter, portanto, o sentido do pecado, é a coisa pedagogicamente mais importante

⁶³ Ez 16, 1-19.

⁶⁴ Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, op. cit., pp. 26-27.

⁶⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., pp. 41-42.

⁶⁶ Jer 2,5.13.

⁶⁷ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 43.

da vida, porque escancara as nossas portas ao Deus verdadeiro. O pecado é comportarmo-nos como os senhores da nossa própria vida, e reconhecê-lo é aproximar-se do facto de que a medida, o critério, o senhorio da vida é o mistério de Deus». ⁶⁸ Comparemos a nossa reação perante o nosso mal com esta observação de Dom Giussani. Ter o sentido do pecado, perceber a resistência à verdade sobre nós mesmos, é o que nos abre à presença de Deus, e é pois a coisa pedagogicamente mais importante da vida. Não o é apenas no início, mas sempre. De facto, uma vez encontrada aquela Presença, nós continuamos a errar. É aqui que se coloca a alternativa de que fala Péguy, entre as misérias que «já não são cristãs» ⁶⁹ e uma miséria cristã: podemos ficar diante dos nossos erros consumindo-nos na raiva ou no desapontamento, e isto paralisa-nos, ou então ter o sentido do pecado, que implica sempre a relação com Outro que desapontámos, a referência àque-la Presença que já não conseguimos apagar da nossa vida de pecadores.

«Deus, na história, revela a profunda divisão do homem entre aquilo que ele é [por natureza] – sede de infinito – e a sua existência que caminha em contradição, porque a sua norma não é o mistério, mas a sua própria vaidade». Mas «esta vaidade» – é impressionante o olhar de Dom Giussani sobre o humano! – «é uma pedagogia para que o homem compreenda o que Deus é para ele, para que vislumbre o rosto do seu significado. O que Deus é para o homem, da forma como o homem é chamado a compreender, identificando-se com o seu significado e o seu destino, é piedade, misericórdia». ⁷⁰ Se não voltamos constantemente a esta misericórdia, prevalece a nossa raiva.

Por isso Dom Giussani defende que nós não podemos «compreender bem esta palavra [misericórdia], quando ela entrar em jogo de maneira definitiva na história, se não tivermos percorrido a grande passagem da profecia de Israel». ⁷¹ Não é um acessório histórico para chegar a Jesus, mas é a grande passagem que Deus fez o seu povo fazer e na qual temos de identificar-nos. Porque «difícilmente pode compreender a experiência cristã quem não esteja disposto a reviver de alguma forma a história do povo de Israel, com todos os seus matizes e com todos os seus dramas». ⁷² Não entenderemos Cristo se não tivermos percorrido a história de Israel.

⁶⁸ *Ibidem*, pp. 44-45.

⁶⁹ Ch. Péguy, «Dialogo della storia con l'anima carnale (o Véronique)», in *Lui è qui. Pagine scelte*, Bur, Milão 2009, p. 103.

⁷⁰ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., pp. 44-45.

⁷¹ *Ibidem*, p. 46.

⁷² L. Giussani, *Che cos'è l'uomo perché te ne curi?*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2015, p. 11.

A história de Israel, como a nossa, é feita de espaço, de tempo, de circunstâncias, de quedas, de recomeços, e nós temos de vê-la, tocá-la. Fixemos o olhar sobre o momento em que, no tempo do profeta Jeremias (por volta do fim do séc. VII a.C.), se revela em toda a sua evidência que Israel é incapaz de ser fiel; o povo não se converte, apesar de Deus o chamar constantemente à conversão e lhe oferecer continuamente o Seu perdão. E, se em algum momento se arrepende, logo depois recai e corrompe-se, como se não houvesse nada a fazer: «Não, é inútil, porque eu gosto dos estrangeiros, quero andar com eles».⁷³ A rebelião chega a este nível.

Devido à sua teimosia, Israel prefere a aliança com os impérios e os reinos vizinhos à Aliança com Deus, e será esta a origem de um novo desastre. E, perante isto, que faz Deus? Quase que rendendo-se à obstinação do povo, respeita a sua liberdade. A isto segue-se o desastre da destruição de Jerusalém pelas mãos de Nabucodonosor, da perda da terra, do templo e do rei, os três grandes dons recebidos de Javé; deste modo, Israel fará a experiência dramática do afastamento do seu Senhor.

Pareceria um fracasso total. Mas «Deus não falha», diz Bento XVI. «Ou mais exatamente: no início Deus falha sempre, deixa existir a liberdade do homem, e esta diz continuamente “não”. Mas a fantasia de Deus, a força criadora do seu amor é maior do que o “não” humano. Com cada “não” humano é acrescentada uma nova dimensão do seu amor, e Ele encontra um caminho novo, maior, para realizar o seu “sim” ao homem, à sua história e à criação».⁷⁴

Mesmo neste momento Deus não quebra a sua Aliança. Ele repro põe-a. «Deus nunca é derrotado», afirmava o então Cardeal Ratzinger, «e as suas promessas não caem juntamente com as derrotas humanas, pelo contrário, tornam-se maiores, tal como o amor cresce na medida em que o amado precisa dele».⁷⁵ Este é um ponto crucial, que subverte a nossa lógica. Nós projetamos em Deus as nossas derrotas e os nossos parâmetros de sucesso e de fracasso. «Mas eu sou Deus, não homem», repete-nos. Ele é «Outro», não um prolongamento de nós. Deus é diferente, é um outro diferente de nós. Deus é Deus. Por isso recomeça sempre com novas ações e nunca deixa de tomar a iniciativa em relação a nós, pois não está ligado ao que nós chamaríamos de «sucessos». Deus não mede de acordo com

⁷³ Jer, 2, 25.

⁷⁴ Bento XVI, *Homilia na Santa Missa com o Episcopado da Suíça*, 7 de novembro de 2006.

⁷⁵ J. Ratzinger, *Guardare Cristo. Esercizi di Fede, Speranza e Carità*, Jaca Book, Milão 1989, p. 44.

essa métrica a eficácia da Sua iniciativa, porque a nascente da Sua ação é totalmente diferente: as Suas entranhas, não as nossas derrotas. Tanto é verdade que, por mais que o homem diga que não, por mais que a sua resposta seja sempre inadequada, Ele nunca deixa de procurá-lo. Como diz o Papa Francisco, «nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor».⁷⁶

Quando o povo de Israel atinge o ponto mais escuro do seu caminho e parece ter perdido tudo, repropõe-se em todo o seu alcance a genialidade de Deus: o Senhor começa a falar de uma Nova Aliança. No meio do chamado «cativeiro babilónico», por intermédio de Jeremias, Ezequiel e Isaías, Deus começa a anunciar ao povo uma novidade. Os três grandes profetas gritam a todos a iminência de uma coisa nova. Isaías escreve: «Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?».⁷⁷

Que novidade poderá desatar o nó da infidelidade de um povo de cabeça tão dura, tão incapaz de uma conversão definitiva?

Esta pergunta diz-nos respeito. Porque a infidelidade, a incoerência, a cabeça dura de Israel são sentidas por nós como nossas, nós também as encontramos em nós. E só se formos sérios e leais com esta pergunta, que arde em nós como uma ferida, é que estaremos em condições de captar a resposta em toda a sua novidade.

Ouçamos então o anúncio dos profetas, começando por Jeremias, que fala exatamente de uma «Nova Aliança». Como é possível? Desde o dia em que Deus estabeleceu a Sua Aliança com Moisés, nunca tinha fixado um prazo de validade para ela. Por mais que o povo a tivesse traído desde o início, como vimos, voltava-se sempre àquela Aliança.

Mas então o que pretende Jeremias dizer com a expressão «Nova Aliança»? De que se trata? «Um dia chegará – oráculo do Senhor –, quando hei de fazer uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá. Não será como a aliança que fiz com seus pais quando pela mão os peguei para tirá-los do Egito». E o que distingue essa «Nova Aliança»? «Esta é a aliança que farei com a casa de Israel [...]: colocarei a minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração; serei o Deus deles, e eles, o meu povo. Ninguém mais precisará ensinar seu irmão, dizendo-lhe: “Pro-

⁷⁶ Francisco, *Discurso no encontro com os Bispos dos Estados Unidos da América*, Washington D.C., EUA, 23 de setembro de 2015.

⁷⁷ Is 43, 18-19.

cura conhecer o Senhor!” Do menor ao maior, todos me conhecerão – oráculo do Senhor. Já terei perdoado suas culpas, de seu pecado nunca mais me lembrarei».⁷⁸

Ezequiel fala de «um coração novo e um espírito novo». Para um judeu era uma coisa impensável: a antropologia semítica, com efeito, considera o coração como o lugar da vida consciente, da memória, das decisões, da razão. Por isso aquela expressão – «um coração novo» – indicava outra criatura, uma criação nova. Ezequiel quer sublinhar precisamente isto: que Israel precisa de um coração novo para poder viver uma fidelidade ao seu Deus. Mas que forma assumirá esta novidade, que modalidade histórica tomará esse «coração novo e espírito novo»?

Eis as suas palavras: «Eu vos tomarei dentre as nações, recolhendo-vos de todos os países, e vos conduzirei à vossa terra. Derramarei sobre vós água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as impurezas e de todos os ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos. Habitareis na terra que dei a vossos pais. Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus».⁷⁹ Trata-se, portanto, de uma nova criação, da geração de um “eu” diferente.

E, por fim, Isaías confirma a intenção de Deus: realizar uma nova criação. «Sim! Vou criar novo céu e nova terra! As coisas antigas nunca mais serão lembradas, jamais voltarão ao pensamento. Mas haverá alegria e festa permanentes, coisas que vou criar, pois farei de Jerusalém uma festa, do meu povo, uma alegria».⁸⁰

Por que razão é tão crucial esta Nova Aliança, esta nova criação, ou que nos seja dado um coração novo e um espírito novo? Por que razão é necessário, como dizia Jeremias, que a lei entre no coração do homem? Porque, como diz Bento XVI, «o homem não poderá jamais ser redimido simplesmente a partir de fora».⁸¹ Enquanto a preferência de Deus não penetrar na última profundidade de nós mesmos, tornando-se nossa, continuaremos a preferir os ídolos. Mas como é que se pode verificar semelhante novidade? Só um acontecimento capaz de tocar o eu no seu íntimo, de acordo com o estilo discreto de Deus – que é o de dar liberda-

⁷⁸ Jer 31, 31-34.

⁷⁹ Ez 36,24-28.

⁸⁰ Is 65,17-18.

⁸¹ Bento XVI, Carta encíclica *Spe Salvi*, 25

de, de doar e suscitar amor –, só um acontecimento capaz de atrair o eu até o ponto de suscitar o seu reconhecimento e a sua adesão, é que pode entrar no coração do homem sem violência. Deus tomou esta iniciativa, tornou-se um acontecimento na história, entrou na vida do homem como homem, deu-se a si mesmo por ele, para conquistá-lo, com o poder da Sua atração, na liberdade, para o resgatar a partir de dentro.

Mas esta nova iniciativa de Deus, que contém a promessa profética, não foi de forma alguma indolor. Pelo contrário, o sinal enviado por Deus desencadeou no meio do povo uma resistência ímpar, precisamente pelo poder da atração e pela novidade da ação.

2. O rosto da misericórdia e o escândalo que provoca

O anúncio do reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, cujo elemento fundamental é a «boa nova» da misericórdia. Este anúncio, que não é apenas um anúncio verbal, mas é um agir, é Jesus que entra em relação com pessoas que fogem aos cânones religiosos-morais da época, provoca um desconcerto que para nós é quase impossível de imaginar – por isso, muitas vezes, quando lemos isto descrito no Evangelho, reduzimos o seu alcance – é um tal desconcerto que leva Jesus a declarar: «Bem-aventurado aquele que não encontrar em Mim motivo de escândalo».⁸²

Mas o que faz Jesus para provocar o escândalo? Para identificar os motivos disto é preciso ter em conta quem eram aqueles que O seguiam.

Os adversários de Jesus interpelavam os Seus seguidores – ou pelo menos alguns deles – com expressões como «publicanos e pecadores». Nós deixamos passar estes termos como se nada fosse, sem entender bem. Vamos tentar ter em conta, por um instante, estas palavras: «publicanos [uma profissão] e pecadores», «publicanos e prostitutas» ou simplesmente «pecadores». São expressões criadas pelos Seus adversários para identificar os que seguiam Jesus, e das quais o próprio Jesus se serve: «Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: “eis um glutão e um bebedor de vinho, amigo de publicanos e de pecadores.”».⁸³ Para entender a fundo o escândalo dos escribas e dos fariseus e o caráter «revolucionário» do modo de agir de Jesus, cumpre esclarecer o que significava «pecadores» no contexto histórico em que Ele atuava. Pecador não era apenas quem desobedecia aos mandamentos, mas também quem exercia atividades consideradas pecaminosas. Neste sentido, os pecadores por excelência

⁸² Mt 11,6.

⁸³ Lc 7, 34.

eram os publicanos. O desprezo por eles devia-se ao facto de arrecadarem um tipo particular de imposto (pelo transporte das mercadorias ou pela entrada delas na cidade) que não era estabelecido *a priori* e, portanto, não estavam sob o controle direto do fisco. A sua cobrança era confiada a cidadãos abastados, que se serviam de colaboradores: os publicanos, precisamente, que, aproveitando-se da ignorância do povo, enriqueciam aumentando as taxas com aldrabices, como conta Lucas no seu Evangelho.⁸⁴ Eram de tal forma considerados aldrabões, que até mesmo os seus familiares se tornavam objeto de desprezo.

Também do ponto de vista religioso eram olhados com grande hostilidade: os fariseus que se tornavam publicanos eram expulsos da comunidade. Por isso, a grande tradição judaica do *Talmude* declarava: «Para os cobradores de impostos e os publicanos é difícil a penitência».⁸⁵ A penitência, de facto, implicava, para quem tinha um ofício do género, o abandono da atividade e a restituição de tudo o que havia roubado mais um quinto.⁸⁶ Praticamente impossível!

Portanto, de acordo com os cânones da ortodoxia farisaica, para as pessoas que iam atrás de Jesus estava fechado o reino de Deus por causa da sua imoralidade ou da sua ignorância religiosa (os seus seguidores, com efeito, também eram chamados de «pequenos», «simples», «ignorantes», pelos adversários de Jesus, que se consideravam «sábios e inteligentes»). Mas Jesus – Jesus! – subverte justamente este esquema. Isto está provado, de forma luminosa, na sua resposta aos que se escandalizam por ele comer com os publicanos e os pecadores (um gesto clamoroso, que não pode ser confundido com sentar-se à mesa com o primeiro que passa, como vimos). De facto, diz Jesus: «Eu não vim chamar justos [para o banquete do reino], mas pecadores».⁸⁷ E noutra altura afirma:

⁸⁴ Cfr. Lc 3,12 ss.

⁸⁵ *Baba Qamma*, 94b.

⁸⁶ O Papa Francisco falou recentemente desta categoria particular de pecadores: «Mateus era um “publicano”, ou seja, um cobrador de impostos em nome do império romano, e por isso era considerado pecador público. Mas Jesus chama-o para o seguir e para se tornar seu discípulo. Mateus aceita e convida-o para jantar na sua casa juntamente com os discípulos. Então, começa um debate entre os fariseus e os discípulos de Jesus, porque estes compartilham a mesa com os publicanos e os pecadores. “Mas tu não podes ir à casa desta gente!”, diziam eles. Com efeito, Jesus não os afasta mas, pelo contrário, frequenta as suas casas e senta-se ao seu lado; [...] Jesus mostra aos pecadores que não tem em consideração o passado deles, nem a sua condição social, nem sequer as convenções exteriores mas, ao contrário, abre-lhes um novo futuro» (Francisco, *Audiência geral*, 13 de abril de 2016).

⁸⁷ Mc 2, 17.

«Na verdade vos digo [reforça a dose] que os publicanos e as meretrizes vos precederão no Reino de Deus»,⁸⁸ ao passo que os escribas e os fariseus, os sábios de que fala o Evangelho, ficarão excluídos dele.

O mesmo vale para os pobres, os «cansados» e os «oprimidos». ⁸⁹ É deles o reino dos céus afirma Jesus, que olha com uma compaixão infinita para todos estes mendicantes, carregados com um duplo peso: são desprezados pelos homens e desesperados, porque considerados moralmente indignos da salvação perante Deus.

Nunca conseguirei esquecer, pelo resto da minha vida, o impacto que me causou ouvir estas coisas, no seminário em Madrid, do meu professor de exegese bíblica, o padre Mariano Herranz.⁹⁰ Para mim foi um divisor de águas. Não acho que tenha havido alguma outra coisa que tivesse marcado mais a minha vida do que esta, na sua simplicidade. Não é que antes eu nunca tivesse lido o Evangelho, mas ouvir aquele professor fez-me finalmente perceber: todo o meu modo de olhar para mim mesmo e para os outros foi revestido por aquela novidade. Percebo bem, portanto, por que razão o Papa Francisco considera que não há nada mais importante do que mergulhar no olhar de Jesus pelo homem, para olhar para si mesmo e para os outros de forma adequada.

Ora o Evangelho é atravessado de alto a baixo pela polémica entre Jesus, entre o olhar que Jesus introduz na vida, e os fariseus, que faziam a salvação, ou seja, a participação no reino de Deus, depender de uma perfeição ética, feita da observação dos vários preceitos, tornando-a inatingível para aqueles que eles desprezavam. Tal contraste percorre todo o Evangelho. Vejamos alguns exemplos.

Começemos com a parábola dos dois filhos, na qual Jesus repreende «os sumos sacerdotes e os anciãos do povo». ⁹¹ Ele não pretende simplesmente entretê-los: «Agora vou contar-vos a parábola dos dois filhos», como se não tivesse mais que fazer. Não, Jesus está a polemizar duramente com eles – os sumos sacerdotes, os anciãos do povo, os fariseus –, por causa do comportamento deles. E para se fazer entender, conta a história dos dois filhos, o primeiro dos quais responde que sim ao convite do pai para ir trabalhar na vinha, mas depois não vai; enquanto o outro filho, que inicialmente se recusa a ir, por fim vai. Jesus neste momento

⁸⁸ Mt 21, 31.

⁸⁹ Cfr. Mt 11,28.

⁹⁰ O padre Mariano Herranz (1928-2008) foi professor de Línguas Bíblicas e Exegese do Novo Testamento no seminário de Madrid e diretor editorial da coleção “*Studia Semitica Novi Testamenti*”.

⁹¹ Mt 21, 23.

pergunta-lhes: «Qual dos dois fez a vontade do pai?». Não percebendo a armadilha contida na pergunta, os fariseus respondem ingenuamente: o filho que, no fim, foi. E Jesus, seguindo a linha da própria lógica deles, conclui de modo absolutamente inesperado: «Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precederão no Reino de Deus».⁹² O sentido deste juízo peremptório é bem explicado pelo conhecido biblista alemão Joachim Jeremias: «Os publicanos, completamente incapazes, segundo vós, de arrependimento estão mais perto de Deus do que vós, que vos considerais devotos. Eles, com efeito, responderam que não ao chamamento de Deus, mas depois arrependeram-se e fizeram penitência; por isso entrarão no Reino de Deus, vós não».⁹³ De que forma é que os publicanos disseram que sim, quando disseram que sim? Dizendo que sim a Jesus. «Por isso entrarão no Reino de Deus, e vós não». Portanto, a razão pela qual quem se julga sábio será excluído é a sua recusa em seguir Jesus, em crer em Jesus. É aqui que tudo se joga. Quem julga estar certo, ser «coerente», como os fariseus, ficará sempre de fora: «Pois João veio até vós, caminhando na justiça, e não acreditastes nele. Mas os publicanos e as prostitutas creram nele».⁹⁴ Se a fé em Cristo é a condição para entrar no reino, recusar Jesus é excluir-se dele. Por isso, os sumos sacerdotes e os fariseus não entrarão. Ao passo que os publicanos e os pecadores, que se converteram, ou seja, que acolheram Jesus e creram n'Ele, entrarão.

A mesma atitude de Jesus aparece no episódio da cura do criado do centurião.⁹⁵ Profundamente tocado pela fé do centurião, que é um pagão – ou seja, um excluído da salvação, segundo os cânones –, Jesus afirma: «Digo-vos, pois, que virão muitos do Oriente e do Ocidente e se sentarão com Abraão, Isaac e Jacob no Reino dos Céus, enquanto que os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores».⁹⁶ Há aqui um contraste flagrante entre os que tomarão parte da mesa do reino e os «filhos do reino», que serão destituídos. A frase é pronunciada numa referência evidente ao centurião. Ele é um dos muitos provenientes do Oriente e do Ocidente que serão admitidos no banquete final, não por terem atingido uma perfeição moral ou por pertencerem a uma etnia, mas devido à fé em Jesus. É exatamente esta fé o que Jesus exalta no centurião pagão: «Em verdade, vos digo: não achei fé tão grande em Israel».⁹⁷

⁹² Mt 21, 31.

⁹³ J. Jeremias, *Le parabole di Gesù*, Paideia, Brescia 1973, p. 154.

⁹⁴ Mt 21, 32.

⁹⁵ Cfr. Mt 8,5-13

⁹⁶ Mt 8,11-12.

⁹⁷ Mt 8, 10.

Este e outros relatos evangélicos põem diante de nossos olhos a novidade introduzida pela presença de Jesus na história. Aqueles que «se sentarão à mesa do reino», e que já começam a participar dos seus bens («Vai, seja feito conforme tu creste», disse Jesus ao centurião; «E naquela mesma hora ficou curado o servo»;⁹⁸ escreve Mateus evangelista), são os que O reconhecem, que creem n'Ele. Não é exigida nenhuma outra condição.

Foi precisamente a quantidade de condições impostas à misericórdia de Deus «pelos sábios e pelos inteligentes» da época – os escribas e os fariseus – o que estava na origem da polémica provocada pelo anúncio do reino de Deus, ou seja, pela ação de Jesus, pelo advento da misericórdia. Foi tamanho o escândalo, que causou a pena de morte a Jesus, a sua condenação à crucifixão, porque o Seu modo de agir implicava que se concebia como Deus, que se considerava Deus.

No confronto com os escribas e os fariseus, Jesus viu-se obrigado a defender o seu comportamento perante todos. As parábolas que encontramos no décimo quinto capítulo do Evangelho de Lucas constituem a resposta de Jesus às suas acusações. Elas não são de forma alguma, como muitas vezes as consideramos, relatos a-históricos. As parábolas estão sempre inseridas no contexto histórico preciso do contraste com os fariseus. Vemos isto representado na mais bela das parábolas, que citamos tantas vezes, mas que no âmbito destes Exercícios talvez possamos compreender mais profundamente.

3. O filho pródigo

Lucas refere que Jesus, para responder aos murmúrios dos escribas e dos fariseus, que dizem: «Este recebe os pecadores e come com eles»,⁹⁹ propõe as parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho pródigo. Com esta última, Jesus explica que se comporta com os pecadores como o pai da história. Um filho representa os publicanos e o outro os fariseus.

Jesus pretende com isso defender a boa nova da misericórdia. Para compreender a linguagem da parábola é preciso ter em conta que, além dos judeus que não respeitavam os mandamentos de Deus, e além dos gentios «pecadores» (como acabamos de ver), havia um terceiro grupo de pessoas que, de acordo com a mentalidade judaica, se encontravam na pior situação de todas em relação ao perdão: os judeus que na vida

⁹⁸ Mt 8, 13.

⁹⁹ Lc 15, 1 ss.

prática se haviam tornado pagãos. Entre estes, as fontes judaicas indicam os que exerciam profissões ou atividades que os expunham fortemente à suspeita de roubo. Entre elas estava também a figura do pastor. O tratado *Sinédrion da Mishná* põe na lista dos homens que não podiam fazer parte de um tribunal nem testemunhar «os que jogam dados, os usurários, os que criam pombas, os que comerciam os frutos do ano sabático (que, segundo a lei – Lv 25,1ss. –, não pertenciam a ninguém)». ¹⁰⁰ Outro texto acrescenta «os pastores, os publicanos e os arrendatários». ¹⁰¹ E outro equipara estas categorias de homens aos escravos gentis. ¹⁰² Aliás, segundo um trecho da *Mishná*, um publicano ou um pagão que entra numa casa torna impuro tudo o que ali se encontra. ¹⁰³ Para estes, a penitência era difícilima, senão impossível.

Em contraste com esta postura do judaísmo ortodoxo, Jesus declara, diante dos fariseus, que publicanos e pagãos não foram abandonados por Deus, que, pelo contrário, «é deles o reino de Deus» e que Ele veio justamente para os convidar para o banquete do reino. Acolhendo-os à mesa consigo, Ele deixa claro que eles receberam o dom do perdão de Deus. Vejamos, então, como Jesus defende esta sua posição na parábola do filho pródigo.

Na primeira parte da história, no centro estão o pai e o filho mais novo (ou seja, o filho pródigo). Na segunda, o pai e o filho mais velho. Como sempre acontece nas parábolas compostas por duas partes, a «moral» está contida na segunda, aquela em que o pai defende perante o filho mais velho a sua forma de agir em relação ao filho que fugiu de casa. Ora, uma vez que o judaísmo também conhecia a ideia de um Deus que, como Pai, está sempre disposto a perdoar, para entendermos a dimensão da novidade contida na parábola é preciso prestar atenção a um dado, que pode parecer banal, mas é muito significativo: o filho pródigo, reduzido à miséria, é forçado a ganhar a vida como tratador de porcos. Já vimos que o trabalho do pastor podia ser considerado pecaminoso. Mas a situação, neste caso, tornava-se ainda mais grave pelo facto de se tratar de pastorear porcos. Os judeus, com efeito, consideravam o porco o animal mais impuro de todos. Imaginemos pois os ouvintes de Jesus quando o ouviram falar daquele filho que se tornara guardador de porcos; compreenderam imediatamente o sentido daquelas palavras: aquele jovem

¹⁰⁰ *Mishnah Sanhedrin* 3,3.

¹⁰¹ *b. Sanhedrin* 25b.

¹⁰² Cfr. *Mishnah, Rosh Ha-Shanah* 1,8.

¹⁰³ Cfr. *Mishnah, Tahorot* 7,6.

judeu tinha-se tornado um pagão. Diante de semelhante apostasia, um filho era como se estivesse morto aos olhos do pai. Um judeu consciente da sua posição perante o povo teria fechado para sempre a porta de casa a um filho que tivesse descido tão baixo.

Mas Jesus, contrariamente às expectativas dos seus interlocutores – os escribas e os fariseus que o estão a ouvir –, fala reiterada e insistentemente de um pai que se comporta de forma totalmente diferente com o filho que se tornara pagão, que estava portanto perdido para sempre, de acordo com a lógica da época, e que volta para casa. Não nega que o filho tenha pecado, e da pior maneira: «Estava morto», diz, «estava perdido».¹⁰⁴ E no entanto, inexplicavelmente, perdoa-lhe e manifesta esse perdão de um modo no mínimo excêntrico (sem dúvida a estranheza de Jesus na descrição do perdão é intencional): o pai corre ao encontro do filho assim que o vê vir ao longe; um gesto muito estranho para um idoso do oriente. A estranheza aumenta se tivermos em conta as ordens que dá, de forma quase frenética, aos criados: a uns pede que tragam uma túnica nova, a outros o anel e as sandálias, enquanto outros têm que matar um novilho gordo e outros ainda têm que preparar o banquete e a música. Nada disto se adequava ao comportamento de um pai orgulhoso da própria fé judaica e tão gravemente desonrado por um filho; e, sobretudo, estava nos antípodas daquilo que pensavam os zelosos defensores da causa de Deus que ouviam a parábola contada por Jesus.

A segunda parte da parábola descreve, portanto, a dura queixa dos fariseus, que estão personificados no filho mais velho. Este não se queixa pelo regresso do irmão, mas sim por o pai ter organizado uma grande festa para o comemorar, sublinhando assim, de modo inequívoco, a plenitude do perdão. O filho mais velho protesta, recusa-se a participar da festa. E fá-lo em nome da justiça: «Há tantos anos que te sirvo, nunca transgredi nenhuma ordem tua e nunca me deste um cabrito para eu me banquetear com os meus amigos, mas logo que veio esse teu filho, que devorou os seus bens com meretrizes, mandaste-lhe matar o vitelo gordo».¹⁰⁵ Também neste caso, a reação do pai é imprevisível: admite que o filho mais velho tem uma certa razão; sem um mínimo de justiça, como sabemos, seriam impossíveis as relações entre os homens, incluindo as relações familiares. Mas o pai reivindica toda a razoabilidade do seu próprio comportamento justificando-o com a condição particular em que se encontrava o filho mais novo: sem o amor generoso do pai, de facto,

¹⁰⁴ Lc 15, 24.

¹⁰⁵ Lc 15, 29-30.

aquele filho, que estava morto, não teria ressuscitado, teria ficado perdido para sempre.

Com esta parábola e com as outras sobre o perdão, Jesus diz-nos que Deus é misericórdia para o homem pecador, ou seja, para ti e para mim. O Seu perdão é tão pleno e sem condições, que pode parecer injusto a quem se considera guardião dos direitos de Deus. Na verdade, quem perdoa renuncia, de certo modo, a um direito, porque o perdão é radicalmente graça, pura graça.

E diante desta pura graça, só existem duas possibilidades: uma gratidão ilimitada ou o escândalo, ontem como hoje – não é diferente.

Cristo não estabelece condições prévias para o exercício do Seu perdão. No entanto, recorda-nos o Papa na *Amoris laetitia*, «às vezes custamos muito dar lugar [...] ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de aguar o Evangelho. É verdade, por exemplo, que a misericórdia não exclui a justiça e a verdade, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus. Por isso, convém sempre considerar “inadequada qualquer concepção teológica que, em última instância, ponha em dúvida a própria onipotência de Deus e, especialmente, a sua misericórdia”».¹⁰⁶

Consciente da ruptura radical introduzida na história pela boa nova do perdão que Ele veio anunciar aos homens, Jesus proclama bem-aventurado quem não se escandaliza por causa d’Ele.

À luz destas observações, podemos reler o texto de Dom Giussani sobre a misericórdia, que muitos de nós conhecem bem: «No famoso quadro de Rembrandt, o filho pródigo é o espelho do Pai. O rosto do Pai está cheio de dor pelo erro do filho, pela sua negação, cheio de uma dor que se converte toda em perdão. E até aqui o humano consegue chegar. Mas a coisa mais espetacular e misteriosa é que a face do Pai é o espelho do filho pródigo. No quadro de Rembrandt, o Pai está numa posição especular em relação ao filho: nele reverbera a dor do filho, e portanto o desespero salvo, a destruição frustrada, a felicidade que está para se reacender, no instante em que está para se reacender, onde triunfa a bondade. Triunfa a bondade no filho pródigo, pois chora pelo erro cometido. Mas triunfa a bondade no Pai: é este o conceito de misericórdia, que o homem não pode chegar a compreender, a dizer. O rosto do Pai é o espelho do filho.

¹⁰⁶ Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família *Amoris laetitia*, 311.

E o rosto do Pai é misericórdia, pois é piedade para com quem errou e está voltado para quem regressa. Mas, se a misericórdia é tão parte do Mistério, é por meio do Filho, Verbo de Deus, espelho do Pai, que ela se revela ao mundo. Com efeito, é o Verbo do Pai que assume a natureza humana para revelar ao homem tudo o que o Mistério é para ele. Por isso, a Misericórdia tem um nome na história: Jesus Cristo». ¹⁰⁷

A consciência de que a misericórdia é mistério leva Dom Giussani a afirmar: «A palavra “misericórdia” deveria ser eliminada do vocabulário porque não existe no mundo dos homens, não há nada que corresponda a ela. A misericórdia está na origem do perdão, é o perdão afirmado na sua origem, que é infinita, é o perdão como mistério». Insiste: «A misericórdia não é uma palavra humana. É idêntica a Mistério, é o Mistério do qual tudo provém, pelo qual tudo é sustentado, para o qual tudo conflui, visto que já se comunica à experiência do homem. A descrição do filho pródigo é a descrição da misericórdia que reveste e penetra a vida daquele jovem. O conceito de perdão, com determinada proporção entre erros e castigos, ainda é de alguma maneira concebível pela razão: não, porém, este perdão sem limites que é a misericórdia. O ser perdoado, aqui, nasce de algo absolutamente incompreensível ao homem, nasce do Mistério, ou seja, da Misericórdia. Aquilo que não se pode compreender é o que garante a excepcionalidade do que se pode entender. Porque a vida de Deus é amor, *caritas*, gratuidade absoluta, amor sem recompensa, humanamente “sem motivos”. Humanamente parece quase uma injustiça, ou uma irracionalidade – justamente quando para nós não há razões. Porque a misericórdia é própria do Ser, do Mistério infinito». ¹⁰⁸

Aqui reside a origem da esperança para cada um de nós, bem conscientes da nossa necessidade sem fim de salvação: «A realidade da misericórdia é a ocasião suprema que Cristo e a Igreja têm para fazer chegar ao homem a Sua Palavra, não um mero eco dela no homem. Como se comporta conosco o Mistério infinito? Compreendendo e perdando tudo! [...] Mas esse Seu “ser bom com todos” acende os nossos pensamentos: melhor seria se nos tornasse crianças, nos faria entender aos cinquenta anos o sabor de sermos crianças, de sermos como crianças diante de um pai ou de uma mãe». ¹⁰⁹

¹⁰⁷ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 183.

¹⁰⁸ *Ibidem*, pp. 184-185.

¹⁰⁹ *Ibidem*, pp. 185-186.

4. «Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada»

Tentemos identificar-nos com Dom Giussani diante do mistério da misericórdia, que nunca deixa de o impressionar e o faz perguntar: «Porque é que Deus se dedica a mim? Porque é que se dá a mim, criando-me, dando-me o ser, ou seja, a si mesmo (dá-me Ele próprio, ou seja, o ser)? Porque é que, além do mais, se faz homem e se dá a mim para me tornar de novo inocente [...] e morre por mim (quando não havia necessidade nenhuma: bastava um sinal com o dedo e de certeza que o Pai teria agido)? Porque é que morre por mim? Porquê este dom de si até ao extremo concebível, para lá do concebível?».¹¹⁰

Para nos fazer entrar no coração da resposta, Giussani convida-nos a ler, aliás, a «aprender de cor» a frase do profeta Jeremias que escolhemos como título dos nossos Exercícios, «no capítulo trinta e um, do terceiro versículo em diante. Diz Deus, através da voz do profeta, quem em Cristo se realiza (pensem nas pessoas que estavam junto daquele homem, aquele homem que realizava estas coisas): “Amei-te com um amor eterno, por isso te atraí para mim [isto é, fiz-te participar da minha natureza], tendo piedade do teu nada”, eu sempre traduzi esta frase assim. “Tendo piedade do teu nada” o que é que isto quer dizer? De que é que se trata? De um sentimento, de um sentimento! De um valor que é sentimento. Porque a afeição é um sentimento; “afeiçoar-se a” é um sentimento, mas é um valor. É um valor na medida em que tem uma razão, se não tiver qualquer razão, qualquer que seja a não é valor, porque falta metade do eu, é o eu cortado ao nível do umbigo: permanece o resto, o de baixo».¹¹¹

Por isso «a caridade de Deus pelo homem é uma comoção, um dom de si que vibra, que se agita, que se move, que se realiza como emoção, na realidade de uma comoção: comove-se. Deus que se comove! “Que é o homem para que Te lembres dele?”, diz o Salmo».¹¹²

Continua Dom Giussani: «Eis a questão: Deus comoveu-se com o nosso nada. E não só, Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza grosseira, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. Deus comoveu-se com a nossa mesquinhez, que é ainda mais do que ter-se comovido com o nosso nada. “Tive piedade do teu nada, tive piedade do ódio que me tens. Comovi-me porque tu me odeias”, como um pai e uma mãe que choram de comoção por causa do ódio do filho. Não choram

¹¹⁰ L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol III, op. cit., p. 22.

¹¹¹ *Ibidem*, pp. 22-23.

¹¹² *Ibidem*, p. 24.

porque se sentem atingidos, choram de comoção, ou seja, é um pranto totalmente determinado pelo desejo do bem do filho, do destino do filho: que o filho mude, pelo seu destino, que se salve. É uma compaixão, uma piedade, uma paixão. Teve piedade de mim, que era tão esquecido e mesquinho. Se a nossa vida for normal, depois do que nos aconteceu, é difícil podermos encontrar durante o dia pecados especiais, mas o pecado é a mesquinhez da distração e do esquecimento. O pecado é a mesquinhez de não traduzir em novidade, de não fazer resplandecer de nova aurora aquilo que fazemos: deixamo-lo opaco, tal e qual como surge, sem ferir ninguém, mas também sem o oferecermos ao esplendor do Ser». ¹¹³

Esta é, então, a fonte da nossa certeza: «Teve piedade de mim e do meu nada e escolheu-me; escolheu-me porque teve piedade de mim; escolheu-me porque se comoveu com a minha mesquinhez! O que descreve a dedicação com que o Mistério – o Mistério supremo e o Mistério deste homem que é Cristo, Deus feito homem – o que descreve a dedicação do Mistério por nós, a dedicação com que o Mistério cria o mundo e perdoa a mesquinhez do homem – e perdoa-o, abraçando-o; mesmo mesquinho, nojento, abraça-o – é uma emoção. É como que uma emoção, é uma comoção, tem dentro uma comoção. É justamente esta a observação que exalta a maternidade de Deus». Ao passo que «em todas as outras concepções, esta unidade de Deus com o mundo ou com o homem é dita de uma maneira árida e mecânica. É como no doutor Schweitzer: tens de te dedicar, “tens”; como os terceiro-mundistas do pós-concílio e do pós-guerra: ir, sacrificar-se pela humanidade. «Tens de ir», não por comoção». ¹¹⁴

É preciso, porém, prestar atenção a um pormenor, para evitarmos um equívoco: «Esta comoção e esta emoção veiculam, trazem consigo um juízo e um bater do coração. É um *juízo* e por isso é um valor, digamos, racional não por poder ser reconduzido e reduzido a um horizonte abarcável pela nossa razão, mas racional no sentido em que dá razões, traz consigo a sua razão. E torna-se um *bater do coração* por esta razão. A emoção e a comoção não são caridade se não incluírem este juízo e este bater do coração. Qual é a razão? “Amei-te com um amor eterno, por isso te fiz parte de mim, tendo piedade do teu nada”: o bater do coração é a piedade do teu nada, mas a razão é que tu participes no ser. Pode-se usar o termo compaixão diante do nada ou diante de um animal mas, diante do homem – e assim concluímos o que eu disse antes, retomando-

¹¹³ *Ibidem*, pp. 25-26.

¹¹⁴ *Ibidem*, pp. 26-27.

-o – não se pode chamar senão comoção, porque o homem é chamado à felicidade, o homem é grande e chamado à felicidade, o homem é grande como Deus e é chamado à felicidade de Deus. Que seja esmagado pela mesquinhez, destruído pela distração, esvaziado e se torne nada por uma preguiça desmedida, é justamente isso que gera compaixão».¹¹⁵

Digam-me se há alguma coisa mais urgente do que um olhar como este sobre nós. Através dele, Deus quer provocar o nosso «sim». Por isso Simone Weil dizia: «Deus espera com paciência que eu queira, finalmente, consentir em amá-lo. Deus espera como um mendigo que fica de pé, imóvel e silencioso, diante de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é essa espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor».¹¹⁶ A isto, nós podemos responder com aquilo que cantámos no início: «Eu sei quem és para mim, haja o que houver espero por ti».¹¹⁷

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 27.

¹¹⁶ S. Weil, *Quaderni. Volume IV*, Adelphi, Milão 1993, p. 177.

¹¹⁷ *Haja o que houver*, letra e música de P.A. Magalhães: «Haja o que houver eu estou aqui, /haja o que houver espero por ti; / volta no vento, ó meu amor, / volta depressa, por favor. // Há quanto tempo já esqueci / porque fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento por favor. // Eu sei quem és para mim / haja o que houver espero por ti. // Há quanto tempo já esqueci... // Eu sei quem és para mim...».

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 16,1-10; Sal 100 (99); Gv 15,18-21

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL GUALTIERO BASSETTI
ARCEBISPO METROPOLITA DE PERÚGIA - CITTÀ DELLA PIEVE**

SAUDAÇÃO NO INÍCIO DA CELEBRAÇÃO

Caríssimos irmãos,

se eu tivesse ouvido, antes desta manhã, a meditação do nosso irmão e pai Carrón, talvez tivesse alterado a homilia de hoje, mas vão ter que se adaptar para ouvir aquilo que o Espírito me sugeriu também a mim. Seja como for, participei realmente com profunda atenção e comovi-me intimamente diante da categoria da misericórdia de Deus, que realmente nos toma por aquilo que nós somos. E, assim, apresentemo-nos ao Senhor esta manhã e desejemos com alegria – porque a misericórdia é experiência de alegria profunda – abrir-lhe o nosso coração.

HOMILIA

Caríssimo Julián Carrón, Padre Ambrogio, sacerdotes, e todos vós, irmãos e irmãs, é exatamente a vós que quero dirigir a minha mais cordial e afetuosa saudação. É com alegria que celebro esta Eucaristia no curso dos Exercícios Espirituais que estão a decorrer aqui em Rimini, um verdadeiro tempo de graça para a vossa Fraternidade, um tempo dedicado a Deus, mas também a vós mesmos, durante o qual fostes confrontados, como também pude ouvir esta manhã, com a Sua palavra, que sempre inspira propósitos de santidade. Desejo que penetre cada vez mais nos vossos corações a consciência do amor de Deus por cada um, um amor desmedido, que desconhece limites de espaço e de tempo, como nos lembrou o salmo: «Sim, é bom o Senhor e nosso Deus, a sua bondade perdura para sempre, o seu amor é fiel eternamente!». Estas palavras devem tornar-se vivas para a nossa vida.

Caríssimos, há duas palavras nas leituras de hoje que resumem eficazmente o sentido desta celebração: testemunho e perseguição. Duas palavras igualmente importantes – que se alimentam mutuamente sem solução de continuidade, sem que se possa dizer com exatidão qual das duas tem prioridade – e que remetem para factos concretos com os quais todo o cristão – e digo-vos isto por experiência própria, aos 74 anos – mais cedo ou mais tarde é chamado a confrontar-se na sua fé.

É um facto concreto o testemunho que nos é mostrado por São Paulo nos *Atos dos Apóstolos*, quando continua a anunciar com amor e tenacidade, apesar das dificuldades, das perseguições, a Boa Nova em Derbe, em Listra, e depois na Mísia e em Trôade; e por fim, através daquele sonho miraculoso, sente-se levado para a Macedónia: da Ásia passara para a Europa. E é igualmente um facto concreto a perseguição que Jesus anuncia aos discípulos: o mundo odiou-O primeiro a Ele, e vai continuar a odiar todos aqueles que falarem em Seu nome. Ao mesmo tempo, hoje é um facto concreto o Ano Santo da Misericórdia, que o Papa nos convida a viver de modo autêntico justamente para tornar «mais forte e eficaz o testemunho dos crentes», ou seja, o nosso testemunho.

Impressionou-me aquela maravilhosa exemplificação do momento culminante da misericórdia de Deus, da qual o padre Carrón partiu: a vocação de Moisés. Talvez Moisés estivesse a atravessar uma crise existencial, como tantas vezes acontece também na nossa vida. Mas Deus está presente, Deus vê, Deus sente, Deus está perto; Deus dá-se conta do drama do povo de Israel. E aqui está a misericórdia de Deus – que é concreta, como foi sublinhado, e bem, ainda há pouco –, eis que chega a resposta de Deus: «Eu ouvi o grito do meu povo, vi como é maltratado, e então decidi libertar com mão forte e poderosa o meu povo de sua escravidão. Por tuas mãos realizarei esta libertação» (cf. Ex 3,7-12). A misericórdia de Deus exprime-se sempre num chamamento, numa vocação pontual e precisa.

Voltando ao tema que eu estava a tratar, o das perseguições – porque a palavra de Deus é atual, o que Jesus disse: «Sereis perseguidos», di-lo esta manhã a nós –, há factos concretos, notícias que chegam de muitas partes do mundo, onde muitos irmãos nossos na fé, só pelo facto de testemunharem silenciosamente o seu amor por Cristo, são perseguidos, humilhados, expulsos das suas próprias casa, presos e até mesmo mortos. Durante o Sínodo sobre a família, e ontem novamente, tive oportunidade de estar com duas figuras eminentes da Síria: o patriarca Gregório III, dos Melquitas, e o bispo caldeu de Aleppo. No rosto destes dois irmãos no episcopado, pude ler todo o drama dos seus povos e dos cristãos. Mas também estou a pensar nos cristãos da Planície de Nínive – a Igreja caldeia é uma das mais antigas do mundo, que nas suas origens remonta a Abraão – completamente esfacelada. E também estou a pensar nos irmãos nigerianos mortos por alguns terroristas suicidas enquanto participavam no culto nas suas igrejas. Ou nos irmãos e nas irmãs do Paquistão. Portanto, podeis ver que esta palavra de Jesus é atual neste exato momento.

Mas nada disto acontece por acaso. E não devemos espantar-nos com o que acontece nem, sobretudo, perder nunca a esperança, porque tudo isto já tinha sido predito por Jesus. Que foi odiado pelo mundo e, no entanto, «venceu o mundo», e em virtude dessa vitória, salvou-o. Também nós, hoje, somos exortados a entrar nesta dimensão e a seguir este caminho que o Nazareno traçou para nós. Nós não somos do mundo, mas vivemos no mundo, ensina-nos João.

E hoje Jesus vem dizer-nos outra coisa importantíssima, caros irmãos. Vejo entre vocês muitos jovens, e o meu coração alegra-se com isso. Vem dizer-nos que foi Ele que nos escolheu! Vocês não estariam aqui vinte e dois mil se, de um modo ou de outro, não tivessem respondido a um chamamento. Foi Ele que vos escolheu. Não somos nós, com a nossa sabedoria ou inteligência, que O escolhemos. Foi Ele que veio ao mundo e nos chamou a si, para sermos sal da terra e fermento para a atual geração de homens.

«Num mundo em que tudo, *tudo*, dizia e diz o oposto» do cristianismo, Dom Giussani afirmava que é fundamental «mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida», testemunhar que «a fé corresponde às exigências fundamentais e originais do coração de cada homem» (*Educar é um risco*). E aqui, no fundo, citava Péguy.

Como são verdadeiras estas palavras de Dom Giussani! Ainda hoje aquele chamamento a anunciar Cristo como «facto presente», como acontecimento que se repete incessantemente na história da humanidade e não só como evento acontecido no passado, apresenta-se-nos como experiência iniludível do nosso ser cristão. O anúncio de Cristo é hoje, em qualquer período histórico, em qualquer contexto cultural e em qualquer latitude. E é um anúncio que jorra da fonte inexaurível da fé, que vai para além da nossa concepção do tempo e do espaço. «As coisas que eu vos vou dizer são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos» (*Educar é um risco*). Este «dois mil anos» é um hoje, e essas coisas valem para o hoje e valerão forçosamente também para o futuro.

As palavras com que Jesus adverte os discípulos não devem ser lidas, portanto, como um triste presságio de desventura, mas devem ser apreendidas como um grande ensinamento, através do qual todo o fiel pode adquirir uma consciência plena do que significa autenticamente ser discípulo do Senhor. O que espera o cristão de todas as épocas e de todos os lugares não é, pois, o consenso das multidões ou o aplauso do mundo, mas é muitas vezes exatamente o oposto. «Se me perseguiram a mim», disse-nos Jesus, «hão de perseguir-vos também a vós». Estas palavras, porém, nunca nos desencorajam, porque o Senhor nos dá sempre a sua

graça mesmo nos momentos obscuros, e a perseguição nunca é um facto estéril, porque através dela se manifesta sempre o poder do Espírito Santo que dá força do testemunho. O filho de Deus prepara estes pobres homens da Galileia para uma grande missão. Se é verdade, com efeito, que todos os que foram discípulos de Jesus serão odiados pelo «mundo», é igualmente verdade que é só através dessa perseguição que se poderá manifestar o poder do Espírito Santo, que os saberá guiar no seu testemunho. São marcantes os *Atos dos Apóstolos*, bem no início da pregação, quando Lucas sublinha «*ibant gaudentes apostoli*». Mas por que é que se alegravam, se lhes tinham batido, se os tinham flagelado, se os puseram na prisão?! Com que se alegravam? De terem podido sofrer alguma coisa em nome de Jesus. Que seja esta também a razão da nossa alegria, se tivermos de sofrer alguma coisa. Nós estamos na alegria porque sofremos por Jesus.

Jesus, portanto, não se limita a predizer o ódio do mundo, mas aponta as suas razões mais profundas. O mundo odeia os discípulos por um motivo muito simples: porque eles não pertencem ao mundo, mas a Cristo. O ódio do mundo, então, não é tanto um fator de escândalo, mas sim, pelo contrário, um sinal inevitável de pertença a Cristo. A perseguição é, indiscutivelmente, o sinal de que os fiéis são luz no Senhor. E enquanto houver homens e mulheres perseguidos, o mundo verá a luz do Senhor. Nós pertencemos a Cristo, e Cristo redimiu este mundo com o seu sacrifício e com o seu amor eterno por todos os homens. A perseguição é parte constitutiva da história da salvação: é a via da cruz que se encarna na existência quotidiana de cada um. Aceite com amor, esta é fonte de salvação para todos.

O Jubileu da Misericórdia proclamado por Francisco vem para nos lembrar também disto, e é uma ocasião única para curar «as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade» e para «ver as misérias do mundo», como nos disse o Papa. O homem moderno, de facto, parece ter caído numa espécie de pântano da alma, do qual já não consegue levantar-se e do qual não pode sair sozinho. Os atentados terroristas, por um lado, e o drama dos refugiados, por outro, são dois lados da mesma moeda: representam esse pântano de ódio e indiferença no qual o homem moderno se afundou.

E é justamente aqui, nesta tão delicada viragem da história, que se insere a ação salvífica da misericórdia. A misericórdia de Deus, com efeito, não é uma palavra açucarada para cristãos “de salão”, nem tampouco um termo que evoca devocionismos antigos. A misericórdia é, pelo contrário, o testemunho viril da presença de Deus na vida dos homens. Um

testemunho que se apresenta como uma propensão ao acolhimento e ao perdão, e que nos mostra, indubitavelmente, qual é o caminho do amor cristão. A misericórdia, definitivamente, é o canal da graça que de Deus chega aos homens. E é um facto extraordinário, mas atual para o homem de hoje.

Caríssimos irmãos e irmãs, em 1998, na Praça de São Pedro, Dom Giussani afirmou, e lembro-me como se fosse hoje: «O verdadeiro protagonista da história é o mendicante». Lembrem-se destas palavras! E quem é este mendicante, perguntou-se Dom Giussani? E respondeu: «Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo». Faço votos de que todos vocês vivam essa existência plena, que se expressa, para usar as palavras do fundador da vossa Fraternidade, «como ideal último, na mendicância». Seremos mendicantes de Cristo, eis o ideal máximo! É esta a grande provocação para este mundo, deixem-me dizê-lo, superficial e hedonista. E é precisamente por o mundo ser superficial e hedonista que nós, como nos disse Dom Giussani, queremos ser verdadeiros mendicantes de Cristo. Abram os vossos corações, escancarem os vossos ouvidos, e tirem dos vossos olhos as lentes do mundo, pois só assim é possível divisar o rosto de Cristo, como diz o Papa Francisco, o único rosto que oferece um sentido à perseguição e que nos dá a força para sermos testemunhas autênticas do amor misericordioso de Deus pela humanidade.

Seja louvado nosso Senhor Jesus Cristo.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Caríssimo Cardeal Bassetti, desejo agradecer-lhe em nome de todos os meus amigos, de todos nós, ter aceitado presidir a esta celebração eucarística durante os nossos Exercícios, precisamente neste ano do Jubileu da Misericórdia. Obrigado pela atenção com que sempre acompanhou a nossa história, desde quando era reitor do Seminário de Florença, onde tantos amigos puderam gozar da sua amizade e da sua companhia, e pela maneira como nos acompanha agora, na sua proximidade com o Papa Francisco. Quero também agradecer-lhe porque a sua presença aqui é para nós um sinal daquela misericórdia que o Senhor sempre tem para conosco, debruçando-se sobre a nossa necessidade. Obrigado, caríssimo!

Cardeal Bassetti. Caríssimo padre Julián, esta manhã acompanhei com um olhar de grande ternura esta maravilhosa família que o Senhor quis confiar especialmente aos teus cuidados, através da Igreja; e também

reconhecendo vários sacerdotes, começando pelo Seminário de Florença, depois em Massa Marittima, em Arezzo e por fim em Perugia. Fui, por isso, um padre itinerante, mais do que um bispo itinerante, sempre com a mochila às costas para aquilo que o Papa me pedia, tendo então também um conhecimento de muitos deles. Por estes motivos, o meu coração enche-se de grande ternura. E também tenho algum sentimento de paternidade em relação a todos vocês, do qual o padre Julián não tem absolutamente nenhuns ciúmes, tendo em conta o que lhes disseste, não é?

Carrón. De forma alguma!

Cardeal Bassetti. Até porque, de uma próxima vez, vos vou contar algumas confidências de Dom Giussani, mas agora não é o momento.

Concluo, por todos os motivos que sublinhámos e também pelo que ouvi da belíssima meditação, que foi realmente para mim um momento de contemplação. Sabem, a vida dum bispo decorre sempre por entre muitas dificuldades, de todos os tipos, e estar aqui uma hora, sentado, vendo bem o rosto do padre Carrón, pois ele estava mesmo à minha frente, e ouvindo as suas palavras, foi como que um lenitivo para a minha vida: obrigado também por isto. Juntando todos estes motivos, vêm-me à cabeça as palavras de Jesus aos seus discípulos depois de os ter chamado e constituído, quando lhes disse: «Ide, dai frutos e que o vosso fruto permaneça». Que verdadeiramente, queridos filhos, vocês possam trazer à Igreja e ao mundo todos os frutos que o Senhor espera de cada um e de cada uma de vocês!

Com estes sentimentos, eu vos concedo a minha bênção.

* * *

Regina Coeli

Sábado, 30 de abril, tarde

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra n. 23 em lá maior, KV 488

Marija Yudina, piano

Aleksandr Gauk - Orquestra Sinfônica da Rádio de Estado da URSS

Gravação de 1948

Vista Vera, Moscovo, 2005

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«*Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema*»

Em Jesus revelou-se o que quer dizer que Deus é misericórdia, como vimos esta manhã. É uma novidade tão inédita, que até parece injusta; vai tão além de qualquer imaginação, que se torna perturbador. Cristo é o auge da misericórdia, daquele estilo divino de que fala Bento XVI e que o Papa Francisco nos lembrou no grande discurso em Florença, referindo-se ao fresco do *Ecce homo* na catedral da cidade: «Olhando para a sua face, o que vemos? Antes de tudo, o rosto de um Deus “esvaziado”, de um Deus que assumiu a condição de servo, humilhado e obediente até à morte (cf. Fl 2,7)».¹¹⁸ Neste esvaziamento de todo o poder, revela-se aquilo de que falava Bento XVI, isto é, que o estilo divino é «não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor».¹¹⁹

Qualquer pessoa poderia pensar que tudo acaba aqui. No entanto, como dissemos ontem seguindo Bento XVI, ainda falta verificar se esta revelação da misericórdia, de acordo com o estilo divino, esvaziado de qualquer poder, exerceu – e exerce – verdadeiramente atração sobre o eu. Caso contrário, não haveria justificação de Deus perante o coração do homem, porque o objetivo constantemente perseguido por Deus ao longo da história é gerar um homem que o ame livremente. «Por esta liberdade

¹¹⁸ Francisco, *Discurso no encontro com os participantes do V Congresso da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015.

¹¹⁹ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, op. cit., p. 224.

[...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente». ¹²⁰ Era esta a promessa da «Nova Aliança» anunciada pelos profetas.

Eis então a pergunta: a tentativa de Deus teve sucesso? Deus conseguiu, em Jesus, originar este amor, esta liberdade, esta adesão? Foi possível suscitar um eu livre, capaz de O reconhecer? Por outras palavras: Deus justificou-se diante da razão e do coração do homem? Se pudermos responder afirmativamente, se a Sua tentativa teve sucesso, então há esperança de que esse resultado possa acontecer também em nós: não estaremos condenados a permanecer à mercê de nós mesmos, da precariedade das nossas vontades e da nossa impotência.

1. O «sim» de Pedro

«A maior coisa que Deus nos deu a conhecer na nossa história nestes últimos vinte anos foi o sim de São Pedro», ¹²¹ dizia Dom Giussani em 1995. Com efeito, as páginas que falam do «sim» de Pedro encontram-se entre as mais originais e espetaculares que ele nos deixou. Mas encontram-se, ao mesmo tempo, entre as páginas menos compreendidas, por serem tão perturbadoras, por se destacarem tanto das outras. É preciso que nos deixemos envolver pelo seu testemunho, pela sua entonação, para podermos experimentar o seu sentido nas nossas entranhas, para poder compreendê-las, porque só uma experiência é que faz compreender, não reflexões soltas.

Dom Giussani surpreende-nos logo na primeira frase: «O vigésimo primeiro capítulo do Evangelho de João é a documentação fascinante do surgimento histórico da ética nova. A história particular que se documenta é a pedra angular da concepção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo». ¹²²

Tentemos identificar toda a dimensão revolucionária deste *incipit* de Dom Giussani: a pedra angular da concepção cristã do homem, ou seja, de uma concepção mais compreensiva e correspondente do homem, da sua moralidade, da relação com Deus, é um facto na história. Quer dizer, a pedra angular de olhar finalmente adequado a nós mesmos e aos outros não é uma aula de antropologia cristã, mas uma história particular, sem a qual não eu compreenderia nem sequer a antropologia. Aquilo que nós, seguindo a men-

¹²⁰ Ch. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: Idem, *I Misteri*, op. cit., p. 343.

¹²¹ *Apontamentos de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani*, Milão, 15 de maio de 1995, conservado na Secretaria geral de CL, Milão.

¹²² L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82.

talidade de todos, consideramos quase irrelevante, porque não é replicável com os nossos esforços – uma história particular não pode traduzir-se num «modelo» e, por isso, não pode tornar-se repetível conforme o método científico –; aquilo que nos parece frágil demais para poder lutar contra as ideologias que reduzem o homem e que, portanto, somos tentados a descartar; para Dom Giussani é a pedra angular de tudo. Como Jesus diz de si mesmo: «A pedra que os pedreiros rejeitaram tornou-se agora a pedra angular».¹²³

Se quisermos compreender estas coisas até ao fundo, temos obrigatoriamente de voltar à forma como esta inteligência nova e esta moralidade nova entraram no mundo. Nunca deixa de nos surpreender, neste sentido, o valor de método que Dom Giussani atribui aos relatos evangélicos, pelos quais se deixa ensinar constantemente e dos quais nunca deixa de aprender. Nós, da segunda vez que os lemos, achamos que já sabemos tudo sobre eles! Se não quisermos repetir o nosso erro, tentemos seguir Dom Giussani na sua identificação com o relato do Evangelho; não tratemos o que vamos ouvir como um «já sabido», mas deixemo-nos impressionar por cada por menor, como se o ouvíssemos pela primeira vez.

«Os discípulos estavam a voltar, ao amanhecer, de uma noite má no lago, na qual não haviam pescado nada. Perto da margem, veem na praia uma figura que se empenhava em acender o fogo. Pouco depois veriam que no fogo havia peixes trazidos para eles, dada a fome naquela madrugada. Num dado instante João diz a Pedro: “Mas aquele é o Senhor!”. Então os olhos de todos abrem-se e Pedro lança-se à água, tal como está, e é o primeiro a chegar à margem. Os outros seguem-no. Dispõem-se em círculo, em silêncio: ninguém fala, porque todos sabem que é o Senhor. Deitados para comer, trocam entre si algumas palavras, mas estão todos intimidados pela presença excepcional de Jesus, Jesus ressuscitado, que já lhes aparecera noutras circunstâncias. Simão, cujos muitos erros tinham tornado no mais humilde de todos, também ele deitado no chão tendo à frente a comida preparada pelo Mestre, olha para quem está ao seu lado e com espanto e tremor vê que é Jesus. Então desvia o olhar d’Ele e fica assim, atrapalhado. Mas Jesus fala-lhe. Pedro pensa no seu coração: “Meu Deus, meu Deus, como mereço uma reprimenda! Agora vai dizer-me: ‘Por que me traíste?’”. A traição tinha sido o último erro grave cometido.» Mas, como cada um de nós sabe, quando cometemos um erro grave, é como se também voltassem todos os erros do passado. Foi assim também com Pedro, porque toda a sua vida «fora atribulada, devido ao seu caráter impetuoso, à sua imponência instintiva, à sua forma de ir em frente sem cálculos. Ele olhava

¹²³ Mc 12,10.

para tudo em si à luz de seus defeitos. Aquela traição fizera emergir nele com clareza o resto dos seus erros, o quanto ele não valia nada, o quanto era fraco, fraco de dar dó. “Simão...” – que arrepio não terá sentido, enquanto aquela palavra ecoava nos seus ouvidos, tocando-lhe o coração –, “Simão...” – e aqui deve ter tentado voltar o seu rosto para Jesus –, “tu amas-me?”. Quem poderia esperar aquela pergunta? Quem poderia esperar aquela palavra? Pedro era um homem de quarenta ou cinquenta anos, com família e filhos, e mesmo assim tão criança perante o mistério daquele companheiro encontrado por acaso! Imaginemos como se deve ter sentido trespassado por aquele olhar que o conhecia em cada detalhe. “Serás chamado Cefas”: o seu caráter duro era identificado com aquela palavra, “pedra”, e o último pensamento era, para ele, imaginar o que o mistério de Deus e o mistério daquele Homem – Filho de Deus – fariam com aquela pedra, daquela pedra. Desde o primeiro encontro, Ele preencheu todo o seu ânimo, todo o seu coração». Que força teve aquele primeiro encontro de Pedro com Jesus: decidiu a sua vida! «Com aquela presença dentro do coração, com a memória contínua d’Ele, [Pedro] olhava a mulher e os filhos, os colegas de trabalho, os amigos e os desconhecidos, os indivíduos e as multidões, e pensava e adormecia. Aquele homem tornara-se para ele como uma grande, imensa revelação ainda não esclarecida».¹²⁴

Dom Giussani continua a reviver a cena: «“Simão, tu amas-me?” “Sim, Senhor, eu amo-Te”». Mas como é possível, «como podia falar assim depois de tudo o que tinha feito», com todos os erros que lhe vinham à cabeça? «Aquele “sim” era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que dominava todas as outras. Tudo estava contido naquele olhar deles, coerência e incoerência era como se passassem finalmente para segundo plano, atrás da fidelidade que sentia carne da sua carne, atrás da forma de vida que aquele encontro havia plasmado».¹²⁵ Simpatia não é uma palavra que nós esperamos encontrar quando se fala de moral, ainda mais se essa palavra fizer passar para segundo plano o problema, que tanto nos aflige, da coerência ou da incoerência. Mas quem o experimentou pode perceber: uma presença como a de Jesus, uma simpatia como a suscitada por Jesus prevalece sobre todos os delitos que uma pessoa possa ter cometido.

«De facto», continua Dom Giussani, «não houve nenhuma reprimenda». Jesus simplesmente lhe fez de novo a pergunta: «“Simão, tu amas-

¹²⁴ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 82-83.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 83.

-me?”. Não incerto, mas temeroso e tremendo, respondeu de novo: “Sim, eu amo-Te”. Mas da terceira vez, da terceira vez que Jesus lhe fez a pergunta, teve de pedir a confirmação do próprio Jesus: “Sim, Senhor, Tu sabes isso, eu amo-Te. Para Ti vai toda a minha preferência de homem, toda a preferência do meu espírito, toda a preferência do meu coração. Tu és a preferência extrema da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei como dizê-lo e não sei como é, mas apesar de tudo o que fiz, apesar daquilo que posso fazer ainda [neste momento, agora], eu amo-Te”». ¹²⁶

Como vemos, em Simão domina esta simpatia, esta preferência, com as quais o primeiro a ficar espantado é o próprio Pedro: «Não sei como», não sabe explicar como é possível, mas não pode evitar que surpreendê-la dentro de si, como alguma coisa mais determinante do que todos os erros cometidos.

A genialidade de Giussani pode ser reconhecida na simplicidade com que se deixa ensinar pelo relato, não reduzindo o «sim» de Pedro a um impacto sentimental, a um momento emocionante, lírico e comovente, mas apreendendo toda a sua dimensão generativa, geradora, fundadora de uma novidade de vida: «Este “sim” é a nascente da moralidade, o primeiro sopro de moralidade no deserto árido do instinto e da reação pura. A moralidade enterra as suas raízes no “sim” de Simão, e este “sim” só pode enraizar-se na terra do homem através de uma Presença dominante, compreendida, aceite, abraçada, servida com todo o impulso do próprio coração, que só assim pode voltar a ser criança. Sem presença não há gesto moral, não há moralidade». ¹²⁷

Bastava uma frase como esta para deitar por terra livros inteiros de moral e muitas das estratégias que nos parecem mais inteligentes. O que pode lançar raiz em nós, o que pode firmar-se no nosso íntimo, não é uma lei ou um preceito, um discurso ou uma aula, mas – diz Dom Giussani – só uma Presença, «uma Presença dominante, compreendida, aceite». ¹²⁸ E isto é libertador. Sem esta Presença, o «sim» – portanto, a moralidade – não pode enraizar-se na terra do nosso coração. E seria inútil lamentarmo-nos. Não é possível, mesmo com todo o nosso esforço; o «sim» não pode enraizar-se, a não ser através daquela Presença dominante. «Sem Presença não há gesto moral». O próprio Jesus o tinha dito: «Sem mim, nada podeis fazer». ¹²⁹

¹²⁶ *Ibidem*, pp. 83-84.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 84.

¹²⁸ *Ivi*.

¹²⁹ Jo 15, 5.

Foi necessário que a misericórdia de Deus se tornasse carne, presença, presença carnal, histórica, para conseguir atrair todo o homem, para fazer enraizar-se o «sim» no coração do homem.

O que tem de especial esta Presença, para suscitar o «sim» e, desta forma, a moral nova?

«Este homem, Jesus, tem uma característica humana muito simples: é um homem do qual emana uma *simpatia* humana», que nunca poderá nascer de uma lei, de uma aula, de uma lista de coisas para fazer. É uma simpatia humana provocada por aquela carne. E «a moralidade, ou seja, a vitória sobre o niilismo», sobre a dissolução, sobre sermos “canhões à solta no convés”, «não é não falhar, não cometer erros, mas, mesmo cometendo erros, falhando, no fim: “Simão, amas-Me?”, “Sim, Senhor, eu amo-Te”. Posso errar mil vezes, mas «eu adiro; eu adiro à simpatia humana que emana de Ti, Jesus de Nazaré, eu adiro. E dentro desta simpatia que emana de Ti eu aprendo, aprendo a viver, aprendo a ser homem. É extremamente simples a moralidade: é aderir a uma simpatia, uma simpatia humana. Humana como a simpatia que a mãe experimenta pelo seu filho e o filho experimenta pela sua mãe». O problema não é que a criança não faça das suas – seria impossível –: para que aprenda a viver, basta que a simpatia da mãe atraia e faça vir ao de cima toda a sua simpatia. A simpatia de uma mãe é uma simpatia visceral, tal como o é a simpatia daquele Homem por Pedro. «Jesus tem esta simpatia humana por ti, por mim, e eu, mesmo cometendo erros, digo: “Sim, Senhor, eu adiro a esta simpatia”. Esta última afirmação é a possibilidade última de vencer o niilismo que nós “apanhamos” por contágio da sociedade em que vivemos. Para mim é importante», prossegue Dom Giussani, «que vocês se concentrem naquilo que eu disse no fim, ou seja, que a moralidade – responder “sim” a Cristo, que lhe pergunta: “Tu amas-Me?” – tem um início extremamente simples, que é a simplicidade de aderir a uma simpatia. E aderir a uma simpatia tem um início extremamente simples, que é *olhar*: um olhar para Cristo».¹³⁰

Como que marcado pela novidade daquilo que estava a dizer sobre a opinião dominante, quase que captando o nosso incômodo diante destas palavras, Giussani faz vir ao de cima a pergunta que tanto inquieta cada um de nós: «Mas por que é que o “sim” de Simão é a nascente da moralidade? Não vêm antes os critérios de coerência e incoerência? Pedro tinha feito trinta por uma linha». Não se trata de pintar a realidade com outras cores. Sim, «Pedro tinha feito trinta por uma linha, e ainda assim vivia uma sim-

¹³⁰ L. Giussani, *A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo*, Tracce-Litterae communionis, n. 4, abril de 1996, p. IV-V.

patia suprema por Cristo». Para nós, estas duas coisas são quase incompatíveis, não conseguimos juntá-las. Contudo – que libertação ouvir isto! –, Pedro surpreendia-se ao sentir que tendia para Cristo, «percebia que tudo em si tendia para Cristo, que tudo se concentrava naqueles olhos, naquele rosto, naquele coração. Os pecados passados não podiam constituir objeção e muito menos toda a imaginável incoerência futura: Cristo era a fonte, o lugar da sua esperança. Ainda que objetassem o que ele fizera ou o que poderia fazer, Cristo continuava, por entre a névoa daquelas objeções, a ser a fonte de luz da sua esperança. E ele estimava-O acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento que se sentira fixado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso».¹³¹ Como aconteceu com Maria Madalena. Percebem por que razão O procurava dia e noite? Não porque tinha de fazê-lo, mas porque não podia deixar de O procurar dia e noite.

«“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema”: assim nasce a moralidade [a partir da relação com Cristo]. E porém a expressão é muito genérica: “Sim, eu amo-Te”: mas é tão genérica quanto geradora de uma diversidade de vida almejada».¹³² Vocês já precisaram de ler estas coisas para conseguirem olhar para vocês mesmos? Não acredito – confesso-vos – que já tenha lido alguma coisa mais vezes do que estas páginas: para olhar para mim, para poder abraçar-me, para poder olhar para mim como Ele me olha, para poder surpreender aquela simpatia que arrasta tudo. Nunca agradeceremos o suficiente a Dom Giussani o fato de podermos olhar-nos assim, o que quer que tenhamos feito, voltando constantemente a estas páginas, para redescobrir o que nos permite olhar para nós mesmos deste modo.

Com uma atenção única para conosco, para não deixar nada de fora, para evitar que o «sim» de Pedro se torne para nós uma armadilha, uma medida sufocante, Dom Giussani faz-se a pergunta que o moralismo que temos em nós nos levaria a fazer: «O sim de São Pedro traduziu-se automaticamente numa coerência?». Resposta: «Nem pouco mais ou menos! Recuso-me a acreditar nisso! Há aquele sim, e ele tem uma consistência última misteriosa, no seu nexo com aquela presença, com a atração e a humanidade daquela presença»;¹³³ aquele «sim» tem uma tal consistência, que chega a desconcertar quem exige um relatório, de si e dos outros, é muito mais consistente do que qualquer balanço.

¹³¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 84.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ *Apontamentos de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani*, conservado na Secretaria Geral de CL, Milão, 15 de maio de 1995.

E então? Se o «sim» não garante a impossibilidade de errar, como ficar diante dos nossos previsíveis erros? Dom Giussani citava muitas vezes, a este propósito, uma frase da Primeira Carta de São João: «E todo aquele que tem esta esperança n'Ele, torna-se puro, assim como também Ele é puro».¹³⁴ O que significa? Que «a nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e desmemoriados que sejamos, já não conseguimos tirar – pelo menos, não até ao último pedaço – da terra do nosso coração, graças a toda a tradição através da qual ele chegou até nós». Cristo é uma presença que já não conseguimos erradicar da nossa terra, da terra do nosso coração. «É n'Ele que tenho esperança, antes de ter contado os meus erros e as minhas virtudes. Não cabem, aqui, as contas numéricas. Na relação com Ele, o número não tem cabimento, o peso medido e mensurável não tem lugar, e toda a possibilidade de mal que se pode realizar em mim no futuro, esta tampouco tem lugar, não consegue usurpar o título primário que possui, diante do olhar de Cristo, o “sim” de Simão por mim repetido. Então jorra algo do meu fundo, como um fôlego que sobe do peito e inebria toda a pessoa e a faz agir, a faz desejar agir de forma mais justa: jorra, irrompe do fundo do coração, a flor do desejo da justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Como o início de toda a nossa ação não é uma análise do que os olhos veem, mas um abraço daquilo que o coração espera, assim a perfeição» – atencão, a perfeição – «não é despachar leis, mas aderir a uma Presença».¹³⁵

Não é do perdão que nasce, certamente, o desejo de errar outra vez. Só quem nunca foi perdoado é que pode pensar assim: «Já que fui perdoado, faço-o outra vez». Pode até fazê-lo, mas não o deseja realmente. Na verdade, o que a pessoa surpreende em si mesma é o desejo de agir de forma mais correta. «Só o homem que vive esta esperança em Cristo é que continua toda a vida na ascese, no esforço pelo bem. E mesmo quando ele é evidentemente contraditório, deseja o bem. Isto vence sempre, no sentido em que é a última palavra sobre si, sobre o próprio dia, sobre aquilo que se faz, sobre aquilo que se fez, sobre aquilo que se vai fazer. O homem que vive esta esperança em Cristo continua na ascese. A moralidade é uma tensão contínua para o “perfeito” que nasce de um acontecimento em que uma relação com o divino, com o Mistério, está *implicada*».¹³⁶

A moralidade cristã, então, não pode constituir de algum modo um aval dos nossos erros. Mas muito menos o é ficarmos sufocados com o

¹³⁴ 1 Jo, 3, 3.

¹³⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 85.

¹³⁶ *Ibidem*.

número dos nossos erros, como diz Dom Giussani: «Na relação com Ele, o número não entra», não conta. A moralidade cristã é uma tensão que nasce do espanto pelo amor de Cristo.

Mas qual é, pergunta-se ainda Dom Giussani, a verdadeira razão do «sim» de Simão a Cristo? «Por que razão é que o “sim” dito a Jesus vale mais do que enumerar todos os próprios erros e listar todas as possibilidades de erros futuros que a própria fraqueza implica? Por que razão é que esse “sim” é mais decisivo do que toda a responsabilidade moral traduzida nos seus aspetos particulares, traduzida em prática concreta? A resposta a estas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o “enviado” do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. “Esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste”. A coisa mais importante é que “Te conheçam”, que Te amem, porque esse Tu é o sentido da vida. “Sim, eu amo-Te”, disse Pedro. E a razão desse “sim” consistia no facto de ele ter entrevisto naqueles olhos que o tinham fixado aquela primeira vez, e que depois o tinham fixado muitas outras vezes durante os dias e os anos seguintes, quem era Deus, quem era Javé, o verdadeiro Javé: misericórdia». Foi isto o que Pedro viu, experimentou: «Em Jesus, revela-se-lhe a relação de Deus com a sua criatura como amor e, então, como misericórdia. A misericórdia é a posição do Mistério para com qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, perante qualquer delito do homem, ama-o. Simão sentiu isto, daqui nasce o seu “Sim, eu amo-Te”».¹³⁷

Sempre me impressionou o episódio daquele homem que foi confessar-se a Giussani, na época em que ele era um jovem padre numa paróquia de Milão: «Entra um homem no confessionário; fica de pé, não fala. Então eu olho para ele. Ele, provocado por este meu gesto, diz: “Eu matei”. Não sei como, eu disse-lhe: “Quantas vezes?”. Ele intuiu que poderia ter dito “mil vezes” e eu teria assumido a mesma atitude que se tivesse respondido “uma vez”. Rompeu em lágrimas e baixou-se para me abraçar, chorando: tinha intuído o perdão».¹³⁸ Que consciência devia ele ter, desde jovem, da novidade que entrou com Cristo na história, para reagir daquela maneira diante de um assassino! Não havia nada para justificar. Não precisamos de justificar nada, mas – como Dom Giussani – podemos olhar para tudo, reconhecer tudo, porque há um olhar, uma capacidade de perdão, uma misericórdia que ultrapassa qualquer medida. Quem nega o que fez pode iludir-se achando que resolveu o problema (até mesmo um homicídio!).

¹³⁷ *Ibidem*, p. 85-87.

¹³⁸ L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: BUR, 2000, p. 63.

Mas o problema permanece, ainda que um homem o esconda de si mesmo. Ainda bem que tu existes, Cristo, e que te revelaste como misericórdia, porque senão teríamos que carregar o peso terrível das nossas culpas.

«O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, filho do Pai, enviado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milosz, a certa altura, o Abade diz impacientemente a Miguel Mañara, que ia ter com ele todos os dias para se lamentar dos pecados passados: “Acabe lá com esses lamentos de mulherzinha. Nada disso existiu”. Como, “nunca existiu”? Miguel tinha assassinado, violado, tinha sido injusto... “Nada disso existiu. Só Ele existe”. Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se “encontro” por nós, perguntando-nos uma só coisa: não “o que fizeste?”, mas sim “amas-me?”. Amá-lo acima de todas as coisas, então, não quer dizer que eu não tenha pecado ou que eu não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso ter um poder infinito para ser esta misericórdia, um poder infinito do qual nós – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos são dados para viver, nos anos, muitos ou poucos que sejam – obtemos, extraímos letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pequenez, fica feliz diante do anúncio desta misericórdia: Jesus é misericórdia. [...] “Debruçaste-te sobre as nossas feridas e nos curaste – diz um prefácio da Liturgia Ambrosiana – dando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior do que a nossa culpa. Também assim o pecado, em virtude do nosso amor invencível, serviu para nos elevar à vida divina”».¹³⁹

Foi o que nos disse o Papa Francisco no dia 7 de março de 2015. A moral cristã nasce daqui: «É graças a este abraço de misericórdia que surge a vontade de responder e de mudar, e que pode jorrar uma vida diferente. A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarista, de quem decide ser coerente e consegue, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não. Isto não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é resposta, é a resposta comovida diante de uma misericórdia surpreendente, imprevisível, “injusta” segundo os critérios humanos, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e me quer bem na mesma, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera de mim».¹⁴⁰

No mesmo sentido, Dom Giussani sublinha que o início da moralidade humana – *de uma moralidade plenamente humana* – é um ato de amor, não uma lei ou um sentido do dever. «O “sim” de Simão a Jesus não pode ser

¹³⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.

¹⁴⁰ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

considerado como a nota de um sentimento [a que às vezes nós o reduzimos], mas é o início de um caminho moral que ou se abre com aquele “sim” ou não se abre. O início de uma moral humana não é a análise dos fenômenos que povoam a existência do eu, nem a análise dos comportamentos humanos tendo em vista um bem comum». Não é preciso saltar nem sequer uma linha. «Isto poderia ser o início de uma moral laica abstrata, mas não de uma moral humana».¹⁴¹ Se não reconhecermos isso, em nome do cristianismo, faremos passar por moral cristã o que na verdade é apenas uma moral laica abstrata. No entanto, o início de uma «moral humana» é um ato de amor. «A vida do homem consiste no principal afeto que a sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação»,¹⁴² que é a forma com que Cristo se justifica perante nós. A maior satisfação é, com efeito, uma correspondência às exigências do coração. É só porque encontro em Cristo a maior satisfação que se origina em mim – em mim! em cada um de nós! – um afeto por Ele que pode sustentar a vida inteira. «O início de uma moralidade humana é um ato de amor. É por isso que se exige uma presença, a presença de alguém que nos impressione, que reúna todas as nossas forças e as solicite atraindo-as a um bem desconhecido mas desejado e esperado: aquele bem que é Mistério».¹⁴³ Sem essa Presença, não conseguiremos ficar unidos em nós mesmos. «Cristo atraí-me todo a si, tão belo é!».¹⁴⁴ Cristo atraí tudo em mim, atraí-me todo inteiro.

«O diálogo entre Jesus e Pedro termina de forma estranha. Este, que está prestes a seguir Jesus, fica preocupado com o mais jovem, João, que era para ele como um filho: “Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: ‘E este, Senhor?’ Jesus respondeu: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Tu, segue-me’”. Aquele “sim” dirige-se a uma Presença que diz: “Segue-me [está tudo aqui!], abandona a tua vida” [nas minhas mãos]. “*Jesu, tibi vivo, Jesu tibi morior, Jesu sive vivo sive morior, tuus sum*”. Quer vivas, quer morras, tu és meu. Pertences-me. Eu fiz-te. Eu sou o teu destino. Eu sou o significado de ti e do mundo».¹⁴⁵ Nenhuma outra coisa nos satisfaz como Ele.

É impressionante a consciência que Dom Giussani tem daquilo que move o homem no seu íntimo. Ao contrário do nosso suposto «realismo»,

¹⁴¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 88-89.

¹⁴² São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a.1.

¹⁴³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.

¹⁴⁴ Jacopone da Todi, «Como l’anima se lamenta con Dio de la carità superardente in lei infusa», *Lauda XC*, in *Le Laude*, Libreria Editrice Fiorentina, Florença 1989, p. 313.

¹⁴⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.

só uma presença é capaz de conquistar todo o nosso íntimo, a ponto de fazê-lo mover-se e fazê-lo desejar mudar. Se isto não acontece, tudo o resto é conversa fiada, é balbuciar tentativas ineficazes. Um instante desta ação, um instante da simpatia que Cristo suscita vale mais do que todos os propósitos que possamos fazer; um instante de preferência visceral por Cristo vale mais do que qualquer outra coisa. Com efeito, sem uma presença dominante que possa ser abraçada por nós, o «sim» não pode enraizar-se em nós. Só a atração poderosa da Sua presença é capaz de despertar uma simpatia que prevalece sobre a nossa incoerência ou incoerência, até mesmo sobre as contas numéricas. Só uma Presença cheia de misericórdia pode despertar o amor, que é o início da moralidade.

Então, continua Dom Giussani – prestemos atenção ao que nasce de uma história particular – «o protagonista da moral é a pessoa inteira, o eu inteiro». Não uma parte de nós, não um eu que diz: «Faço isto porque é o meu dever, mas o que eu queria fazer, na verdade, era outra coisa». Não, o protagonista da moral é o eu inteiro. «E a pessoa tem como lei uma palavra que todos achamos que conhecemos e da qual, depois de muito tempo, se há um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, se começa a entrever o significado: amor. A pessoa tem como lei o amor. [Porque] “Deus, o Ser, é amor”, escreve São João. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino. É um juízo, como quando se diz: “Este é o Monte Branco”, “este é um grande amigo meu”. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino, que eu descubro, entrevejo, pressinto ligada com o meu destino»,¹⁴⁶ com a minha realização. «Quando João e André o viram pela primeira vez e o ouviram dizer “Vinde para minha casa. Vinde e vede”, e ficaram todas aquelas horas ouvindo-o falar, não percebiam, mas pressentiam que aquela pessoa estava ligada ao destino deles. Tinham ouvido todos aqueles que falavam em público, tinham ouvido os seus pareceres e os de todos os partidos; mas só aquele Homem estava ligado ao destino deles», correspondia à espera deles. Que libertação! O amor é um juízo que nasce desta correspondência. Ainda que eu erre, sei bem o que me corresponde: Cristo. Ainda que às vezes prefira outra coisa, sei bem onde está a minha realização. Eu amo-te por isso, ó Cristo. Posso afastar-me de Ti, mas não posso ir para longe de Ti sem me perder».

Por isso, «a moralidade cristã é a revolução na terra, porque não é uma lista de leis, mas é um amor pelo ser: uma pessoa pode errar mil vezes e sempre será perdoada, sempre será retomada e retomará o seu passo no caminho, se o seu coração [ele usa o condicional, atenção!] recommençar com

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 89-90.

o “sim”». A moral cristã não é mecânica, não é automática, não significa que tudo seja igual, porque exige uma condição: que o coração recomece com o «sim». «O importante daquele “Sim, Senhor, eu amo-Te” é uma tensão de toda a própria pessoa, determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor por esse Homem que veio para mim: toda a consciência é determinada por isso, e eu posso errar mil vezes ao dia, ao ponto de ter vergonha de levantar a cabeça, mas ninguém me tira essa certeza. Apenas peço ao Senhor, peço ao Espírito que me mude, que me faça imitador de Cristo, que a minha presença se torne mais como a de Cristo. [...] Podem recriminar-me por cem mil erros, podem levar-me a tribunal, o juiz pode mandar-me prender sem nem sequer me investigar, com uma injustiça clamorosa, sem considerar se fiz ou não fiz, mas não me podem tirar esse apego que continuamente faz estremecer meu desejo de bem, ou seja, de adesão a Ele. Porque o bem não é o “bem”, mas é a adesão a Ele. [Ele é o bem] [...] Seguir este rosto, a sua Presença, levar a sua Presença a todo o lado, falar d’Ele a toda a gente, a fim de que essa presença domine o mundo – o fim do mundo vai ser no momento em que essa Presença se tornar evidente para todos».¹⁴⁷

Dada a centralidade do ponto, e sabendo que também nós temos cabeça dura, Dom Giussani repete: «Esta é a moral nova: é um amor, não regras para seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecê-lo. Depois, analisando com humildade todas as curvas e contracurvas da vida de um homem, pode muito bem dizer-se: “Isto seria mau, isto seria bom”, listar, pondo-os por ordem, todos os erros em que o homem pode incorrer: pode fazer-se, enfim, um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui. Se não fosse isso, eu poderia usar a moral exclusivamente para afirmar uma vantagem minha; seria, em todo caso, desesperante. Seria preciso ler Pasolini ou Pavese para o entender; não, basta lembrar-se de Judas».¹⁴⁸

A moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui; está em mim, no meu eu inteiro. É impressionante a radicalidade, e ao mesmo tempo a simplicidade, com que Dom Giussani consegue mostrar de que modo Cristo cumpre a promessa de uma Nova Aliança anunciada pelos profetas, de que falámos esta manhã. Vamos reler Jeremias: «Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei no seu coração [até àquele ponto tinham sido infieis, como se a lei não tivesse realmente vivido no coração deles]. Serei

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 90-91.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 91.

o seu Deus e Israel será o meu povo». ¹⁴⁹ Ou então Ezequiel: «Dar-vos-ei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirar-vos-ei do peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne. Dentro de vós meterei meu espírito, fazendo que obedeçais às minhas leis e sigais e observeis os meus preceitos. Habitareis a terra de que fiz presente a vossos pais; sereis meu povo, e serei vosso Deus». ¹⁵⁰

Neste momento, poderia surgir uma objeção: Dom Giussani ama Jesus, enquanto eu, infelizmente, não o amo ou não o amo como ele o ama, como lhe diziam alguns alunos: «*Vê-se que o Giuss ama Jesus e eu, pelo contrário, não o amo da mesma maneira*». Dom Giussani responde afastando qualquer argumento: «Por que razão vocês se opõem? O que é que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não terão àquilo que eu terei? Porquê, o que terei eu? Eu tenho este *sim* e basta, e a vocês não custaria nem sequer uma vírgula a mais do que custa para mim. A vossa objeção erra o alvo, ou melhor, revela a procura de uma desculpa, de um pretexto. Os vossos proclamados e publicamente reconhecidos defeitos e erros [...] são um pretexto para não dizer “sim” a Jesus. Dizer “sim” a Jesus. [...] Não há nada de mais simples: “Eu não sei como é, não sei como será: sei que tenho de dizer “sim”. Não posso deixar de o dizer”. Eu poderia dizer “não”, poderia tê-lo dito aos sete anos: aos sete anos uma pessoa pode ser orgulhosa a ponto de negar (aos sete anos pode-se negar); aos quinze, é pior; aos vinte, *comme ci comme ça*; depois chega: uma pessoa ou é simplesmente, abertamente, conscientemente impostora, ou então diz-se “sim”». ¹⁵¹

Nós fazemos muitas imagens enganadoras deste «sim». Mas para o dizer, não são necessárias nenhuma coragem ou capacidade particulares: é suficiente ir atrás daquela simpatia que nasce d’Ele. O «sim» nasce da experiência inconfundível de correspondência, jorra do reconhecimento de uma Presença ligada ao próprio destino. O «sim» só implica a sinceridade de admitir a correspondência experimentada, de ceder à evidência de um olhar único sobre a própria vida. É deste modo que Deus se justifica diante do nosso coração.

Tentemos agora – terminado este percurso – fazer a comparação entre o método de Deus testemunhado pelo «sim» de Pedro e o método que estamos a usar, mais ou menos conscientemente, com nós próprios e com os outros. De onde esperamos a nossa mudança e a dos outros? Que método usamos? Com que métodos nos surpreendemos a agir? Com o de Deus? Se não é assim, se não prevalece esse método, sucumbimos ao dualismo; de

¹⁴⁹ Jr 31,33.

¹⁵⁰ Ez 36,26-28.

¹⁵¹ L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 203-205.

modo que o «sim» de Pedro – mesmo que considerado com admiração – é reduzido a piedade, a devoção, a sentimentalismo religioso, até mesmo a intimismo, e para viver, para enfrentar a situação, as relações, a vida social e cultural, usamos «outra coisa».

Giussani tinha-nos advertido destas coisas há já algum tempo, no longínquo ano de 1977! «Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se uma recordação “espiritual”». Tal e qual. «O concreto seria outra coisa».¹⁵²

O dualismo evidencia-se na mudança de método: prescindimos da história particular originada por Cristo como método para transmitir a concepção cristã do homem, para despertar a sua adesão, a sua moralidade, e apontamos para outra coisa. Quer dizer, por um lado, reduz-se o alcance do encontro com Cristo e, por outro, consequentemente, confiamos-nos, com afã ou presunção, ao que nós sabemos fazer, de acordo com os esquemas de todos.

É como se a fonte de uma cultura nova fosse o nosso esforço inteligente de análise e de desenvolvimento e não pudesse, de modo algum, ser uma «história particular», o *affectus* por um facto, pelo acontecimento de Cristo presente. E, quando é assim, inevitavelmente os critérios e as perspectivas de juízo são emprestados por aquilo que o «supermercado» do mundo nos oferece, ainda que não nos demos conta disso. Tendo reduzido o encontro a uma inspiração espiritual ou a uma emoção, vamos buscar a outro sítio os fatores do nosso olhar sobre a realidade. E assim se insinua em nós o dualismo.

Ao passo que «consciência nova e moralidade nova», insiste Dom Giussani, «têm a mesma origem. Para Simão, filho de João, e para Paulo, a origem da consciência nova é idêntica à origem da sua moralidade: um Acontecimento presente».¹⁵³

A origem de uma cultura verdadeira e de uma moral nova é um acontecimento, um ponto específico, uma Presença cheia de atração, e o apego a esta. Para começarmos a perceber isto, bastava olhar com um mínimo de lealdade para aquilo que aconteceu a cada um de nós. Não é graças a um esforço nosso que passamos a reconhecer dimensões e profundidades do humano que antes não víamos ou recusávamos, que nos surpreendemos capazes de gestos que antes nem sequer imaginávamos: foi graças a um encontro, que se renovou no tempo e ao qual aderimos.

¹⁵² L. Giussani, “Viterbo 1977”. In Idem, *Educar é um risco*, op. cit., p. 96.

¹⁵³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 78.

Foi o encontro com Cristo, através de uma determinada realidade humana, que nos abriu os olhos, que escancarou a nossa razão, ultrapassando medidas e preconceitos, e que mudou a nossa maneira de tratar tudo. E aquilo que aconteceu conosco é a única saída também para os outros. Hoje vemos-lo com clareza: não basta uma insistência sobre a antropologia cristã para mudar a forma de olhar do homem; não basta a simples repetição do conteúdo da moral cristã para mudar o modo de relação com a realidade. Tivemos de esperar que o Mistério se fizesse carne, que acontecesse um encontro na nossa vida, pois sem a Sua presença, sem a presença de Cristo aqui e agora, a antropologia cristã e a moralidade cristã não se enraízam em nós. É aqui que se decide se seguimos aquilo que Cristo nos mostrou ou não. Muitas vezes, prescindindo do modo como Cristo faz as coisas, achamos que podemos chegar aos outros de outra forma. E, todavia, é preciso que aconteça o mesmo facto que aconteceu conosco, que aconteceu com Pedro, e é preciso que o homem o reconheça e o acolha, tal como nos aconteceu no início do caminho e como não pode ser de outra maneira em nenhum outro ponto do percurso. É disto que nasce a imitação de Deus.

2. Imitar a Deus

A experiência do perdão, da misericórdia, que muda os contornos da nossa vida, faz-nos querer fazer o bem. «Como quando os meus pobres pais», conta Dom Giussani, «depois de um erro, em vez de me ralharem ou me castigarem, me perdoavam: dá vontade – não só à criança, mas também às crianças grandes – de fazer o bem». Dá vontade! «É necessário que o perdão que já temos em nós se manifeste. Ele manifesta-se de dentro de nós, daquele profundo em que nós nascemos d’Ele, nascemos como liberdade; é necessário que se manifeste no meu amor a ti. Este será o último dia, quando uma evidência abissal irá persuadir todos: a imensa dor irá tornar-se em eterno amor».¹⁵⁴

Que isto é possível, é o que nos testemunha um amigo que está preso: «Meus amigos, regressando à prisão uma manhã, vocês não fazem ideia de como foram uma ajuda para mim; entro na prisão e, como sempre, fazem-me uma revista, uma revista que pouco tem a ver com o ser humano, com a dignidade; despem-me. O que me permitiu enfrentar esta provação foi também o vosso rosto, o vosso bem, e eu pensei: “Mas se é verdade o que parti-

¹⁵⁴ *Guardare Cristo*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações [de Luigi Giussani], supl. a *Litterae communionis-CL*, n. 4, 1990, p. 28.

lhaste com o grupinho de amigos, então também esta provação, ou melhor, esta circunstância é para ti. Não pode existir nenhuma circunstância que me possa roubar a coisa mais importante que trago em mim, ou seja, o olhar feliz”. Portanto, naquele instante, vocês foram a minha salvação, abracei toda aquela realidade, ainda que me provocasse tristeza, não só por mim, mas sobretudo por quem me fazia aquilo. Mas percebi que não é culpa deles. Que culpa tem alguém se não fez um encontro, se não teve quem o amasse gratuitamente e consequentemente o ensinasse a amar, como é que se faz sem um guia assim?! Que culpa tem alguém de não ter uma testemunha para seguir, que o faça entender o que é o homem e, principalmente, por que razão vale a pena viver? Eu olhei para eles com uma grande ternura, não porque me agradasse despir-me ou ser tratado assim, isso não. Olhei para eles com ternura porque, se uma pessoa foi sempre tratada assim na vida, consequentemente trata da mesma maneira a quem encontra. Foi ele o primeiro a quem feriram a dignidade, e age consequentemente com quem encontra!».

Isto, observa Dom Giussani, é o que acontece: «Através do espanto da Sua misericórdia, Ele faz-nos sentir o desejo de ser como Ele». O Papa convidou-nos a viver um ano da Misericórdia para que cresça em nós o desejo de ser como Cristo. «Até em quem não se interessava pela Igreja, nem pela moral [continua Dom Giussani] nasce um desejo de ser como Ele! Começa-se a perdoar realmente aos inimigos, aos que fazem o mal, e percebe-se então Job que, diante dos adversários que destruíram tudo o que tinha, consegue dizer: “O Senhor deu, o Senhor tirou: seja bendito o nome do Senhor”. Quando nos levantamos de manhã, sentindo o perdão que nos renova a vida, também nos dá vontade de dizer: “Senhor, ajuda-me a ser como Tu”. De facto, Jesus tinha já recomendado aos discípulos: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” [é o tema que o Papa escolheu para este Ano Santo da Misericórdia: “Misericordiosos como o Pai”]. E isto é um último contrassenso, mas só até certo ponto, porque é o desejo que define o ânimo do homem novo. Não somos realmente humanos se não desejarmos ser misericordiosos como o Pai que está nos céus. A questão é se realmente desejamos». Não é «se não erro»: é se desejo. «Então, o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. E isto implica aceitar-se, porque senão não seria desejo de mudança, mas pretensão e presunção, e não se tornaria pedido a Outro, não seria confiar-se a Outro. Este desejo define o presente, o instante do homem pecador. O milagre é aceitar-se e confiar-se a Outro presente, para sermos mudados, ficando diante d’Ele, mendigando».¹⁵⁵

¹⁵⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 187-188.

Por isso, conclui Dom Giussani, «o pedido é toda a expressão do homem [...]. Então uma pessoa já não tem medo de nada, não tem nem sequer medo de si mesma. E sente-se como uma criança que o Pai se inclina para agarrar: realmente o homem torna-se uma criança segura nos braços do seu pai. Uma pessoa, na sua pobreza, espantada diante da perfeição misteriosa de Deus Pai, Filho e Espírito, pede para ser como Ele. E não é uma ousadia temerária, é uma súplica real, simples, como a de uma criança que estivesse plenamente consciente».¹⁵⁶

3. A nossa tarefa: «ser-para»

Como é que um homem que viveu uma experiência como aquela encarnada e descrita por Dom Giussani concebe o seu estar no mundo, a sua tarefa na história?

Em 1993, no meio da crise política e social provocada pelo fenómeno de Tangentopoli, [*investigação judicial de grande envergadura, com início em Milão, que visava esclarecer casos de corrupção na década de 90, e que levou ao fim da chamada Primeira República Italiana e ao desaparecimento de muitos partidos políticos, bem como ao suicídio ou fuga de vários políticos e industriais quando os seus crimes foram descobertos, N.d.T.*], devido ao qual tudo em Itália parecia desabar, durante uma conversa perguntam a Dom Giussani: «Qual é a tarefa dos cristãos hoje? Reconstruir o mundo em nome de Cristo?». Ele responde: «A tarefa deles hoje é comunicar, participar a toda a natureza humana que nos cerca a misericórdia com que Cristo nos trata».¹⁵⁷

É surpreendente a coincidência total com a posição do Papa Francisco: «A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua acção pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia». E também: «A credibilidade da Igreja», ou seja, a possibilidade de justificar-se perante o mundo e perante nós mesmos «passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja “vive um desejo inextinguível de oferecer misericórdia”. Talvez, por demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa de ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 188

¹⁵⁷ L. Giussani, *O Eu, o poder, as obras*, Cidade Nova, São Paulo 2001, p. 225.

triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança». ¹⁵⁸ Como vemos, a bula de proclamação do Ano Santo é uma mina de indicações para a realização da nossa tarefa no mundo de acordo com a natureza do cristianismo.

Bento XVI, na entrevista que eu citava ontem, interroga-se sobre as razões profundas desta tarefa que o Papa Francisco considera tão urgente hoje: «Enquanto os padres da Igreja e os teólogos da Idade Média ainda podiam ser da opinião de que, na substância, todo o gênero humano se tinha tornado católico e que o paganismo existia quase apenas marginalmente, a descoberta do novo mundo no começo da era moderna mudou de maneira radical as perspectivas. Na segunda metade do século passado, afirmou-se completamente a consciência de que Deus não pode deixar que se percam todos os não batizados e que mesmo uma felicidade puramente natural para eles não representa uma resposta real para a questão da existência humana. Se é verdade que os grandes missionários do século XVI ainda estavam convencidos de que quem não é batizado está perdido para sempre - e isso explica o seu empenho missionário - na Igreja Católica, depois do Concílio Vaticano II, tal convicção foi definitivamente abandonada. Disto derivou uma dupla e profunda crise. Por um lado, isto parecia retirar toda a motivação num futuro empenho missionário. Por que se deveria tentar convencer as pessoas a aceitarem a fé cristã quando elas se podem salvar mesmo sem ela?». Se é possível salvar-se mesmo sem a fé, já não é óbvio por que razão ainda deveríamos empenhar-nos na missão. «Mas para os cristãos também surgiu uma questão: tornou-se incerta e problemática a obrigatoriedade da fé e da sua forma de vida. Se há quem se possa salvar também de outras maneiras, já não é evidente, no fim de contas, por que razão o próprio cristão fica ligado às exigências da fé cristã e à sua moral. Mas se fé e salvação já não são interdependentes, também a fé se torna sem motivo». ¹⁵⁹

¹⁵⁸ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §10.

¹⁵⁹ «Entrevista a S.S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé», op. cit., p. 133-134.

Só a audácia de Bento XVI pode colocar questões deste calibre. Começamos pela última questão: por que razão vale a pena ser cristão hoje, se é possível salvar-se também de outras maneiras? Que justificação da nossa fé nos damos a nós mesmos? Este é o maior desafio que podemos receber.

Temos de verificar quais as razões que temos para continuarmos cristãos agora, neste momento histórico. É o que nos dizia Dom Giussani: se a fé cristã não for uma experiência presente, confirmada por esta experiência, se eu não puder encontrar na minha experiência a confirmação da conveniência humana de ser cristão, a minha fé nunca poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário.¹⁶⁰ Será que aconteceu, então, na nossa vida um encontro em que Cristo se revelou como resposta para as urgências profundas da nossa humanidade? Será que podemos dizer, em razão disto, que sem Cristo nos falta a coisa mais decisiva para viver, a coisa mais querida? Será que temos, em suma, uma razão adequada para aderir a Cristo? É como se tivéssemos de nos descobrir livres perante Ele: livres para amá-Lo livremente, como dizia Péguy: «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres».¹⁶¹

Aqui podemos colocar a outra questão: qual é a nossa missão, qual é a nossa tarefa no mundo? A circunstância histórica que estamos a viver leva-nos a aprofundar a natureza do nosso ser cristãos no mundo. Bento XVI lembra-nos que «a *proexistência* de Cristo», isto é, o Seu “ser para”, é a «expressão da figura fundamental da existência cristã e da Igreja como tal [...]. Cristo, enquanto único, era e é *para todos* e os cristãos, que, na grandiosa imagem de Paulo, constituem o Seu corpo neste mundo, participam deste *ser-para*. Continua Bento XVI: «Não se é cristão para si mesmo, mas sim, com Cristo, para os outros. Isso não significa uma espécie de bilhete especial para se entrar na bem-aventurança eterna, mas sim a vocação para construir o conjunto, o todo. Aquilo de que a pessoa humana precisa tendo em vista a salvação é a íntima abertura em relação a Deus, a íntima expectativa e adesão a Ele, e isso significa, pelo seu lado, que nós, juntamente com o Senhor que encontrámos, vamos ter com os outros e tentamos tornar visível para eles o advento de Deus em Cristo».¹⁶²

Com isto fica claro o desígnio de Deus e o motivo por que nos escolheu, dando-nos a Sua graça: Ele suscitou tudo o que referimos hoje, percor-

¹⁶⁰ Cfr. L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 20.

¹⁶¹ Ver aqui, p. 7.

¹⁶² “Entrevista a S.S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”, pp. 135-136.

rendo a história de Israel até à vinda de Cristo, para vivermos já no presente a plenitude a que aspira o nosso ser e para tornarmos conhecida, através dela, a Sua presença no mundo. Talvez agora seja mais claro para nós por que razão Dom Giussani considera o «sim» de Pedro decisivo para a constituição de um protagonista novo na cena do mundo. Toda a tentativa de Deus, de Cristo, é gerar Pedro, um homem que com o seu «sim» O possa testemunhar no mundo, um eu que possa «ser para» todos os outros. Sem isto não existiria o rosto humano da misericórdia na história. A iniciativa de Deus tem por finalidade gerar um eu que possa torná-Lo presente, então como hoje. Por conseguinte, a tarefa da Igreja não pode ser outra senão a de fazer o que vimos Deus fazer ao longo da história.

«Esta [nossa] grande amizade, na qual se realiza a verdade plantada no mundo pelo mistério da morte e da ressurreição do Senhor, é toda destinada ao mundo. O destino, a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, “para os homens” [diz Dom Giussani]: uma dedicação profunda e apaixonada pelos homens e pelo seu destino, uma tensão para tornar presente dentro da trama da convivência do costume, onde os homens sofrem, têm esperança, tentam, negam, esperam o sentido último das coisas, o Facto de Jesus Cristo, única salvação dos homens. O “para os homens” é o motivo historicamente exaustivo da vida da comunidade cristã. A abertura incondicional à missão é garantia de verdade e de autenticidade da própria vida da comunidade cristã: “Eu consagro-me por eles, a fim de que também eles sejam consagrados na verdade”».¹⁶³

Dom Giussani apresenta os dois fatores fundamentais deste «*ser para o mundo*» dos cristãos: «O primeiro é o amor ao Facto de Jesus Cristo como única motivação verdadeira de qualquer tentativa e de qualquer presença: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja bem que esse extraordinário poder vem de Deus e não de nós”». E o segundo é «o amor pelo irmão enviado pelo Pai. A comunidade tem uma grande lei na sua relação com os homens que encontra: dar-se aos irmãos para os libertar de toda a miséria e os tornar capazes de esperar apenas a salvação que vem de Deus. A historicidade da realidade cristã, que vive a sua missão no mundo, realiza-se através da sucessão contínua das ocasiões. [...] Mas não é possível, no caminho do homem do nosso tempo, ser eco dessa presença e lugar desse encontro e dessa libertação profunda do limite e do mal, a não ser *compartilhando* incansavelmente a situação de necessidade em que o homem se encontra; porque o cerne autêntico de toda a necessi-

¹⁶³ H.U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 1978, p. 167-168.

dade é a invocação, a maior parte das vezes inconsciente, do Deus que se fez homem como nós para nos arrancar ao poder do nosso mal». ¹⁶⁴

Conclui Dom Giussani: «A razão profunda de cada gesto nosso de presença social e de comunicação ao mundo é o conhecimento do poder de Jesus Cristo: mas esta motivação única e originalíssima não se torna evidente a não ser no testemunho de uma paixão pelo homem, carregada de aceitação da situação concreta em que ele se encontra, e, portanto, pronta para qualquer risco e qualquer dificuldade». ¹⁶⁵

Esta manhã percorremos o grande e longo percurso que Deus teve de desenhá-lo no tempo – desde a escolha de Abraão até o advento de Cristo, passando pelas contínuas quedas do Seu povo – para gerar o «sim» de Pedro. Esse «ser para», que nasce do «sim» de Pedro, está bem ilustrado de modo eficaz e persuasivo na *Carta a Diogneto*. Imaginemos a Igreja dos primeiros séculos, que dá os seus passos no vasto Império Romano: «Os cristãos, de facto, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. [...] Vivendo em casas gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. [...] Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo». ¹⁶⁶

Os primeiros cristãos, como vimos no *Porquê a Igreja*, tinham a consciência viva de serem, no contexto do Império Romano, não por mérito próprio e sem nenhuma pretensão hegemónica, o sinal que tornava presente a novidade de Cristo no mundo!

Com uma percepção aguda do desafio epocal diante do qual a fé se encontra, o então Cardeal Ratzinger disse em 1991 – o muro de Berlim tinha sido derrubado apenas dois anos antes –: «O que, então, deve fazer a Igreja, ou as Igrejas, em tal contexto? Eu responderia: elas deveriam, em primeiro lugar, ser de uma vez por todas realmente elas mesmas». Para cumprir esta tarefa, conclui, «a Igreja deve estar disponível para padecer, deve preparar o caminho para o divino não com instrumentos de poder, mas na obediência ao Espírito, não com a eficácia das suas estruturas ins-

¹⁶⁴ *Ibidem*, pp. 168-170.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 170.

¹⁶⁶ *Carta a Diogneto*, V, VI, tradução de Luiz Fernando Karps Pasquotto, <http://www.corpuschristi.org.br/newsite/wp-content/uploads/2013/02/Carta-a-Diogneto.pdf>. O texto grego encontra-se em PG 2, coll. 1167-1186.

titucionais, mas [atenção!] através do testemunho, do amor, do seu próprio viver e sofrer, e assim ajudar a sociedade a encontrar sua autêntica fisionomia moral». ¹⁶⁷ Impressionante! Não é, por ventura, a mesma tarefa que nos indicou o Papa Francisco no Congresso de Florença?

Dom Giussani foi nosso pai e continua a acompanhar-nos na experiência cada vez mais consciente de uma alegria que não podemos guardar para nós, que queremos dividir com todos os nossos irmãos homens: «Testemunhar a fé é a tarefa da nossa vida», diz-nos. «Pois o cristão tem uma tarefa específica na vida, que não é o exercício de uma determinada profissão, mas sim a fé: testemunhar a fé e fazê-lo dentro do seu próprio estado de vida. Existe a família, existe a profissão, mas “a” tarefa é testemunhar a fé. Para isso é que fomos escolhidos. [...] Deste modo é que expressamos a nossa personalidade, não de padres, nem de freiras, não de operários ou de profissionais, ou de pais de família, mas de cristãos, qualquer que seja a atividade com a qual nos ocupamos: afirmando que a salvação já está presente e mostrando-a, testemunhando-a a todos». ¹⁶⁸

Eis então a postura com que o cristão entra em relação com qualquer pessoa e com qualquer coisa: «Somente se possuídos inteiramente por um amor [que realiza a vida, que nos faz experimentar uma plenitude], somente reconhecendo-nos pertencentes ao amor de Cristo “transbordante de paz”, é que somos como crianças que entram na escuridão de uma floresta, sem medo. É o acontecimento de Cristo o que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica. A valorização do pouco ou do muito de bem que há em todas as coisas leva a criar uma nova civilização, a amar uma nova construção: assim nasce uma cultura nova, como nexos entre todos os retalhos de bem que existem, na tensão de os fazer valer e concretizar. Sublinha-se o positivo, mesmo no seu limite, e abandona-se tudo o resto à misericórdia do Pai». ¹⁶⁹

Existe alguma coisa de mais libertador e pacificador do que esta humildade de certeza, fonte de um olhar positivo para tudo e para todos?

¹⁶⁷ J. Ratzinger, *Svolta per l'Europa. Chiesa e modernità nell'Europa dei rivolgimenti*. Ciniello Balsamo (Mi): Edizioni Paoline, 1992, p. 142, 144.

¹⁶⁸ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 155

¹⁶⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 158-159.

Domingo, 1 de maio, manhã

À entrada e à saída:

Nikolaj Rimskij-Korsakov, A grande Páscoa Russa, op. 36

Ernest Ansermet - L'Orchestre de la Suisse Romande,

"Spirto Gentil" n. 29, Decca

Padre Pino. Quando nos levantamos de manhã, quando nos preparamos – como agora todos juntos, ou nas nossas casas sozinhos, com a mulher, o marido, os filhos, talvez com alguma pressa – para rezar o *Angelus*, ou seja, para acolher o anúncio do Anjo, o anúncio desta realidade histórica que, daqui a algumas horas, voltará a ser «família» em milhares de casas, coloquemo-nos, para evitar toda a superficialidade e todo o formalismo, diante do que o Julián nos lembrou ontem, diante daquelas perguntas tão simples de Dom Giussani perante as objeções que podem nascer e que podem persistir em nós: «Por que razão vocês se opõem? O que é que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não terão àquilo que eu terei? Porquê, o que terei eu? Eu tenho este *sim* e basta, e a vocês não custaria nem sequer uma vírgula a mais do que custa para mim».

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Chegando a este momento conclusivo dos Exercícios, faremos como todos os anos uma assembleia partindo das numerosas perguntas que chegaram – obviamente, tivemos de escolher algumas –, para dar início ao trabalho que vai continuar nas próximas semanas, nos próximos meses, durante o verão, para retomar os conteúdos daquilo que nos foi proposto. Nestes dias, todos fizemos experiência do que nos foi proposto, que é muito mais do que simples palavras. Por isso, permito-me, para introduzir, fazer algumas brevíssimas e sintéticas considerações, algumas delas também pessoais, precisamente porque vivemos realmente uma experiência.

A primeira observação é esta: a esmagadora maioria das perguntas concentrou-se no conteúdo da segunda meditação. E isso, a meu ver, é já um facto significativo, porque normalmente a primeira meditação é a

que temos mais tempo para retomar, sobre a qual há mais possibilidade de trabalhar. Pelo contrário, o que eu disse demonstra que o que aconteceu nos marcou, nos marcou profundamente. Então, antes de avançar para a resposta a essas perguntas, queria tentar dizer, pelo menos do meu ponto de vista, por que razão nos marcou tanto. A primeira coisa que surge é um grande e dominante sentimento de gratidão. E não só porque ouvimos reflexões úteis e profundas, pertinentes ao que nos parece mais interessante, ou que sentimos como mais urgente também em relação ao momento da Igreja. Ouso dizer que o motivo principal é termos sido acompanhados numa viagem incrível para penetrar no coração de Deus, naquilo que cada um de nós sente, talvez sem confessar, como a esperança da vida: que haja para nós um Destino que tem um rosto totalmente determinado por um olhar de misericórdia para com o nosso nada. É a paz dada aos filhos. E isto corresponde já a uma experiência que fazemos, porque, se estamos aqui, mais ou menos conscientemente, é porque o Destino nos alcançou precisamente com esse olhar. Por isso nos convenceu, ou seja, nos uniu a si definitivamente. E isto aconteceu de forma gratuita. Não porque o merecêssemos – eu, pelo menos, não o merecia.

Muitas das perguntas, evidentemente, concentraram-se no tema da misericórdia, em particular na relação misericórdia-justiça, que vamos abordar daqui a pouco de maneira mais específica. Mas isto também tem uma implicação significativa, porque nos mostra como temos – perdoem-me a franqueza – dificuldade em seguir, como permanecemos ancorados às nossas imagens, pois nós temos uma ideia de justiça, no fundo, igual à de toda a gente: uma balança. E, pelo contrário, nestes dias fomos convidados a partir da nossa experiência e não de uma ideia. Se olharmos para a nossa experiência, paradoxalmente, teremos de dizer que o método de Deus é uma “injustiça”, por aquilo que nos foi dito. O que haverá de mais injusto para a medida humana do que a preferência do Pai? E, com efeito, este é o motivo do ódio do mundo. Nós somos objeto dessa preferência. E fomos escolhidos, como nos foi dito, para sermos como Ele no mundo. O que é mais verdadeiro? Preferir quem nos prefere assim, ou continuarmos presos à nossa ideia de justiça? Então é bonito recuperar o gosto de seguir, de seguir esta história, porque isso ajuda-nos, mais do que qualquer outra coisa, a perceber qual é a nossa tarefa no mundo. Vamos então começar com as perguntas.

«Por que se tornou tão inacreditável que um acontecimento particular possa ser a salvação do homem?»

Julían Carrón. Exatamente por aquilo que dizias agora: porque nos esquecemos de que o ponto de partida de toda a compreensão é sempre a experiência, e de que esta é a forma mais simples – a única, na verdade – para perceber. O Mistério fez as coisas tão bem, que, para nos introduzir na compreensão de tudo – como eu vos costumava lembrar –, não nos dá uma lição: faz acontecer alguma coisa. Como Dom Giussani sempre nos repetiu – ele, que seguia com os olhos escancarados a forma com que o Mistério faz as coisas – «a realidade torna-se evidente na experiência».¹⁷⁰ Para nos fazer perceber o que é o amor, em vez de nos dar uma aula teórica, Deus faz-nos nascer num lugar onde podemos experimentá-lo: a família. Entramos na realidade do amor através da experiência de sermos amados. E depois faz com que nos apaixonemos, ou que nos tornemos amigos. Apesar de ter sido este o caminho que percorremos desde que nascemos, temos dificuldade – e é esta a razão de uma das batalhas mais duras que Dom Giussani teve de travar conosco – em fazer *realmente* experiência. Facilmente reduzimos a experiência a algo de sentimental, a um efêmero – ainda que real – provar. Ao passo que, como Dom Giussani nos disse desde o início, não há experiência sem consciência do que nos acontece e, por isso, sem percebermos que crescemos.

Todos, de uma maneira ou de outra, estamos mergulhados em relações e circunstâncias, envolvidos numa multiplicidade de situações, e nesse sentido fazemos experiência da vida; mas para que seja plenamente experiência, isto não basta, é preciso haver uma inteligência daquilo que nos acontece, de modo a que passe a constituir o nosso olhar sobre o real, incida sobre a nossa mentalidade, a mude. É esse o sentido da frase de Guitton que sempre citamos: «“Razoável” designa aquele que submete a própria razão à experiência».¹⁷¹ Mas isto, amigos, lamento imenso por vocês, é um trabalho, não vos posso poupar a ele, cada um tem que fazer o seu, senão o que se vive não deixa marcas na pessoa e não a faz crescer. É graças a esse trabalho que podemos perceber aquilo que Dom Giussani disse – e que me impressionou muitíssimo – ao começar a explicar o «sim» de Pedro: uma história particular é a pedra angular da concepção cristã do homem e da sua moralidade. Mas, se olharmos para a nossa experiência – é este o ponto –, não foi exatamente isto o que talvez tenha acontecido? Uma história particular, um determinado encontro, mudou-nos a vida.

Se tivéssemos de dizer qual foi a coisa que mais determinou a nossa vida, a nossa salvação, todos os que aqui estamos teríamos de dizer

¹⁷⁰ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milão: BUR, 2002, p. 143.

¹⁷¹ J. Guitton, *Arte nuova di pensare*. Cinisello Balsamo (Mi): Edizioni Paoline, 1991, p. 71.

que foi um acontecimento particular, um encontro. Na medida em que não tomámos consciência disto, porém, torna-se “inacreditável” também para nós que um acontecimento particular possa ser a salvação do homem. É porque não nos demos conta de que foi justamente aquele acontecimento particular o que nos salvou, ou seja, não nos demos conta da dimensão cognoscitiva do encontro feito. Quem toma consciência disto começa a perceber. É a partir da experiência que eu faço no presente que posso compreender por que razão Deus se comportou da forma como relembrámos nestes dias. Quer dizer, nós podemos dar-nos conta de todo o alcance do designio de Deus justamente por aquele acontecimento particular, pontual e decisivo que nos aconteceu.

Tínhamos à disposição todos os livros das bibliotecas, todas as grandes descobertas feitas pelos homens – acrescentem tudo o que quiserem –, mas o que mudou a nossa vida foi uma história particular. E por que razão é que Deus escolheu este método? Por que não o fez de forma diferente? É isto que nos espanta. Por que não nos poupou o caminho da vida, criando-nos – por assim dizer – diretamente na vida eterna? Porque teria sido uma salvação não livre. Algum de vocês queria uma salvação não livre? Vemos, então, como começam a despontar as questões que nos fazem entender por que razão Deus se comportou duma determinada maneira com o homem: Deus quer para nós uma salvação livre, como nos disse Péguy – o texto que lemos será sempre uma chamada de atenção para isso: «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente».¹⁷²

Algum de vocês, por acaso, desejaria não ser amado livremente? E como Deus não tem menos gosto nisso do que nós, também Ele gosta de ser amado por homens livres, livremente. Mas para poder ser amado pelos homens livremente, há apenas uma modalidade: uma preferência, que significa amar um a um, desafiar a liberdade de cada um através de uma história particular. Como vimos, isto espantava toda a gente, a começar pelos discípulos: «Senhor, como se explica que tu te manifestarás a nós e não ao mundo?», perguntam a Jesus. E Bento XVI acrescentava: «Por que é que não Te opuseste com força aos teus inimigos [...]? Por que não lhes demonstraste, com vigor irrecusável, que Tu és o Vivente [...]». É o que, no fundo, todos acabamos por pensar: «Por que não Te impuseste?». Deus tinha todas as possibilidades para o fazer. Nós podemos pensar que não impomos nada por não termos essa possibilidade, mas se a tivéssemos... Ele, porém, tinha essa possibilidade! E não o fez, não

¹⁷² Ver aqui, p. 7.

se impôs a nós. Será que não nos amava? Será que não queria o bem do mundo? Não queria o bem dos homens? Pelo contrário, é por um amor infinito ao homem, à sua liberdade, que Deus age como age. «É próprio do mistério de Deus agir desse modo suave [...], pouco a pouco, [...] lentamente», dissemos com Bento XVI; é do estilo divino «não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor»,¹⁷³ ou seja, gerar uma criatura que Lhe queira bem livremente.

Ajudemo-nos a fim de que cresça em nós o desejo de amar Cristo livremente, pelo gosto de querer-Lhe bem agora: «Eu erreí até há poucos minutos atrás, mas agora – agora! – digo-Te, com toda a capacidade de afeição que tenho: “Tu, Cristo”, livremente». Isto vale mais do que todas as coisas que poderíamos fazer de modo formal, pois dizer «Tu, Cristo» é a expressão de uma liberdade. Mas um eu livre, que ama livremente, só é despertado por um acontecimento particular. Por isso Deus partiu sempre daqui na Sua relação com o homem. A nós parece-nos pouco, frágil demais. Mas não está nisto a sua força, perguntava-se Bento XVI?¹⁷⁴ Não é precisamente desta maneira que Deus demonstra ter a certeza do Seu desígnio em relação a nós e que nos ama incondicionalmente? Ele espera-nos, espera-nos sempre, para podermos chegar a Ele livremente.

Prosperi. «Podes esclarecer o que significa que sem Presença não há gesto moral?»

Carrón. Era o que dizíamos antes. Vamos dar alguns exemplos retirados da vida quotidiana. Pensem nos vossos filhos e na relação da criança com a mãe. Sem aquela presença, a criança fica sempre à mercê dos seus caprichos. O que é que, pouco a pouco, faz o seu eu aparecer e a leva a aderir ao ser – que é aquilo em que consiste a moralidade? A presença da mãe. O primeiro gesto em que se verifica a moralidade da criança é no apego à sua mãe. É através da relação com a mãe, portanto, que se desenvolve na criança o apego ao real, o amor ao ser, a moralidade. O amor visceral da mãe faz despontar na criança a sua capacidade originária de afirmação do ser. Bastava, então, observar como se manifesta a moralidade nos vossos filhos, para perceber que nenhuma pregação, nenhum apelo moral pode substituir o amor visceral da mãe, ou seja, a

¹⁷³ Ver aqui, pp. 6-7.

¹⁷⁴ «E, pensando bem, o aparentemente mais pequenino não é o verdadeiramente grande?» (J. Ratzinger - Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, op. cit., p. 224).

presença. É uma presença que gera a moralidade. E que nos faz sair da nossa concha, do nosso isolamento, do nosso individualismo, da nossa percepção de sermos donos da realidade. Quando se apaixonava, um homem é provocado a aderir de novo ao ser. Encontra diante de si uma presença tão atraente, que não pode evitar uma adesão que depois se estende em todas as direções. Quando Deus quis ajudar o homem, não utilizou outro método a não ser aquele que cada um de nós – da criança ao apaixonado – sentiu como adequado, o único método compreensível pelo homem. O que fez Deus? Tornou-se carne, para suscitar o nosso amor por Ele e assim gerar a nossa moralidade. Por isso a história de Pedro é tão significativa.

Não há nada que nos possa explicar melhor o que é a moralidade do que olhar para Pedro. Pedro é o símbolo de cada um de nós, de tão impetuoso que era, de tanto que errava, de tanto que reagia. Mas nada disto foi um obstáculo para ele, porque foi atravessado por uma Presença à qual se apegava cada vez mais. Sem aquela Presença, Pedro teria sido um canhão à solta no convés, sujeito aos seus próprios caprichos, como cada um de nós. Dom Giussani, conhecendo bem a nossa natureza, conhecendo como fomos feitos, captou todo o alcance desta história particular de Pedro e colocou-a diante dos nossos olhos. Não há possibilidade de uma moralidade verdadeira, não há possibilidade de um apego completo ao ser, a não ser por uma Presença que evoca, através de uma preferência, toda a nossa capacidade afetiva. Porque o problema moral diz respeito à capacidade afetiva, ou seja, essa capacidade de aderir à presença que é suscitada pela própria presença – como no exemplo da criança. Por isso Dom Giussani afirma que, sem a Presença de Cristo, o «sim» de Pedro não pode ganhar raízes. É crucial perceber isto: não são os nossos propósitos, as nossas repreensões a nós mesmos, a nossa raiva, o que nos faz progredir num caminho moral, mas sim o voltar àquela Presença. Senão, apesar de a experiência nos dizer uma coisa, nós cedemos à mentalidade comum, achamos que chegamos mais depressa a sermos morais seguindo o mundo e os seus esquemas, como se a experiência que vivemos na relação com Jesus não nos tivesse introduzido numa forma nova.

Convém-nos, então, voltar àquela página de Dom Giussani dedicada ao «sim» de Pedro, até que se torne nossa, ou seja, até a vida eterna! Nunca deixaremos de entrar nela, a não ser quando estivermos totalmente apegados a Ele. Temos necessidade de recomeçar constantemente dali, porque a tentação está sempre à espreita: «Está bem, eu sei isso, mas nesta circunstância eu...». O que há de mais simples do que aquilo que dissemos sobre a criança com a mãe, e que se torna completa e definiti-

vamente verdade com Jesus? Ele é uma presença tão atraente, visceralmente atraente, que não pode deixar de despertar toda a nossa afeição. É simples! Mas é preciso que nós também sejamos simples! Muitas vezes, é como se nós achássemos que tudo isto, ainda que bonito, não é suficiente, não funciona nas coisas da vida, e assim voltamos a pensar como toda a gente, confiamos nas soluções ilusórias de toda a gente.

Prosperi. A pergunta seguinte tem a ver precisamente com esta última coisa que disseste agora. «Dizer: “Sim, Senhor, eu amo-te” é simples quando quem te faz a pergunta tem os traços inconfundíveis de Jesus. Mas, quando a pergunta te é feita por uma circunstância ou por uma pessoa com quem tens dificuldades, já não é imediato. O que quer dizer, então, que basta o nosso sim? Quem me faz hoje a pergunta: “Tu amas-me?”».

Carrón. Jesus! Quem te faz a pergunta «Tu amas-me?» é sempre Jesus. Tudo o resto não importa. A pergunta é sempre feita por Jesus: «Tu amas-me, agora?». Pensemos no que nos contava o nosso amigo detido. É a afeição a Jesus despertada nele que, quando lhe tiram toda a sua roupa, quando o tratam de um modo que não é humano, o faz viver aquela circunstância com uma positividade última: tudo é determinado pela forma como Jesus o olha, e olha com ternura para as pessoas que tem à sua frente porque diz sim a Cristo. «Tu amas-me?» «Sim». Se não é verdade também quando o outro me trata mal, quer dizer que não é verdadeiro. Não é que, uma vez que nos aconteceu isto, todos tenham de nos tratar assim. Não desejamos que os outros nos tratem mal, mas temos que reconhecer que quem é alcançado pelo abraço de Cristo e O aceita pode ter um olhar cheio de ternura também sobre aqueles que lhe fazem mal. E, segundo um desígnio que não sabemos, que não conhecemos, pode acontecer que os outros fiquem marcados por essa forma de estar com eles de uma pessoa determinada pela presença de Jesus. Talvez nós não acreditemos, mas é assim.

Qual é a coisa que mais nos ajuda a ir ao fundo no amor a Cristo e, por isso, no amor ao outro? Um lugar, participar de um lugar que nos eduque a isto. A companhia cristã, o Movimento, existe para isso. Neste sentido, é significativa a maneira como Dom Giussani fala do grupo de Fraternidade. «Por que razão nos juntamos para fazer uma Fraternidade? Eu sempre disse que o primeiro critério para nos juntarmos é a facilitação em viver a experiência da fé que o Movimento nos dá». Não é dito que essa facilitação se realiza melhor onde haja uma proximidade ou onde haja «fatores de atração humana tais, que abafem o chamamento para o ideal (a afetivi-

dade ou o interesse, por exemplo». Aliás, isso poderia constituir, «operativamente», uma desvantagem. «Então», continua Dom Giussani, «a vantagem de uma proximidade criada não porque haja atração, não porque haja um interesse: uma aproximação de pessoas que se aceita justamente como uma escola, uma escola para amar o outro, para aprender a amar o outro, para aprender a viver uma companhia que nos faça caminhar rumo ao destino, de modo que, aprendendo ali [com aquelas pessoas], esse lugar também se torne o lugar onde está a atração natural predominante (como a família!) ou a antipatia, o aborrecimento permanente (como a família!) [ou o trabalho] e se aprenda a olhar para o outro de uma maneira diferente, através da simpatia e através da antipatia».¹⁷⁵

Se nós não tivéssemos um lugar onde somos convidados constantemente a nos tratarmos assim, a reconhecer que estamos juntos não simplesmente pela carne e pelo sangue, por uma questão de simpatia ou antipatia naturais, mas por Ele que nos tornou uma só coisa, não poderíamos ir para os outros lugares e viver a relação com todos de forma diferente. O resultado, nunca automático, da imanência a esse âmbito é que, «depois», como Dom Giussani sublinha, «o primeiro lugar onde a pessoa realmente vive essa caridade é a sua família, é a sua mulher ou o seu marido»; mas como consequência, «depois». Para que isto aconteça, com efeito, «é preciso um certo caminho. A regra é justamente a companhia de pessoas que se juntam com esse único objetivo: nesse sentido, poderiam ser pessoas que nunca se tinham visto antes, aliás, se esse objetivo estiver claro, o desconhecimento inicial torna-se facilitador do trabalho. Por seu lado, o conhecimento prévio, a simpatia já existente, a amizade da altura, facilitam o juntar-se, até de forma sincera, para esse objetivo; mas do ponto de vista operativo, tem também as desvantagens que citei antes para a família. «Por isso», conclui Dom Giussani, «a escolha da Fraternidade é a analogia perfeita de alguém que entra no convento. Por que razão é que alguém entra no convento? Não pelo hábito, ou por ser mais tranquilo, por gostar do estudo, por gostar da vida de piedade, por gostar de rezar, por gostar de ouvir cantar, por ter a velhice garantida. Não, não é por isso. Uma pessoa entra no convento, entra no mosteiro, porque quer estar numa companhia, escolhe uma companhia que o ajude a ir a fundo no amor por Cristo, no viver a pertença a Cristo e no testemunhar ao mundo. Vai por isto, senão está errado. Pode errar. Pode ir errando e pode purificar-se ficando».¹⁷⁶

¹⁷⁵ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2002, pp. 167-168.

¹⁷⁶ *Ibidem*, pp. 168-169.

Se estamos aqui por este motivo, pode acontecer-nos o mesmo que aconteceu ao nosso amigo detido, que começou a amar as pessoas mesmo quando não havia simpatia. Este lugar, a nossa Fraternidade, introduz-nos a uma forma diferente de viver tudo, até mesmo a família, até mesmo a amizade, até mesmo a relação com os desconhecidos.

Prosperi. Agora vêm três perguntas sobre a relação entre a misericórdia e a justiça.

«Qual é a relação entre misericórdia e juízo? Perdoar quer dizer aprovar tudo?»

«Como se concilia a misericórdia com a exigência de justiça?»

«Que nexos há entre a nossa exigência de justiça e a misericórdia? Pode a misericórdia ser fundamento da convivência civil?»

Carrón. A verdade não é relativista. A misericórdia não obscurece o juízo e não é uma alternativa a este. Portanto, não pode passar a ideia de que tudo é igual. Reconhecemos logo isso: há alguma coisa que corresponde e há alguma coisa que não corresponde, é objetivo. Claro, podemos contentar-nos, podemos aprovar o que quisermos, mas nunca irá corresponder realmente. A verdade é a verdade. Todos sabemos quando fazemos alguma coisa que nos corresponde e quando fazemos alguma coisa que não nos corresponde. A questão, porém, uma vez dado um juízo, reconhecendo como as coisas estão, é o que é que nos coloca em movimento, o que nos permite recomeçar, retomar, mudar. Dou dois exemplos.

Quando eu era diretor numa escola de Madrid, havia um aluno que fazia o que queria. Era também meu amigo, fazia, como eu, parte do Movimento. Depois de mil tentativas, como já tinha ultrapassado há muito tempo todos os limites possíveis e imagináveis, era preciso tomar uma decisão. Os outros professores estavam atentos para ver como eu me iria comportar: «Vais ver – diziam entre si –, como este rapaz é do Movimento, ele não vai fazer nada», como se eu tivesse que engolir, à partida, em nome duma pertença comum, todas as confusões que aquele rapaz arranjava. Dito e feito: expulsei-o da escola.

Como diretor, eu só pude tomar aquela decisão em relação a um amigo do movimento porque o vínculo que se tinha criado entre nós era infinitamente mais forte do que qualquer medida disciplinar. O que é que espantou toda a gente? Qual foi a surpresa? Que, tendo-se inscrito numa escola perto da minha, durante o intervalo ele vinha ter conosco, para estar conosco. Depois de ter sido expulso! Agir de acordo com a misericórdia não é transigir com qualquer comportamento, mas ao mesmo

tempo não é tratar as pessoas como se o erro fosse o fator determinante de uma relação. Nós podemos ter a liberdade de dizer as coisas, porque existe algo de mais profundo, um vínculo mais profundo do que todos os nossos erros. Isto não significa que, pelo facto de sermos amigos e vivermos uma profunda afeição pelo outro, tudo seja igual. Não, isso quereria dizer que não éramos amigos, que não queríamos o destino do amigo. Às vezes uma pessoa pode dizer à outra as coisas que não lhe agradam na sua forma de agir. Mas isto não impede aquele tipo de relação que oferece ao outro a oportunidade de fazer o seu caminho para atingir o objetivo. Aquele meu aluno, em quem ninguém apostaria sequer um euro, terminou a faculdade, graças à estima que sentiu sobre si, independentemente de todos os erros cometidos. Nesse sentido, às vezes é preciso tomar decisões duras – como a minha na época – que demonstrem o quanto nos importamos com o destino do outro.

Mas eu gostaria de propor um exemplo desse vínculo profundo que se pode estabelecer entre as pessoas ao nível da convivência civil; foi o Julián de la Morena que me falou dele. No Brasil existem algumas prisões particulares, sem guardas e sem armas, geridas segundo o método da associação APAC através do envolvimento dos seus responsáveis e dos detidos. O acesso a elas é consentido a todos os condenados, com qualquer tipo de pena, até mesmo de 25, 30 anos ou mais. Verificou-se que, se a metodologia for bem aplicada, ela pode permitir a recuperação de qualquer condenado, independentemente do crime cometido. O juiz responsável pela circunscrição judiciária de Itaúna (onde fica uma dessas prisões) conta: «Eu lembro-me de um detido que chegou à APAC de Itaúna; cumpria uma pena de quarenta anos por delitos em diversas circunscrições judiciárias. Chegou a Itaúna por um crime cometido nesse território. Era jovem e muito forte, e tinha conseguido fugir de todas as prisões em que fora preso. Estava a cumprir a pena havia já dois anos e ainda não tinha fugido dessa prisão. Um jornalista do tribunal de justiça veio à APAC para gravar um vídeo institucional e perguntou-lhe: «José – é o seu nome –, tu fugias de todas as prisões e as prisões tinham agentes penitenciários, mas desta APAC [onde não há guardas armados] tu não foges, porquê?». O José deu uma das respostas mais emblemáticas que eu já ouvi: “Porque do amor ninguém foge”».¹⁷⁷

¹⁷⁷ Da entrevista a Paulo António de Carvalho, realizada na preparação da mostra do Meeting de Rímni de 2016 sobre a experiência brasileira da APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), a Associação de proteção e assistência aos condenados que atua em diversas prisões do Brasil.

Prosperi. Jean Valjean!¹⁷⁸

«Nas relações entre nós, adultos, e os filhos, normalmente temos uma estima “medida” pela liberdade, principalmente quando estamos convencidos de que algum está a cometer um erro. Do que tu dizias hoje, é evidente a diferença que Deus usa em relação a nós e à nossa liberdade. Então o que quer dizer educar sem se subtrair-se à sua própria responsabilidade? O que é que nos pode ajudar a olhar para a liberdade do outro como Deus olha para a minha?».

Carrón. Esta é uma questão que todos nos colocamos. Eu tive de o fazer quando ensinava em Madrid: qual era a minha responsabilidade em relação aos miúdos? Devia construir barreiras ou deixar andar? É uma questão que não é fácil de resolver, porque na maioria das vezes uma coisa não exclui a outra; deixar andar não significa, da nossa parte, não fazer nada. Confesso que para mim foi um alívio dar-me conta de que esse problema já tinha sido resolvido por Deus. Tendo que lidar com um problema muito parecido com o do ensino, o que fez Deus? Como é que nos deixou a liberdade e, ao mesmo tempo, nos incitou a reconhecê-Lo? Tornou-se uma presença. Para responder a este problema, fez-se carne. Para alguns talvez possa ser insuficiente, mas foi o que Deus fez, e vai desafiar-nos a todos pelo resto da nossa vida. Através do método de Deus, do Seu estilo suave, tudo começou.

Por isso, educar significa pôr diante do outro uma presença. Não há educação sem presença, uma presença que seja capaz de fascinar o outro, de mover o outro no seu íntimo, o que está muito longe tanto da aprovação de tudo o que faz, quanto do desinteresse. Se achamos que é possível educar sem presença, sem estar ali inteiramente, com um método que não nos envolva, estamos no mau caminho! Só quando nós nos envolvemos na primeira pessoa com o outro é que nos podemos tornar uma presença que fascina, ou seja, que suscita o livre envolvimento do outro. Acontece com os filhos, com os alunos, com toda a gente, e aconteceu antes de mais com nós mesmos. Bastaria, para responder a estas perguntas, não nos perdermos nas teorias e perguntarmo-nos: o que nos ajuda? E verificar se o modo com que se comportam com os vossos filhos é o que vos ajuda a vocês, que são adultos. Começaremos a perceber, talvez, por que razão Deus usa o método que usa. Como nos disse Dom Giussani: a hipótese, o ideal, é encarnado na testemunha (no educador). Porque a educação é uma comunicação de si isto é, da forma com que eu vivo a relação com o real.¹⁷⁹

¹⁷⁸ É o protagonista d’*Os miseráveis*, de Victor Hugo.

¹⁷⁹ Cf. L. Giussani, “Viterbo 1977”. In: Idem, *Educar é um risco*, op. cit., p. 122.

Contava-me uma mãe, um destes dias, que estava a pensar com quem deixar os filhos para poder ir às férias da comunidade; o filho, de dez anos, tendo ouvido a sua intenção, diz-lhe: «Não, não, não, eu quero ir às férias!». O que é que ele viu, para que nascesse nele a vontade de não perder aquelas férias? Uma atração vencedora. Não há outra forma para suscitar aquela vontade. Dissemos que não há moralidade, não há apego, a não ser como resposta a uma presença. Tudo o resto não é capaz de mover a liberdade do homem. A atração é crucial para provocar o apego. Juntamente a isto, é preciso convidar constantemente os filhos a darem-se conta de que têm dentro de si o *detector* (com o qual o Mistério os pôs no mundo; o Mistério, não nós!) para reconhecer o que corresponde e o que não corresponde: o coração, a experiência elementar. Nós, adultos, teremos sempre de desafiá-los para o uso do coração como *detector*. Até certo ponto, de facto, vocês podem ainda acompanhá-los de perto, mas se não os habituarem desde pequenos a usar a capacidade de reconhecer a verdade que têm originalmente, e se não os provocarem a perceber que eles têm em si mesmos essa capacidade, uma vez que cresceram, se não tiverem sido educados a julgar, facilmente ficarão à mercê do primeiro que passa na rua. Se não os educarmos para o juízo, vamos sofrer as consequências disso, porque eles irão crescer e terão de fazer eles mesmo a verificação.

Prosperi. «Disseste que em Simão domina o espanto desta simpatia e preferência, que é mais determinante do que todos os seus erros. Podes explicar-nos melhor o que é esta simpatia?»

«Falaste da afeição a Cristo. Como nasce esta afeição? Como podemos afeiçoar-nos a Cristo hoje? Como podemos amar uma pessoa que não vemos? Temos que nos afeiçoar a um sinal? Aprende-se a amar a Cristo amando pessoas e sinais?»

Carrón. Uma das coisas mais bonitas que li ontem de Dom Giussani tem a ver precisamente com esta pergunta. «Este homem, Jesus, tem uma característica humana muito simples: é um homem do qual emana uma simpatia humana. E então a moralidade, ou seja, a vitória sobre o niilismo, não é não falhar, não cometer erros, mas, mesmo cometendo erros, falhando, no fim: “Simão, amas-me?”, “Sim, Senhor, eu amo-Te”, eu adiro; eu adiro à simpatia humana que emana de Ti, Jesus de Nazaré, eu adiro». ¹⁸⁰ Cristo é uma presença afetivamente atraente, capaz de arrastar

¹⁸⁰ Ver aqui, p. 55.

consigo toda a nossa simpatia. O que nos atraiu no encontro? Cada um, para responder a estas perguntas, tem que voltar ao que lhe aconteceu. O que te atraiu? No início e durante o caminho, até agora, o que te atraiu e ainda te atrai? Foi e sempre será uma graça, alguma coisa que vem antes da tua iniciativa. Dom Giussani recordou-nos isso: o fenómeno inicial, original, pelo qual ficamos e ainda somos atraídos é «alguma coisa que vem antes», é depararmos com uma presença diferente que não criamos nós e que corresponde à espera constitutiva do coração.¹⁸¹ A iniciativa de Deus vem sempre antes de qualquer iniciativa nossa. Como nasce em nós a afeição a Cristo? Nasce pela simpatia que Cristo gera em nós.

Qualquer que seja o caráter que uma pessoa tem, a experiência de Pedro é emblemática de como nasce a afeição por Cristo, ilumina a sua origem. A afeição de Pedro por Jesus nasce porque Pedro se encontra diante de uma Presença que arrasta todo o seu ser. Erra, recomeça; erra, erra outra vez, mas não pode deixar de recomeçar; embora cometendo mil erros, nunca se vai embora. A afeição nasce seguindo aquela simpatia. E daqui nasce a moralidade. A moralidade é extremamente simples: é o aderir a uma simpatia, uma simpatia humana, humana como a simpatia que a mãe experimenta pelo filho e o filho experimenta pela mãe. Trata-se de aderir a esta simpatia, de ir atrás dessa simpatia. É extremamente simples. E mesmo assim, objetamos: «Mas estamos sempre a falar disto!», como se depois tivéssemos de passar para algo diferente que seja mais consistente. Ou então: «Está bem, mas nós não estamos diante de Jesus como Pedro estava». Isto, implícito na segunda parte da segunda pergunta, é um problema diferente; é o problema da fé: nós não reconhecemos Cristo, presente através de tudo o que Ele faz diante dos nossos olhos. Por isso, eu percebo muito bem a objeção. Mas nós estamos diante de Cristo exatamente como estava Pedro, não somos de segunda categoria em comparação com ele! O problema é que muitas vezes não O reconhecemos.

Pedro assistiu a uma grande abundância de milagres, que o deixaram cheio de espanto; mas nós não vimos menos milagres. O que são os factos espantosos que contamos entre nós assim que nos sentamos à mesa ou quando estamos juntos, senão a forma com que Cristo se manifesta presente no meio de nós? Se nós nos déssemos conta disto, perceberíamos que a reprimenda de Jesus às cidades próximas do lago que tinham visto muitos milagres não era nada em comparação com a reprimenda que nós

¹⁸¹ Cfr. L. Giussani, «Alguma coisa que vem antes», in *Da fé, o método*, Tracce-Quaderni 2, suppl. a Tracce-Litterae communionis, abril de 1994, p. 39ss

poderíamos receber: as pessoas daquelas cidades, com efeito, não tinham visto nada em comparação com o que nós vemos continuamente.¹⁸² Jesus não está nas nuvens, está a acontecer diante dos nossos olhos! As Escolas de Comunidade destes últimos meses ilustraram isto com uma riqueza superabundante: o que foi mostrado, nos factos e nos testemunhos de que participamos, é Jesus em ação – de modos muito diferentes –, não um sóia. Nada do que vemos e contamos se explica, a não ser pela presença de Cristo, que dessa maneira faz com que nos apeguemos cada vez mais a Ele. Mas é preciso reconhecê-Lo. Muitas vezes, infelizmente, nós não O reconhecemos.

Foi por isso que escrevi o artigo no Natal,¹⁸³ falando do paquistanês que se dá mais conta da dimensão dos nossos gestos do que nós. Quando, diante do gesto humano que lhe é dirigido, o paquistanês chora, nós comentamos: «Não é um tanto ou quanto exagerado?». O problema é que nós frequentemente reduzimos aquilo que vemos e depois afirmamos que não estamos diante da presença de Cristo. Eu percebo-o! E assim a nossa ação torna-se um voluntarismo. Mas isto não depende do facto de não haver a Presença, mas sim do facto de ela não ser reconhecida. E assim a moralidade não surge em nós, porque, sem Presença, não há gesto moral. Se nós não nos afeiçoamos a Cristo, não é porque ele não esteja presente, mas porque não O reconhecemos. Vamos tentar ajudar-nos uns aos outros a reconhecê-Lo: veremos que está muito mais presente do que pensamos. De facto, Cristo está presente no real, dentro dos sinais através dos quais nos alcança e nos atrai. Ajudemo-nos a olhar com lealdade para os factos excepcionais que nos acontecem e dos quais frequentemente falamos, para que se torne mais fácil reconhecê-Lo em ação e mais contínuo o pedido para O reconhecer pois a fé cresce reconhecendo-O, não cresce refletindo, sozinhos com os nossos próprios pensamentos, mas reconhecendo-O no real.

Prosperi. Esta pergunta tem a ver com a relação moralidade-obra. «Disseste que na verdadeira moralidade os números não contam, não há medida. Ora, a moralidade tem a ver com a ação. Mas, se eu tiver que decidir se levo por diante uma escola, se acolho um imigrante numa

¹⁸² «Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidónia tivessem sido feitos os milagres que se realizaram em vós, há muito tempo que teriam feito penitência vestidos de saco e em cinza» (Mt 11,21).

¹⁸³ Cfr. J. Carrón, «O Natal dos crentes, gestos de humanidade que movem o coração», *Corriere della Sera*, 23 de dezembro de 2015, p. 35.

estrutura, se contrato uma pessoa, eu tenho de olhar para os números. Não se criam dois planos, um “substancial”, no qual não há medida, e um “prático”, no qual escolho com base nos números? Um plano pessoal e um plano das escolhas civis, do trabalho, da sociedade, etc.? Qual é o nexó entre o meu “sim” no reconhecimento da misericórdia sobre mim e as obras espirituais e corporais que a Igreja e o Papa nos indicam, para que estas não sejam um fazer moralista?»

Carrón. Vocês querem um exemplo de confusão das coisas? Aqui está! Uma vez fui ao Brasil e os responsáveis de uma determinada obra faziam-me da dificuldade em levar as coisas para a frente, porque não tinham os recursos necessários para prover às pessoas que acolhiam. Tinham decidido acolher todos porque, tendo eles sido acolhidos em primeiro lugar, deviam fazer o mesmo com os outros, sem limitações. E enquanto isso, a obra afundava-se. Mas o facto de todos nós termos sido acolhidos não significa que tenhamos os meios, os instrumentos, os recursos para levar adiante certas coisas no esforço de acolher a todos. Nós somos os primeiros a ter de obedecer à realidade. O Papa foi a Lesbos e não trouxe consigo todos os refugiados que encontrou. O próprio Jesus, que tinha o poder de curar toda a gente, não o fez. Será que o facto de não ter curado todos os doentes do seu tempo significa que não os amava a todos? Cristo ama toda a gente, mas segundo um desígnio que não é o Seu, e Ele foi o primeiro a submeter-se ao desígnio do Pai. Poderia ter ido a Roma, poderia ter ido a outros lugares, e no entanto não o fez, obedeceu, e através dessa obediência, pouco a pouco a Sua presença dilatou-se por toda parte no mundo.

Por isso, os números não contam, nem sequer no que diz respeito aos nossos pecados, porque somos sempre abraçados, e isto volta a pôr-nos constantemente em movimento para fazer o que podemos fazer, segundo um desígnio que não é o nosso. Chama-se «obediência». A misericórdia não é um fazer moralista. Ela é o fruto em nós do abraço misericordioso de Cristo. O prisioneiro, depois de se ter sentido olhado com misericórdia pelos amigos, teve o mesmo olhar de misericórdia para quem o tratava de um modo errado. Como nos dizia Dom Giussani: sob a pressão da comissão com que Deus nos trata, nós também podemos começar a imitar a Deus de um modo não moralista.

Prosperi. «Parecia-nos que tínhamos percebido, ou pelo menos intuitivo, aquilo que disseste nas duas meditações, até que chegaste à frase final sobre a missão, relativa à leitura feita por Bento XVI sobre a consciência

alcançada pela Igreja acerca da possibilidade de que também os não cristãos possam ser salvos. A pergunta que fizeste: «Então para quê propor a experiência cristã?» interpelou-nos. Pedimos-te para aprofundar mais este aspecto»

«Viver a letícia do encontro com Cristo é suficiente para sermos missionários ou há outro passo que é necessário dar?»

«O que quer dizer que a tarefa dos cristãos é *ser para?*»

Carrón. A primeira coisa que impressiona na entrevista de Bento XVI é a consciência que expressa com sua clareza do costume: depois do Vaticano II, a convicção de que quem não era batizado não se podia salvar e estava condenado para sempre foi definitivamente abandonada. Isto é, um facto histórico (a Reforma de Lutero, a época dos descobrimentos) ajudou a Igreja a aprofundar a natureza do cristianismo. Também nós, hoje, na nova situação em que nos encontramos, somos chamados a aprofundar a natureza do cristianismo e o nosso papel no mundo. Não podemos explicar tudo isto agora tintim por tintim, vamos voltar a este assunto, mas os pontos que indicamos dizem respeito a fatores decisivos a ter presentes para percebermos o que estamos a fazer no mundo. A primeira coisa que uma pessoa tem de fazer para responder é perguntar a si própria: qual é o desejo que eu tenho? Por que razão sinto a urgência de comunicar aos outros o que eu vivo? Tenho alguma coisa para comunicar aos outros que seja um bem para eles? A minha experiência de fé, a minha experiência livre de relação com Cristo, tornam a minha vida mais humana? Se tenho um amigo, um filho ou um colega que sente dificuldades e, pela graça que recebi, percebo que posso oferecer-lhe o contributo da minha experiência, sinto a urgência de a oferecer, mesmo se o outro pode igualmente entrar na vida eterna? Pela correspondência que percebi, pelo bem que Cristo me ofereceu e que torna minha vida totalmente nova, diferente, eu não tenho outro desejo que não seja partilhar com o outro aquilo que me foi dado a mim.

Quando fui a Vilnius, há algumas semanas, um amigo ortodoxo dizia: «Sabem o que mais me impressionou no encontro com o Movimento? Não os grandes gestos ou as relações com personalidades particulares, mas o facto de que mudava o quotidiano». A grande atração para ele era representada pelo facto de que o Movimento, o encontro com o Movimento, mudava esse quotidiano «que parte as pernas»¹⁸⁴ de que fala Pavese. Este encontro, este acontecimento que é o Movimento, nós queremos oferecê-lo a todos, qualquer que seja depois a sua decisão – se vão aderir

¹⁸⁴ C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Einaudi, Turim 1947, p. 166.

ou não, se vão ou não reconhecer Cristo como a origem da mudança humana que veem e que experimentam aderindo. Isto é o *ser para* de que falava Dom Giussani, que tem dois fatores: «O amor ao Facto de Jesus Cristo como única motivação verdadeira de qualquer tentativa e de qualquer presença» e «o amor pelo irmão [nas circunstâncias em que vive], [...] através da sucessão contínua das ocasiões». Desta forma, como posso «*ser para*»? «Compartilhando incansavelmente a situação de necessidade em que o homem se encontra; porque o cerne autêntico de toda a necessidade é a invocação, a maior parte das vezes inconsciente, ao Deus que se fez homem como nós para nos arrancar ao poder do nosso mal».¹⁸⁵

Prosperi. «Apostar na “liberdade pura” é uma posição que dá arrepios. Ouvi a meditação de hoje como uma verdadeira “revolução copernicana”, que não oferece nenhum paraquedas, senão o que é dado pelo diálogo permanente entre a Sua Presença dominante e o coração. Entendi isto como um “novo início” real no Movimento, na esteira do magistério pastoral do Papa Francisco. Mas isto redefine profundamente a modalidade da presença da Igreja no mundo (refreada por séculos à procura de “um lugar ao sol” ou de uma pátria, como diria Dom Giussani), também com consequências ecumênicas enormes. O que é que nos assegura ou – pelo menos – onde é que adquirimos uma certeza razoável de que este é o caminho que o Senhor nos pede hoje para que percorrer?»

Carrón. A certeza, podemos sempre ir buscá-la à correspondência que experimentamos naquilo que vivemos. Como Dom Giussani diz, a fé – nunca me cansarei de o repetir – é uma experiência presente, confirmada por esta experiência, ou seja, uma experiência na qual eu percebo a conveniência humana da própria fé, a sua pertinência às exigências da vida. Por isso eu não preciso de mais nada além de fazer a experiência da correspondência, da qual nasce a certeza, como aconteceu com Pedro. Há frases como esta que acabo de citar, ou como esta de São Tomás, frequentemente citada por Dom Giussani, que nos indicam o caminho: «A vida do homem consiste no principal afeto que a sustenta e no qual encontra sua maior satisfação».¹⁸⁶ A certeza razoável do caminho reside no facto de eu experimentar uma tal satisfação na relação com Cristo, que torna essa mesma relação, o afeto por Cristo, a consistência da vida. Mas o homem – como dissemos nos últimos tempos – só descobre isto através

¹⁸⁵ Ver aqui, pp. 70-71.

¹⁸⁶ Ver aqui, p. 60.

da sua liberdade. Consequentemente, a única possibilidade de chegar ao outro é a sua liberdade. Eu apenas posso testemunhar a conveniência da relação com Cristo, de forma a que o outro possa abrir-se para reconhecê-Lo livremente. Se depois essa experiência é confirmada, como diz a pergunta, pelo Papa Francisco, ou seja, pela referência última da Igreja, isso é uma ótima segurança para o caminho.

Também podemos ver, confirmada na experiência, a relevância ecumênica de que se fala. Em Vilnius era impressionante ver como se concretizava: havia lituanos, ucranianos, russos e cazaques, havia ortodoxos, católicos, cristãos de outras confissões. O que é que justificava o facto de estarem juntos? Só a atração do carisma encontrado. No nosso pequeno âmbito, nós temos já a confirmação da revolução que isto implica, sem nenhum tipo de violência, vendo como o cristianismo, quando é apresentado, vivido e testemunhado de certa maneira, ou seja, segundo a sua natureza, gera uma atração capaz de sanar divisões que duram há séculos. Esta é a confirmação que o Mistério nos dá. E é ao Mistério que desejamos obedecer. Enquanto eu contava isto ao Papa, durante a audiência que me concedeu nas últimas semanas, eu podia ver o espanto no seu rosto.

Perante o que eu vi em Vilnius, não consegui arranjar outra explicação além daquela que Dom Giussani sempre nos repetiu: que era um exemplo da grande revolução introduzida pelo cristianismo. Digo isto citando São Paulo: «Já não há judeu nem; não há servo nem livre; não há homem nem mulher; todos vós sois um só, em Cristo Jesus».¹⁸⁷ Já vimos isto em muitos momentos da nossa história, o que é uma confirmação de que, se formos fiéis ao carisma que nos foi dado, podemos dar um contributo também neste momento particular da vida da Igreja, marcado por tantas perguntas. Pela graça do carisma, Dom Giussani, tendo intuído antes de outros o que estava em jogo, tendo identificado qual era a justificação de que o homem de hoje precisa e tendo, portanto, proposto o cristianismo à sua razão e à sua liberdade, para que pudesse perceber a sua correspondência às próprias exigências humanas, antecipou as questões mais urgentes e introduziu-nos numa forma de viver o cristianismo adequada aos desafios do presente.

Por isso é muito bonito o momento que estamos a viver, que nos fará ser ainda mais gratos, como dizia o Davide no começo, pela graça que recebemos.

Peçamos a simplicidade de nos identificarmos cada vez mais com a proposta de Dom Giussani, a fim de podermos ver como a vida de cada um de nós floresce, para o bem de todos.

¹⁸⁷ Gal 3, 28.

AVISOS

Meeting pela amizade entre os povos 2016

Fiquei comovido por saber e por ver como os nossos amigos dos Estados Unidos viveram o gesto do *New York Encounter* no último mês de janeiro. As pessoas vieram dos vários estados e do Canadá às suas custas, pagando a viagem aérea e a hospedagem com não poucos sacrifícios. Estavam em Nova Iorque quer como voluntários, quer como visitantes, todos com o desejo de se encontrarem, com vontade de participar e de se envolver em tudo o que acontecia, pois estavam conscientes de que se tratava de um lugar onde podia acontecer algo de bom para eles.

É isto o que desejamos viver, também nós, no próximo Meeting de Rimini (aliás, comparativamente, para nós é mais fácil chegar e, assim, é menos difícil participar). Fazemos votos de que seja um lugar onde também possa acontecer algo de bom para todos nós, para os amigos que vamos encontrar e para quem convidarmos, para poderem ver e tocar uma tentativa de expressar uma experiência. Por isso, e só por isso, ousou convidá-los a irem ao Meeting pelo menos um dia.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 15,1-2.22-29; Sl 66(67); Ap 21,10-14.22-23; Jo 14,23-29

HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI

O texto do Evangelho que acabamos de ouvir convida-nos a retomar o caminho no tempo presente, aquele tempo que nos é dado agora e projeta-nos na festa próxima da Ascensão do Senhor.

No início dos anos setenta, Dom Giussani dizia a este respeito: «A nossa fé não pode ser vivida a não ser através da ausência de manifestações da força de Cristo segundo o modo da nossa espera [...]. A nossa vocação cristã não se torna autêntica senão nesta ausência [...]. Onde Cristo já não está, enquanto ação pessoalmente visível, então a sua ação coincide, identifica-se com as motivações e o operar da nossa pessoa» (*Dalla liturgia vissuta: una testimonianza*).

No Evangelho que acabamos de ler, esta coincidência e identificação da ação de Cristo com as nossas motivações e com a nossa ação são descritas pelo próprio Cristo com a imagem do «vir e fazer morada» d'Ele e do Pai nos discípulos, com os quais se estabelece uma relação de amor recíproco, de caridade recíproca.

Mas este «fazer morada», esta presença constante de Cristo e do Pai em nós, tem uma condição bem precisa: observar a Sua palavra. O verbo usado por João poderia ser mais bem traduzido por «guardar» a palavra de Cristo: a tónica não recai, com efeito, acima de tudo no aspecto ético da execução de um mandamento, mas antes em conservar a verdade desta palavra, em preservá-la da distorção e da corrupção, da degradação.

E a verdade das palavras de Cristo está sobretudo no facto de serem as palavras do Pai: ou seja, expressam aquela relação de total dependência que torna Cristo plenamente livre e plenamente capaz de expressar o rosto pleno da misericórdia do Pai.

Além disso, o Senhor acrescenta que «o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse»: guardar as palavras de Cristo, então, significa não tanto fechá-las numa definição e num significado que se querem já completamente definidos e exaustivos num conteúdo possuído de uma vez por todas. Em vez disso, guardar e observar a palavra de Cristo quer dizer submeter-se constantemente ao ensinamento do Paráclito, entrar numa relação e num processo no qual o significado das palavras de Cristo nunca é um «já sabemos» nosso, mas que continuamente nos é ensinado, lembrado e explicado pelo Espírito Santo.

E não é por acaso que o Espírito Santo é definido pelo Senhor como «Paráclito», ou seja, consolador, mas também advogado, defensor, sugerindo não tanto a ideia de um mestre que entra em dialética e descreve, mas antes a de um companheiro fiel e amado que nunca abandona nas várias circunstâncias do caminho.

O sinal último deste processo começado é o dom da paz: uma paz que não é o resultado de esforços de meditação, à maneira humana, ou de ausência de motivos de preocupação, mas sim vitória dada – graças à companhia do Espírito de Cristo enviado pelo Pai – sobre a perturbação e sobre o temor que nascem das circunstâncias concretas da vida.

Definitivamente, tudo isto não é um pensamento abstrato, mas antes uma indicação preciosa sobre o método de Deus na vida da Igreja, como nos é ilustrado imediatamente pela primeira leitura dos *Atos dos Apóstolos*. Aqui encontramos – de forma resumida – o relato de um evento capital para a afirmação da identidade do cristianismo, que aconteceu nos primeiríssimos anos depois da Ressurreição do Senhor. Em Antioquia, onde a fé em Cristo se afirma cada vez mais entre os pagãos, alguns discípulos provenientes do judaísmo afirmam que para a salvação é necessário que os convertidos sejam circuncidados e observem todos os mandamentos da lei de Moisés.

Por detrás desta atitude estão duas dinâmicas que é importante também para nós reconhecer, porque nos dizem respeito de perto: por um lado, estas pessoas, de modo peremptório, estabeleciam as condições da salvação independentemente de Cristo, como se n'Ele não houvesse nenhuma novidade em relação ao Antigo Testamento; além disso, a sua maneira de ver era míope e irrazoável, porque nem sequer contemplava a hipótese de que Deus pudesse agir de um modo novo e também reconhecível: cumprindo, isto é, a Nova Aliança prometida pelos Profetas.

A decisão final dos apóstolos, então, não é simplesmente o fruto de uma mediação ou a tentativa de encontrar um compromisso honrável. É, antes, o reconhecimento pleno da condução do Espírito Santo e do *método* que nos ensina para ler a história: ou seja, que «toda a verdade» (Jo 16,13) da ação de Deus não é simplesmente um *conteúdo dogmático para repetir, mas a aceitação de uma atitude nova com a qual olhar para a realidade, feita da certeza da presença de Deus e da Sua liberdade de expressar de maneiras sempre diferentes a Sua fidelidade à Aliança*, ou o Seu desejo de usar a misericórdia para suscitar a liberdade da nossa resposta de amor.

Também para nós se renova o convite para nos deixarmos instruir pelo Espírito Santo para compreendermos as palavras de Cristo e o amor

d'Ele e do Pai. Isaac de Nínive, um santo da Igreja da Síria, escrevia no sétimo século, precisamente durante a primeira invasão muçulmana, quando tudo parecia desmoronar: «Assim como não pode ser detida uma fonte rica de água com um punhado de areia, não pode ser vencida a misericórdia do Criador pelo mal das criaturas». E: «É só uma a causa da existência do mundo e da vinda de Cristo ao mundo: a revelação da grande caridade de Deus, que trouxe ambos à existência».

Peçamos também por nós, na obediência grata condução do Papa Francisco e do padre Julián, esta limpidez da fé e do juízo.

* * *

Regina Coeli

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,
tomar consciência de que o abraço de Deus é o abraço do Pai Eterno dá ao nosso coração, à nossa mente, à nossa ação uma solidez de outra forma impossível.

Peçamos à Virgem Santíssima que sustente, em unidade e liberdade, o caminho de todos os que encontraram o carisma do Servo de Deus Mons. Luigi Giussani.

Com afeto, uma bênção especial

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo padre Julián,
estou próximo durante estes Exercícios Espirituais, unido a vós na oração e na audição do carisma que retoma uma das expressões mais caras para Dom Giussani e para todos nós com a palavra do profeta Jeremias: «Amei-te com um com amor eterno, tive piedade do teu nada» (Jr 31,3). Esta «Misericórdia» é o verdadeiro ponto de partida que nos repete qual é a nossa origem e a nossa esperança e nos permite viver com simpatia todos os desafios que as circunstâncias nos põem. Quer sejam as belas e positivas, quer sejam as amargas e problemáticas.

Pelo magistério do Papa Francisco e pelo cargo que tenho na CEI, permito-me retomar o desafio do acolhimento dos imigrantes e o do cuidar da casa comum. O amor que nos salva do nada impele-nos à caridade do acolhimento e a um olhar integral para a criação a que o Papa chama «ecologia integral». Coisas que no contexto em que vivemos, também na nossa vida, não são certamente óbvias.

Fomos acolhidos e amados pelo carisma do Movimento, feito de pessoas concretas, e agora, com gratidão, estamos ainda mais desejosos de aprender, de viver em comunhão e de testemunhar com liberdade.

Que a graça dos Exercícios e o encorajamento que o Papa Francisco te manifestou há poucos dias aqueçam os corações das pessoas da nossa Fraternidade e nos tornem mais dóceis para aprender o carisma, para o seguir e para o comunicar a todos. *Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam.*

Com o meu abraço e a bênção do Senhor

S.E.R. monsenhor Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitana de Taranto

Caríssimo padre Julián,
que chegue até ti a minha saudação, a minha oração e os meus votos por ocasião dos Exercícios anuais da Fraternidade de CL.

Lembro-me com particular afeto de todo o nosso povo e peço-te o auxílio da sua oração.

*S.E.R. monsenhor Massimo Camisasca
Bispo de Reggio Emilia – Guastalla*

Caríssimo padre Julián,
estou próximo de vocês nestes dias dos Exercícios da Fraternidade em Rimini, que terão como tema a palavra que Deus dirige a Israel e a cada um de nós, através do profeta Jeremias: «Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada» (Jr 31,3). No Ano Santo da Misericórdia, não há ajuda maior que possamos dar-nos e que possamos oferecer aos nossos irmãos homens do que a renovada descoberta desta certeza e deste amor: somos um “nada” abraçado pela ternura do Mistério, que em Cristo revela o seu rosto bom.

Que o Espírito torne fecundo de graça o gesto dos Exercícios para toda a Fraternidade, para um serviço ainda mais apaixonado à Santa Igreja de Deus. Rezo por vocês e peço-lhes que rezem também por mim, nestes primeiros meses do meu serviço à Igreja de Pavia.

*S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia*

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

No final dos Exercícios Espirituais que reuniram em Rimini 22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação e outros milhares conectados por vídeo em 16 países do mundo, estamos gratos pela sua mensagem que, como carícia de Cristo, nos faz experimentar o espanto dos discípulos diante do Ressuscitado.

Repercorrendo a história da comoção de Deus para com o povo de Israel, sentimos como dirigido a nós o chamamento dos profetas à conversão. E no sim de Pedro ao abraço sem medidas de Cristo reconhecemos o início da moralidade nova, como Sua Santidade nos disse no dia 7 de março de 2015: «É graças a este abraço de misericórdia que surge em nós o desejo de responder e de mudar, e que pode nascer uma vida diferente». Nunca encontraremos nada de tão libertador.

Conscientes de que o testemunho só nasce da gratidão pelo gesto de Cristo, voltamos para as nossas casas desejosos de realizar o mandato que nos foi confiado: «Que todos os que seguem o carisma do saudoso Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia professando-a e encarnando-a na [...] e sejam sinal [...] da ternura de Deus» pela humanidade ferida que desespera da salvação e, no entanto, a procura com afã.

Ao celebrar a missa, o cardeal Bassetti lembrou-nos, com as palavras de Dom Giussani, que «o verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo». Nós queremos imitar a Deus, desejando ser como Jesus para comunicar a todas as pessoas que encontrarmos a misericórdia com que Cristo nos trata.

Queremos viver esta tarefa suprema do testemunho seguindo-o, Santo Padre, o profeta que o Senhor nos mandou neste tempo de mudança epocal para a nossa conversão. Sublinhando, como o vemos fazer a si, o positivo, embora com os seus limites, que descobrimos nos outros e abandonando o resto à misericórdia do Pai.

Assegurando-lhe a oração quotidiana de cada um de nós pelo seu ministério petrino, oferecemos-lhe todas as dificuldades e os sacrifícios para que a Igreja seja cada vez mais no mundo o lugar fascinante da humanidade redimida.

sac. Julián Carrón

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

os Exercícios da Fraternidade foram marcados pelo convite do Papa Francisco à conversão neste Ano Santo, para sermos testemunhas da misericórdia perante o homem de hoje que tanto precisa da graça e do perdão, como o senhor disse recentemente.

Conscientes de que o método de Deus na sua relação com os homens é discreto, não se quer «impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor», pedimos-lhe uma oração por toda a nossa Fraternidade, para vivermos a mesma simplicidade de Dom Giussani diante de Cristo, para renovarmos o nosso sim ao Senhor que continua a ter piedade do nosso nada.

Da nossa parte, continuamos a pedir para si aquela inteligência da realidade que nasce da inteligência da fé, para ser, ainda por muito tempo, nosso amigo e pai na fé.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

Vinte e dois mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais neste Ano Santo da misericórdia, acolhendo o convite do Papa Francisco à conversão, renovam a vontade de professar e encarnar a misericórdia na sociedade italiana para serem sinal da carícia de Cristo que alcança os seus irmãos homens a fim de experimentarem o abraço do Pai que nos salva.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanisław Rylko

Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima,

Vinte e dois mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais neste Ano Santo da misericórdia, garantem o empenho na conversão para testemunhar a

beleza da misericórdia a uma humanidade ferida e, no entanto, deseja a salvação que só o Cristo Ressuscitado pode dar.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão*

Caríssimo Angelo,
gratos pela tua mensagem, asseguramos-te que estes Exercícios Espirituais foram a ocasião para aquela conversão a que nos convida constantemente o Papa Francisco e para fazermos experiência daquela unidade na liberdade que Cristo realiza nos que cedem à atração da Sua misericórdia dentro da vida da Igreja, mais poderosa e fiel do que qualquer resistência e distração nossas.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. monsenhor Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitana de Taranto*

Caríssimo Filippo,
Agradecemos-te o que nos escreveste e asseguramos-te que, na memória viva de Dom Giussani e no seguimento ao Papa Francisco que nos convida à conversão, queremos servir a Igreja comunicando a todos a misericórdia com que Cristo se debruçou sobre o nosso nada e nos acolheu como o pai do filho pródigo.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. monsenhor Massimo Camisasca
Bispo de Reggio Emilia - Guastalla*

Caríssimo Massimo,
O teu bilhete encontra todo o nosso povo reunido em Rimini e unido na memória de Dom Giussani, nosso pai na fé, e no seguimento ao Papa Francisco que nos convida à conversão para sermos testemunhas da misericórdia.

sac. Julián Carrón

S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia

Caríssimo Corrado,
obrigado pela tua carta; nestes dias experimentamos o abraço de Cristo ao nosso nada, que suscita em nós uma gratidão sem fim e o desejo de servir a Igreja no seguimento ao Papa Francisco, testemunhando a beleza da misericórdia, única esperança para a humanidade ferida de hoje.

sac. Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Ao cuidado de Sandro Chierici

(Guia para leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição das peças de música clássica à entrada à saída)

O ciclo de marfins do museu diocesano de Salerno

O mais vasto ciclo de marfins da Alta Idade Média (fim do séc. XI) que chegou até nós, que provavelmente ornamentava uma cátedra episcopal, apresenta a história da salvação – com poucas lacunas – com a linguagem ao mesmo tempo essencial e simbolicamente evidente típica da cultura figurativa da época. A misericórdia do Pai que tira do nada todas as coisas prolonga-se na história através dos grandes patriarcas – Noé, Abraão, Moisés – e atinge o seu auge no dom do Filho. A misericórdia de Cristo, testemunha do Pai, oferece aos homens uma possibilidade de vida e de relação com a realidade que se revela plenamente no sacrifício de si e se cumpre na aceitação do dom do Espírito. Qualquer misericórdia humana só tem sentido na medida em que testemunha a misericórdia da Trindade.

A criação das estrelas
A criação das plantas
A criação dos peixes e das aves
A criação dos animais terrestres
A criação da mulher
A tentação e o pecado original
A expulsão do Paraíso
O trabalho dos progenitores
O sacrifício de Caim e de Abel
O assassinato de Abel e a fuga de Caim
Deus ordena a construção da arca
A construção da arca
Deus fecha a arca
O fim do dilúvio
A saída da arca
Deus abençoa Noé
Noé cultiva a vinha
A embriaguez de Noé
A construção da torre de Babel
A aparição de Deus a Abraão em Siquém

O sacrifício de Isaac
O sonho de Jacó
A aparição na sarça ardente
A entrega das Tábuas da Lei

A visitação
A dúvida e o sonho de José
A viagem a Belém
A Natividade
O anúncio aos pastores
A apresentação no templo
Os Magos perante Herodes
A adoração dos Magos
O sonho de José
A fuga para o Egípto
O massacre dos inocentes

As bodas de Caná
O Batismo de Jesus
A vocação de Pedro e André
O encontro com a Samaritana
A multiplicação dos pães
A cura do paralítico
O cego de nascença
A Transfiguração
A ressurreição do filho da viúva de Naim
A cura de um hidrópico e do paralítico
A ressurreição de Lázaro e a entrada em Jerusalém
A última ceia e o lava-pés
A crucificação
A descida aos infernos
As Marias no sepulcro
Jesus aparece às mulheres
As mulheres correm até os apóstolos
Os discípulos de Emaús
Jesus aparece para os apóstolos
A incredulidade de Tomé
A aparição de Jesus no lago de Tiberíades
A Ascensão
O Pentecostes

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 29 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO* 20

Sábado, 30 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — «*O palpitar co coração [de Deus] é a piedade pelo teu nada*» 21

SANTA MISSA — *HOMILIA DE S. E. R. CARDEAL GUALTIERO BASSETTI ARCEBISPO METROPOLITA DE PERÚGIA - CITTÀ DELLA PIEVE* 44

Sábado, 30 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — «*Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema*» 50

Domingo, 1 de maio, manhã

ASSEMBLEIA 73

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PADRE FRANCESCO BRASCHI* 92

MENSAGENS RECEBIDAS 95

TELEGRAMAS ENVIADOS 97

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 101
